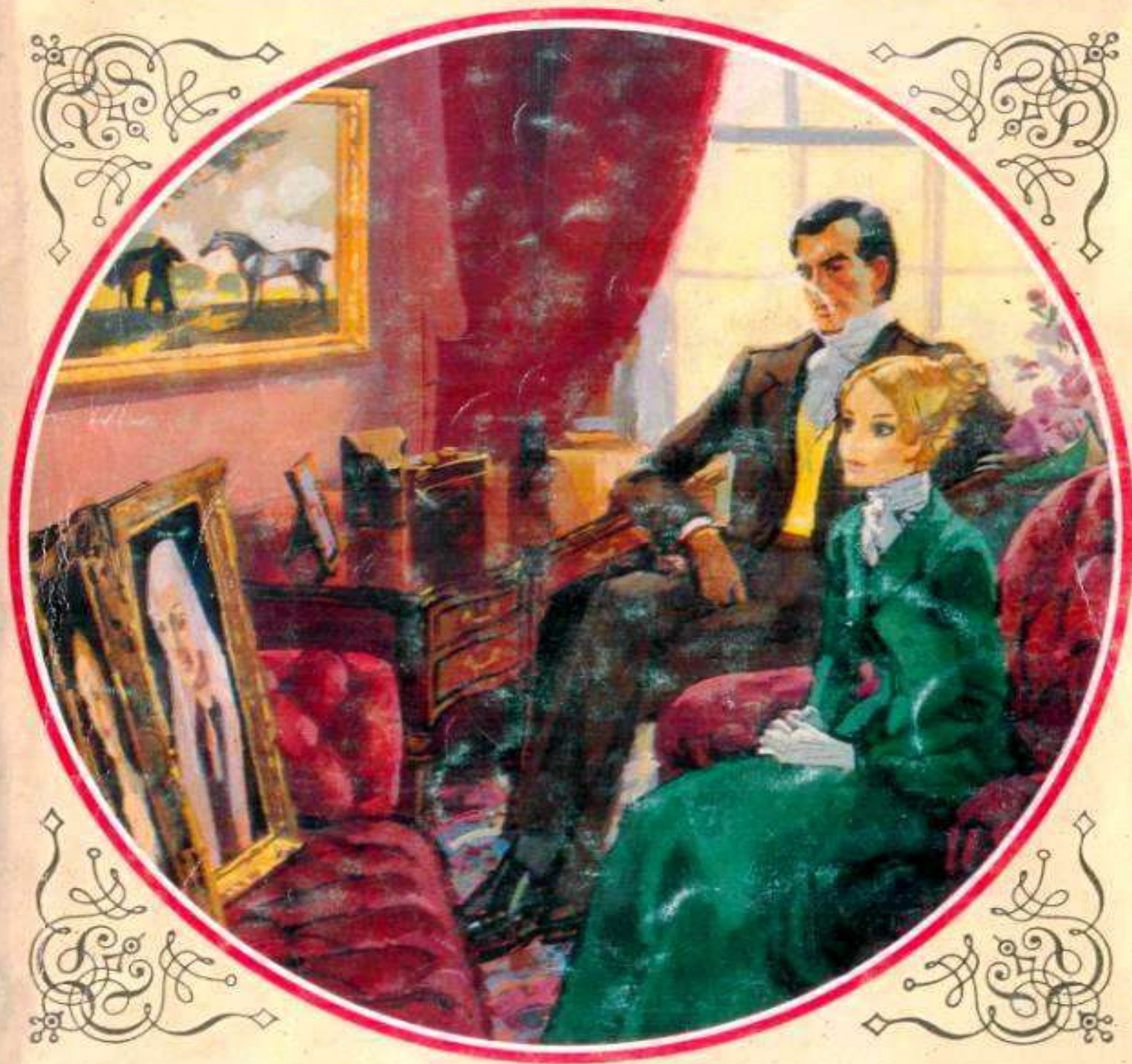


BARBARA CARTLAND



O destino da rosa

Uma rosa azul, um rosto estranho,
o amor para sempre... para Nikole



O DESTINO DA ROSA

BARBARA CARTLAND

Coleção Barbara Cartland nº 233

Título original: **The scent of roses**

Copyright: © Barbara Cartland 1988

Tradução: J. Braun

Copyright para a língua portuguesa: 1989

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressa na Artes Gráficas Parâmetro Ltda.

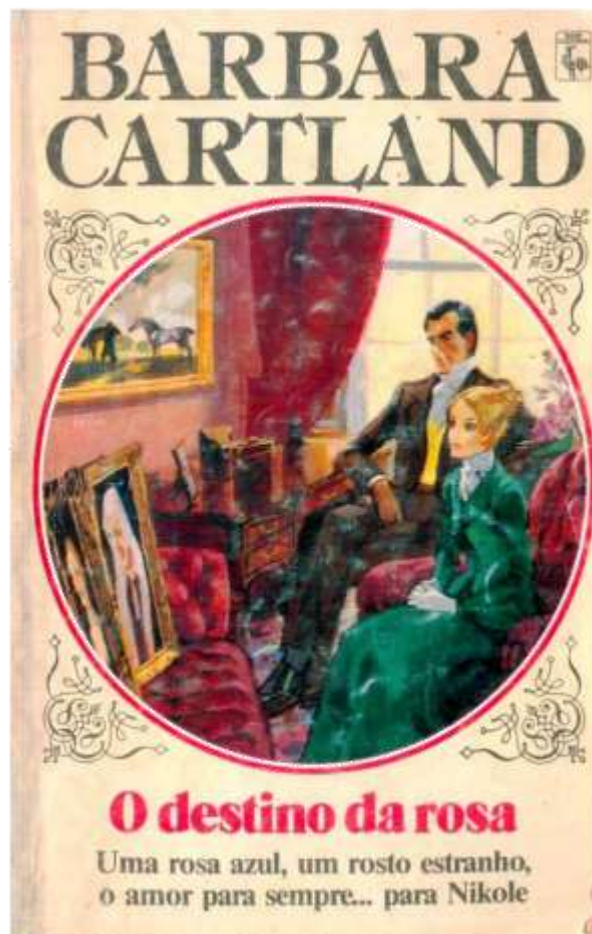
Projeto  Revisoras

***Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.***

Digitalização:



Revisão: Crysty



Uma rosa azul, um rosto estranho, o amor para sempre... para Nikole

Nikole admirava a beleza do caminho que conduzia ao castelo do marquês de Ridgmont. Os ramos das árvores pareciam formar um túnel verde sobre os passantes. Ao entrar no salão, com os cabelos loiros enfeitados por pequenas rosas azuis, ela era a mesma imagem, quase um reflexo, de um quadro que estava sobre uma cadeira. Seu murmúrio de espanto não foi ouvido pelo marquês que, ao vê-la, exclamou: "O que pretende, fazendo-se passar por uma nobre morta há mais de cem anos?!"

BARBARA CARTLAND

A mais famosa e perfeita autora de romances históricos, com 350 milhões de livros vendidos em todo o mundo.

NOTA DA AUTORA

O czar Alexandre II jamais gostou de guerras. A imperatriz, porém, tinha a firme intenção de devolver a Constantinopla o título de maior cidade do mundo cristão.

Os russos, por sua vez, havia décadas acalentavam o sonho de abrir os canais daquela cidade às suas embarcações.

Em 1875, a Sérvia declarou guerra contra a Turquia, fazendo com que milhares de voluntários russos afluíssem para Belgrado.

Depois da insurreição na Bulgária, as terríveis represálias dos turcos foram descritas por um diplomata inglês da seguinte forma:

— Eis que presenciamos o crime mais horrendo do século!

Na Grã-Bretanha, mr. Gladstone, líder da oposição, envolveu-se impetuosamente com essa causa e o povo o aplaudiu muito. Enquanto que seu primeiro-ministro, lorde Beaconsfield, estava plenamente consciente de que o único país que os russos temiam, em sua feroz marcha para Constantinopla, era a Grã-Bretanha.

O czar russo, pressionado pelo grão-duque Nicholas, seu irmão, bem como pela própria imperatriz, acabou declarando guerra na primavera de 1877. É aqui que nossa história começa.

A sugestão do marquês quanto a uma demonstração de força da Grã-Bretanha afinal foi acatada.

Graças a essa intervenção o conflito durou apenas nove meses, os russos não chegaram a tomar Constantinopla e tiveram impedido seu acesso ao Mediterrâneo, que ainda tinham esperanças de alcançar através da Bulgária.

Foi como disse lorde Beaconsfield, exultante, à rainha Victoria:

— O príncipe Gorchacov já anda se lamentando por ter sacrificado tantos dos seus melhores soldados, além de centenas de milhares de libras para nada!

Quando visitei Cuzco, em 1977, ainda havia por lá várias pinturas do século XVII muito bonitas amarelando ao sol, algumas já quase sem moldura, abandonadas às traças por pura negligência.

O quadro *A Virgem no Jardim de Rosas*, de Lochner, encontra-se hoje no museu do Louvre, em Paris.

CAPÍTULO I

1877

Nikole passeava pelo jardim.

Enquanto caminhava por entre os canteiros, pensava como era bela a casa em que moravam.

King's Keep era propriedade de sua família desde o reinado de Henrique VIII e chegara a ser utilizada como residência de caça pela rainha Elizabeth.

A casa ainda trazia o perfume não apenas de sua história gloriosa, mas também de todos os fantasmas do passado, pensava Nikole.

Era portanto bastante compreensível que seu irmão a amasse mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Rindo, ela sempre lhe dizia:

— Sua esposa, se é que um dia você vai ter uma, vai sentir-se desesperadamente enciumada de King's Keep.

— É a minha casa! — ele respondia, bravo. — Minha, e ninguém vai tirá-la de mim!

Desde criança ouvia a mesma coisa.

No entanto, naquele momento, quando pensava no que ele vinha fazendo para que King's Keep pudesse continuar sendo sua, estremecia.

Passeando pelo jardim enquanto o esperava, Nikole tentava imaginar, apreensiva, o que ele teria ido fazer.

— Como podemos continuar dessa maneira? — ela se perguntava.

Olhava para a casa enquanto falava, sem vê-la, porém, na verdade.

Em seu coração, as palavras soavam como uma prece, endereçada à mãe. Nikole sabia que ela entenderia melhor que o pai o perigo que havia no atual comportamento de seu irmão.

De certa forma, até era capaz de entendê-lo. Sabia o quanto lhe era doloroso ver a casa tão mal conservada. Não tinham dinheiro suficiente para mantê-la em perfeita ordem como antes.

Sir James Tancombe, seu irmão, era o décimo baronete de King's Keep, e extremamente orgulhoso de sua linhagem.

Nikole sempre pensara que se um dia King's Keep lhe fosse tirada,

ele morreria imediatamente, pois seu coração não resistiria a tamanha dor.

Tinham bem poucos empregados no momento, e Nikole ainda era obrigada a ajudá-los quase que desde o instante em que se levantava até a hora de deitar-se.

Se houvesse uma nódoa de poeira no chão, se uma peça de mobília precisasse de polimento, ou se uma das velhas, mas ainda suntuosas cortinas precisassem de um remendo, James, com seus olhos de águia, num instante o perceberia.

Esse tipo de coisa o feria como se o tivessem atingido em sua própria carne.

Naquela manhã, ele estava voltando para casa por isso Nikole tratara de inspecionar todos os cômodos. Procurara certificar-se de que nada estava fora do lugar.

Ainda podia lembrar-se da agonia estampada nos olhos de James quando há um ano o teto de um dos quartos cedera. Desde então, viviam praticamente a pão e água: o pouco dinheiro que tinham era para os reparos da casa.

Até que um dia Jimmy, como ela chamava o irmão, exclamara:

— Isso não pode mais continuar, e eu já sei exatamente o que vou fazer!

— E o que é? — Nikole perguntara.

Não tinha esperanças de que ele tivesse pensado em algo que realmente pudesse ajudá-los.

Mas apenas uma semana antes disso, em conversa com James, um dos seus parentes lhe dissera rudemente:

— Não adianta, James, não posso mais ajudá-lo. O melhor que você tem a fazer é vender King's Keep. Afinal de contas, é só uma casa velha!

Nikole vira a fúria brotar nos olhos do irmão. Sabia muito bem que King's Keep não era só uma casa para ele. Era tudo — tudo o que tinha algum significado, alguma importância, tudo que lhe dava ainda uma tênue sensação de segurança.

Lembrava-se bem de James ainda jovem, a felicidade que trazia no olhar quando voltava para casa, vindo da escola.

— Já cheguei! Já cheguei! — ele gritava

Na verdade, não era do pai ou da mãe que sentira falta, mas sim de King's Keep.

Agora, só o que a consolava era saber que os pais jamais poderiam tomar conhecimento do quanto sentia-se chocada com o que James vinha

fazendo

Certo-dia, ele a levava para passar algum tempo na casa de uma velha tia, uma Tancombe também, antes de casar-se com lorde Hartley. Agora, era viúva e muito rica. Nikole pensara na ocasião ser extremamente improvável que Jimmy conseguisse tirar-lhe um centavo sequer. Ainda assim, não tinha dúvidas de que era o propósito daquela visita.

Percorreram estradas de chão batido estreitas e sinuosas, o que tornara a viagem bastante cansativa.

Durante todo o caminho, Nikole desejou que tivessem ficado em casa.

Fora Jimmy quem sugerira fazer aquela visita. Nikole sabia que ele esperava persuadir a tia a dar-lhes dinheiro suficiente para os reparos que precisavam ser feitos urgentemente no teto de King's Keep. Os vidros em forma de losango precisavam ser trocados, e as tábuas do assoalho, que em vários dos principais cômodos começavam a ceder, necessitavam ser reassentadas em suportes mais fortes. Mas ela sabia também que Seu irmão iria desapontar-se grandemente. Todo o charme que ele possuía, capaz de fascinar a maioria das mulheres, seria totalmente desperdiçado com a tia Alice.

Por isso, com muito cuidado, ela lhe dissera:

— Jimmy, querido, a tia Alice é muito avarenta. Na última vez em que estivemos lá, a *nanny* me disse que os criados mal tinham o que comer.

— Sim, eu sei — Jimmy limitara-se a replicar.

— Ela nunca dá um centavo sequer, nem para caridade. Segundo *nanny*, ela lamenta até o gasto com as flores que põe no túmulo do marido.

Jimmy riu.

— Acho que já ouvi muitas histórias a respeito de nossa tia, mas esta é nova para mim!

— Então você acha realmente que ela vai ouvir seu pedido de dinheiro para a reforma de King's Keep?

— Eu não vou pedir nem um centavo a ela! — Jimmy esbravejara. Nikole o fitara atônita.

— Não? — repetira. — Então por que estamos indo fazer essa visita?

— Logo você vai descobrir — Jimmy respondera, evasivo. Afinal, chegaram na casa enorme e feia da tia. Ela ficava no meio de um vasto jardim, que por sua vez era todo rodeado por um bosque.

O jardim não estava bem conservado. Obviamente, lady Hartley economizava também no número de jardineiros que empregava.

Quando entraram pela porta da frente, Nikole notara que o casaco do mordomo estava bastante puído.

Mesmo o colete da libré dos lacaios era quase que só farrapos.

— Não consigo imaginar — Nikole dissera para si mesma — por que Jimmy insistiu em vir para este lugar tão deprimente.

Tia Alice os esperava na sala de visitas.

— Ah, aí estão vocês! — ela exclamou assim que os viu entrar. — É bom vê-los de novo. Embora eu ache que os criados não vão gostar muito do trabalho extra que vocês representam.

— Faz tanto tempo que não a visitamos — Jimmy respondera, com um dos seus mais charmosos sorrisos estampados no rosto — e a senhora sabe, tia Alice, como cabeça da família, sinto-me na obrigação de manter contato com todos os parentes.

— Pessoalmente, acho isso uma perda de tempo — replicara lady Hartley, agudamente — mas agora que estão aqui, que tal uma taça de *sherry*?

— Aí está algo que seria muito bem-vindo depois de toda a poeira das estradas — Jimmy respondeu.

Fora lhe dado então um copo minúsculo. Havia ali dentro *sherry* suficiente apenas para um ou dois goles bem pequenos.

A Nikole, por ser mulher e jovem, nada fora oferecido apesar de sua grande sede.

Contentou-se afinal quando lhe foi permitido subir e trocar-se para o jantar. Só então pôde beber a água que havia na jarra de vidro sobre o lavatório.

O jantar fora bastante modesto, embora o frango que comessem, principal prato da noite, tivesse vindo da granja da casa.

Quanto a Jimmy, lhe fora permitido tomar dois copos de um vinho branco um tanto insípido, além de um pequeno cálice de vinho do porto. Nikole novamente nada tivera para beber, nem mesmo água.

Seu irmão, no entanto, conversara animadamente com lady Hartley durante o jantar, contando-lhe histórias sobre outros parentes que tinham em comum.

Não lhe poupara, é claro, os mais diversos elogios, o que com certeza era uma total novidade para tia Alice.

Ela a todos ouvira com uma certa reserva.

Depois do jantar, já na sala de visitas, Jimmy dissera:

— Sabe que eu nunca notei antes o grande número de quadros que a

senhora possui, tia Alice? E esta sua coleção de caixinhas de rape, então, é uma beleza!

— Não fui eu quem as colecionou — replicou lady Hartley. — Seu tio Edward gastava uma boa quantidade de dinheiro comprando coisas que só tinham interesse para ele.

— Bem, pois elas me interessam também! — disse Jimmy. — Acho que vou aproveitar a oportunidade, já que estou aqui, para dar uma olhada em todos os tesouros que tio Edward acumulou. Prometo que vou olhá-los com o mesmo carinho que teria se fossem meus.

— Creio que você tem bastantes “tesouros”, como você os chama, em King's Keep! — lady Hartley replicou acidamente.

— Nunca se tem o suficiente do que é realmente bom — foi a vez de Jimmy retrucar.

Enquanto assim falava, ele se levantou e deu uma volta pela sala de visitas, examinando bem todos os quadros. Em seguida saiu da sala explicando que queria examinar alguns dos outros cômodos.

Assim, lady Hartley pôs-se a contar a Nikole as dificuldades que tinha para conseguir bons criados. Segundo ela, a extravagância dos mais jovens a amedrontava. Sempre preferiam jogar fora um lençol puído a ter de cerzi-lo.

Jimmy demorou um bom tempo a voltar.

Nikole não podia imaginar o que haveria naquela casa tão feia que pudesse interessá-lo.

Os quadros poderiam até ser bons, mas precisavam de uma boa limpeza. E a falta de iluminação tampouco os favorecia.

As paredes em que estavam pendurados eram pintadas de uma cor parda, ou, quando não, revestidas de papéis estampados que Nikole achou bastante tristes.

Quando Jimmy voltou para a sala de visitas parabenizou sua tia pela forma como ela mantinha a casa.

— Pelo que pude perceber, tia Alice — disse ele —, assim como eu, a senhora espera no mínimo a perfeição de sua criadagem. Mas é triste ver tantos quartos trancados e aparentemente sem uso.

— Não posso manter um monte de gente aqui comigo, me visitando o tempo todo — respondeu lady Hartley. — Não quero saber de bandos de matracas fofoqueiras por aqui, nem de ser convidada para bailes e recepções destinados apenas para os que não têm mais o que fazer.

Nikole lançou um olhar ansioso para a tia.

— Adoraria ir a um baile — disse então. — Talvez no ano que vem, quando já não estivermos mais de luto, Jimmy possa cuidar disso.

— Se está pensando em passar uma temporada em Londres, eis aí algo que tenho certeza absoluta de que vocês não terão condições de arcar! — disse lady Hartley.

Ela pareceu não ver o desapontamento nos olhos de Nikole, e continuou:

— Uma amiga estava me contando há poucos dias o quanto lhe custou para fazer sua filha debutar na sociedade londrina. E o que é pior, vocês não vão acreditar, depois de todo o trabalho que teve, a estúpida da menina não recebeu uma proposta de casamento!

— Quer dizer... que os pais dela esperavam que, levando-a a Londres, ela fosse encontrar um... um marido? — Nikole perguntou, hesitante.

— Mas é claro! — lady Hartley confirmou. — Não me surpreende que as jovens de hoje em dia achem tão difícil conseguir um marido uma vez que...

Mas Nikole não prestava mais atenção. Já ouvira o suficiente quanto ao ponto de vista da tia sobre os jovens.

— Como são arrogantes e impertinentes! — exclamara a velha senhora nesse momento.

Era tolice tentar discutir com ela esse assunto.

De uma coisa, porém, Nikole tinha absoluta certeza: se tinha vontade de um dia brilhar na sociedade londrina, de modo algum poderia contar com a ajuda de tia Alice. Na verdade, sabia que ela jamais se ofereceria para pagar-lhe uma saia, que dirá um vestido de baile!

Nikole tentava imaginar se não seria essa uma das razões por que Jimmy a levava até ali. Fosse realmente esse o motivo, e tivesse ele lhe pedido a opinião, não teria hesitado em lhe dizer que aquela viagem seria uma total perda de tempo.

Voltaram para casa na manhã seguinte.

Para Nikole era mais que óbvio o enorme prazer que sua tia sentira em vê-los partindo.

Tinha a impressão até de que lady Hartley lamentava-se inclusive pelos bocados de comida que haviam consumido.

— Espero que venha nos visitar em King's Keep — Jimmy a convidara polidamente, enquanto se despediam.

— É longe demais para os meus cavalos — retrucara tia Alice.

Enquanto se afastavam pela estrada, Nikole comentou:

— Espero do fundo do coração que não tenhamos de voltar aqui novamente! As camas são desconfortáveis, e a minha tinha poucos cobertores.

Olhava para o irmão enquanto falava. E, para sua surpresa, viu que ele sorria.

— Você não pode ter gostado de ter vindo aqui, Jimmy! — exclamou. — Não consigo entender como papai, sempre tão brincalhão e generoso, podia ter uma irmã mais velha tão miserável como essa!

— Nem eu — Jimmy replicou. — Mas notou que aquela casa está abarrotada de peças de colecionador?

— Está se referindo aos quadros? — Nikole perguntou.

— Tio Edward sabia o que estava fazendo quando os comprou — Jimmy continuou. — Devem ter valorizado pelo menos doze vezes mais desde a época em que foram adquiridos.

Nikole deu de ombros.

— Não vejo como isso possa nos ajudar. Jimmy não respondeu.

De volta a King's Keep ele subira para seu quarto e Nikole fora descansar na sala de visitas.

Horas depois, enquanto remendava uma peça de tapeçaria, ela viu-o entrar na sala e levantou o olhar. Percebeu imediatamente que Jimmy trocara de roupa e que trazia alguma coisa em suas mãos.

— Já desfez suas malas? — ela perguntou. — Não havia motivo para fazê-lo. Eu ia cuidar disso depois do chá.

— Eu as desfiz porque quero mostrar algo a você — Jimmy respondeu.

Dito isso, colocou o que levava nas mãos sobre a mesa. Nikole levantou e aproximou-se do irmão.

Só então viu o que ele tinha a lhe mostrar: eram duas estatuetas muito bonitas e uma pequena pintura a óleo.

— O que é isto? — perguntou.

— Encontrei a pintura em um dos quartos lá de cima, que estão sempre trancados e nunca são usados.

— Quartos de cima? — Nikole repetiu, sem entender. Mas imediatamente levou as mãos à boca para reprimir um grito que por pouco lhe escapava.

— Você quer dizer... que estas coisas pertencem à tia Alice? Oh, Jimmy, como pôde fazer uma coisa dessas?

— Foi fácil — ele respondeu, clinicamente. — E tenho certeza de que aquela velhota nunca sentirá falta deles!

Nikole soltou um grito.

— Mas, Jimmy... isto é roubo!

— Por uma causa justa — ele replicou, mais que depressa. — O dinheiro que conseguir com isto aqui irá para o conserto do telhado.

Nikole o olhava horrorizada.

— Mas... você não está pretendendo vendê-los, está? Jimmy, podem jogá-lo para sempre dentro de uma prisão por roubo!

— Este é um risco que terei de assumir — ele respondeu. — Afinal de contas, por que aquela velha bruxa tem de ficar sentada sozinha em cima de uma verdadeira mina de ouro? Ela não gosta dessas coisas e, certamente, não tem a menor intenção de compartilhá-las com mais ninguém.

Nikole só o que sabia fazer era olhar fixo para ele.

E pensava em quão chocada ficaria sua mãe se soubesse o que estava acontecendo.

Jimmy estava roubando, embora o fizesse por causa de sua tão adorada casa.

— E as estatuetas? — ela perguntou, a voz falha, depois de um momento.

— Eu as encontrei dentro de uma gaveta na escrivaninha do escritório do tio Edward. Ele deve tê-las comprado pouco antes de morrer, e não teve tempo de guardá-las em um local mais apropriado.

Ele tocou uma delas gentilmente.

— Ambas têm mais de cem anos. Não vejo razão para que alguém as associe com o titio, depois que eu as vender.

— Mas... suponhamos que alguém suspeite que elas não pertencem a você?

— E quem seria capaz de fazer isso? — Kimmy retrucou.

— Pelos modos de tia Alice, duvido que ela pretenda encorajar alguém da família a visitá-la.

Afinal Jimmy pareceu perceber o olhar assustado da irmã. Procurou então acalmá-la, passando os braços ao redor de seus ombros.

— Ora vamos, Nikole, seja compreensiva! Temos de salvar King's Keep. O que fiz ao pegar estas coisas não vai fazer mal a ninguém.

— Mesmo assim... está errado, eu sei que está! — Nikole, insistente, murmurou.

— Bem, neste caso, acho que isto também vai aborrecê-la — disse

Jimmy.

E enfiou a mão dentro do bolso, tirando dali algo muito pequeno que segurou na palma da mão.

O pequeno objeto brilhava à luz do sol que entrava pela janela.

— O que é isto? — perguntou Nikole, num tom assustado.

— Um diamante!

— Onde você o conseguiu?

— Dentro de uma das caixinhas de rape.

Nikole soltou um grito abafado de horror, mas Jimmy continuou:

— Se tia Alice ou qualquer outra pessoa perceber que ele não está em seu devido lugar, o que é muito improvável, pensarão simplesmente que alguém o deixou cair e se perder, talvez há anos até.

Ela não disse palavra.

Depois de um momento, Jimmy prosseguiu:

— Você já deve ter percebido que as pessoas, depois de algum tempo, deixam de notar a presença de objetos que lhe são muito familiares, coisas que estiveram sempre por perto.

Isso era verdade e Nikole poderia bem comprovar o que ele estava dizendo dentro dos próximos meses.

Jimmy vendera o que roubara, aos olhos de Nikole, por uma grande soma em dinheiro.

Pensou então que seu irmão se daria por satisfeito.

O dinheiro deu para consertar o telhado e também as janelas e o assoalho.

O tempo todo havia trabalhadores na casa. Enquanto isso, Nikole tentava convencer-se de que o que Jimmy fizera não era algo realmente tão errado.

Afinal, o dinheiro fora usado na preservação de algo de valor histórico.

Ao mesmo tempo, rezava para que ele jamais fosse punido.

Sua mãe, no entanto, com certeza teria achado aquilo tudo um grande pecado.

Foi só quando o dinheiro acabou que Nikole percebeu que Jimmy era incansável em sua determinação.

— As cortinas do hall estão desbotadas — ele comentou um dia. — Acho que deveríamos fazer alguma coisa quanto a isso.

— Creio que não poderemos arcar com mais essa despesa — Nikole respondera, sem pensar.

Só então viu a expressão no rosto do irmão. Imediatamente, sentiu como se dedos gélidos lhe apertassem o coração.

— Oh, não, Jimmy! — ela gritou. — Você não está pensando... Mas era exatamente no que ele pensava.

Uma semana depois Jimmy lhe disse que iriam visitar um outro parente, que morava em uma região isolada de Norfolk.

Tratava-se de um primo que se casara com uma mulher muito rica, porém de sangue não tão nobre quanto o dele.

A família Tancombre sempre suspeitava de que o dinheiro que ela possuía provinha do comércio.

Eles tinham duas filhas bastante comuns, ambas em idade de casar.

No momento em que chegaram Nikole percebeu que eles consideravam Jimmy mais como o décimo baronete da família do que como primo propriamente, o que equivalia dizer que ele era um excelente partido para uma de suas filhas.

A casa era certamente um contraste com a avareza e o desconforto que haviam suportado com lady Hartley.

O coronel Arthur Tancombe e sua esposa viviam de modo muito mais luxuoso.

Tinham quatro lacaios no hall e duas criadas para desfazer a pequena bagagem de Nikole.

Beberam champanhe antes do jantar. E mais tarde, enquanto comiam, vários tipos de vinho foram servidos, combinando-os com cada tipo de prato.

O coronel e a esposa disseram ter estado na corte no ano anterior. Haviam oferecido um baile aos nobres de Londres, e pretendiam realizar um outro, no campo.

A única coisa a se lamentar neles é que eram excessivamente comuns.

Nikole acabou descobrindo que eles gostavam muito de montar, e não pôde impedir a idéia de que certamente ficariam melhor sobre um cavalo.

Jimmy, por sua vez, agia com todo o seu charme e elegância, não só com as duas moças, mas também com a sra. Tancombe.

Estavam todos deliciados com ele.

— Seu irmão é um jovem encantador — comentou a sra. Tancombe a Nikole. — Não posso entender por que ainda não se casou.

— Receio que ele não possa arcar com as despesas de um casamento

— respondeu Nikole, francamente.

— Ainda assim, há um grande número de herdeiras à procura de um marido — insinuou a sra. Tancombe, como que para deixar bem claro quais eram suas intenções e esperanças.

Mais tarde, naquela mesma noite, ela confidenciou a Nikole que Adelaide, sua filha mais velha, recebera proposta de casamento de um homem que nada tinha a oferecer-lhe senão sua árvore genealógica.

— No entanto, não havia grandes títulos de nobreza na família dele — explicara a sra. Tancombe — e como ele tinha trinta e nove anos, achamos que era velho demais para Adelaide.

— Sim, muito velho — concordou Nikole. — Espero que ela encontre alguém a quem realmente ame.

A sra. Tancombe riu.

— Minha mãe sempre dizia que o amor vem depois do casamento, com a convivência. Eu tive muita sorte e me apaixonei por meu marido tão logo o vi.

Olhando para o coronel, Nikole pensou que ele sem dúvida alguma devia ter sido muito bonito na juventude. A boa aparência era bastante comum na família Tancombe.

Era portanto uma pena que suas filhas se parecessem tanto com a mãe.

Fora o dinheiro da sra. Tancombe que mobiliara a casa de forma tão extravagante. Os quadros, no entanto, haviam sido colecionados por várias gerações da família do coronel.

Nikole não se surpreendeu ao ver Jimmy observá-los com tanto interesse.

— É bom saber que se interessa por esse tipo de coisa — ela ouviu o coronel dizer a seu irmão. — Sempre quis ter um filho que honrasse meu nome.

— Estou particularmente interessado nos retratos da família — Jimmy replicou. — Vejo que o senhor tem também aqui uma grande coleção de mestres antigos.

— Pertenceram ao meu bisavô — respondeu o coronel. — Aliás, sempre tive a impressão de que ele comprou esta casa unicamente por ela ter tantas paredes!

Ele riu.

— Bem, parece que ele conseguiu mesmo cobri-las — Jimmy observou.

Acompanhado pelo coronel, conheceu todas as salas da casa. Em uma delas, notou que havia uma coleção de pequenos vasos chineses.

— De onde vieram estes vasos? — perguntou.

— Havia um outro parente meu, um primo distante — explicou o coronel — que deixou esta coleção para meu pai quando morreu. Não posso dizer que os ache muito atraentes. Prefiro os quadros.

— Eu também — concordou Jimmy.

Quando voltaram para King's Keep, ele mostrou a Nikole três vasos chineses que trouxera na bagagem.

— Este é da dinastia Ming, este da Sung, e este último, da Ching — explicou.

— E são... muito valiosos?

— São raríssimos. Praticamente não têm preço!

— E mesmo assim você os roubou — Nikole murmurou, contendo a respiração.

— De alguém que nem os aprecia! Portanto, que não tem direito algum de ser dono de algo tão esplêndido!

— Mas... suponha que o coronel perceba que eles... sumiram?

— É pouco provável — Jimmy replicou. — Só o que lhe interessa são os quadros. Eu ficaria muito surpreso em saber que algum dia ele chegou a contar os vasos ou qualquer outro objeto daquela casa.

De nada adiantava dizer a Jimmy que ela achava aquilo muito errado.

No dia seguinte ele foi a Londres. Quando voltou, estava todo animado com o valor, porque conseguira vender os vasos a um colecionador de cerâmica oriental.

— Ele me disse que jamais sonhara em ter a sorte de encontrar exemplares tão perfeitos — Jimmy vangloriou-se.

— Ele vai... revendê-los? Nikole perguntou, ansiosa.

— Felizmente, não. Quer mantê-los para si próprio. Nikole soltou um suspiro de alívio.

Estivera temerosa de que a venda de vasos tão raros pudesse chamar a atenção dos jornais. O coronel então poderia perceber que eram exatamente iguais aos que ele tinha.

Ela passara aquela noite em claro, preocupada com os vasos chineses.

E veio o fim do ano, para encontrá-la já mais acostumada às constantes viagens que Jimmy a obrigava a fazer, em visita a parentes

distantes.

Só uma vez voltaram para King's Keep de mãos vazias. E isso porque Jimmy não encontrara nada na casa que realmente valesse a pena ser levado.

Nikole era obrigada a admitir que as melhorias em King's Keep haviam feito com que a casa brilhasse novamente como uma jóia preciosa.

Os antigos tijolos rosados haviam sido rebocados. As janelas e portas foram pintadas. Os principais cômodos haviam sido redecorados um a um. A casa começava a ganhar um aspecto adorável.

Mas Nikole ainda prendia a respiração a cada vez que uma visita a elogiava. Temia sempre que elas pudessem desconfiar da procedência de tanto dinheiro.

Voltando para casa, depois do passeio no jardim, Nikole pensava que Jimmy devia estar de volta dentro de no máximo uma hora.

Ele fora a Londres vender um quadro que encontraram na última casa em que haviam estado. Pertencia a um parente distante, lorde Mersey, viúvo. Ele não tinha filhos e, como Jimmy já a advertira, era muito reservado.

Isso significava que, por mais de uma vez, ele se recusara a emprestar-lhes dinheiro.

Lorde Mersey nascera Tancombe, mas tornara-se Peer quando, depois de uma brilhante carreira como juiz do condado onde residia, fora finalmente agraciado com o título de lorde.

Era um quadro bastante grande que haviam trazido de sua casa.

Quando Jimmy o carregara para dentro do quarto que Nikole ocupava, tarde da noite, ela exclamara:

— Jimmy! Não podemos levar um quadro desse tamanho. Ele é tão grande que logo vão dar por seu desaparecimento!

— Este é um Dughet do século XVII. Artistas franceses que estudaram na Itália estão começando a alcançar bons preços — Jimmy limitara-se a dizer, com voz rude.

— Onde... o encontrou?

— No saguão da ala dos empregados, que só é usado quando recebem para as caçadas.

— Com certeza os criados vão perceber... não vão? — Nikole ainda questionou. Jimmy, porém, simplesmente sorriu.

— Você me subestima, minha querida irmã! Eu o substituí por uma gravura que, tenho certeza, vai agradá-los muito mais!

Nikole prendeu a respiração.

— Do mesmo tamanho?

— Quase que exatamente do mesmo tamanho! Encontrei-a em um corredor do piso de cima, onde ninguém notará sua falta!

Enquanto falava, Jimmy passava gentilmente o lenço sobre a tela para remover a poeira mais pesada que ali se acumulara.

— Este quadro vai nos dar as novas cortinas para a sala de visitas — disse ele — e pagará também o salário de mais um jardineiro.

Havia algo em sua voz que deixou claro a Nikole que era inútil tentar discutir mais o assunto. Era como um homem apaixonado: faria qualquer coisa, por mais vil que fosse, por sua preciosa King's Keep.

Jimmy levava o quadro ao quarto de Nikole porque ela já arrumara quase toda sua bagagem. Estava pronta para partir na manhã seguinte.

— Tenho tão poucas coisas comigo — disse Jimmy — que o valete notaria imediatamente este quadro se eu o carregasse comigo.

— Não o quero junto com as minhas coisas! — Nikole reclamou mais que depressa.

Mas ao mesmo tempo já sabia que era bobagem contradizer seu irmão. Ele já lhe abria a mala e tirava dali algumas peças de roupa que a criada dobrara e acomodara ali dentro.

Depois de ajeitar o quadro bem no fundo da mala, Jimmy recolocou as roupas que havia tirado em seus devidos lugares.

— Agora você guarda o resto — ordenou — e certifique-se de que sua criada não faça nenhuma inspeção de última hora para ver se não esqueceu de guardar nada.

Nikole não conseguiu dormir naquela noite, de tão assustada que estava.

No dia seguinte, contudo, partiram sem que ninguém suspeitasse de que levavam consigo um quadro.

Nikole jurara que não se interessaria dessa vez em saber quanto Jimmy conseguiria pelo quadro. Mas agora tinha de reconhecer que estava ansiosa em saber a garantia que seu irmão conseguira.

Estava assim pensando quando ouviu o barulho de rodas de uma carruagem sobre o passeio do jardim, em frente à casa.

Era tal sua ansiedade que nem esperou que Butters abrisse a porta. Ele sofria de reumatismo, o que o tornava muito lento.

Assim sendo, Nikole correu até a porta e escancarou-a de par em par.

Jimmy descia da carruagem na qual viajara. Pela expressão de seu

rosto, percebeu que tudo dera certo.

— Você chegou! Oh, Jimmy, estou tão contente em vê-lo de volta!

Ele inclinou-se para beijá-la no rosto e então disse:

— Sim, estou de volta e tenho novidades bastante interessantes para lhe contar!

Entraram na casa. Butters, que chegara atrasado da cozinha, apanhou a bagagem. Foram para a sala de visitas, de onde se via o agora bonito jardim.

— O que aconteceu? — Nikole perguntou em um tom conspirador.

— Muita coisa — foi a resposta de Jimmy. — Consegui mil guinéus por aquele quadro!

Nikole quase engasgou.

— Tanto assim?

— E o mais importante — seu irmão continuou —, fomos convidados para nos hospedarmos na casa do marquês de Ridgmont, e para lá iremos na próxima sexta-feira.

— Marquês de Ridgmont? — repetiu, pensando que nunca ouvira falar dele antes.

— E o dono de um dos maiores acervos de telas do país — Jimmy explicou. — Foi ele quem me comprou o Dughet.

Nikole pôs as mãos espalmadas uma contra a outra.

— Tem certeza — ela disse, num tom de voz pouco mais alto que um sussurro — que ele não suspeitou?

— Não, claro que não — Jimmy replicou. — Por que deveria? Como eu lhe disse, o quadro estava no saguão dos empregados.

Ela estremeceu levemente. Na sua opinião, era um grande erro envolver-se com colecionadores. Eles sempre sabem muito a respeito de quadros, inclusive a quem pertencem.

Ouvira seu pai falar de vários amigos que se mantinham muito bem informados sobre antigüidades de todo tipo. Um deles era colecionador de mobília francesa, cujo antepassado trouxera várias peças da França depois da revolução.

Havia um outro apaixonado por prataria. Ele comparecia a todas as vendas de peças deste material que havia em Londres. E inclusive mantinha em seu poder um catálogo atualizado dos objetos de prata em posse de grandes famílias.

Na opinião de Nikole, enquanto James se contentasse em lidar com peças pequenas como as estatuetas e até mesmo os vasos chineses, estaria

mais ou menos a salvo. Mas tratar com *experts* era, com certeza, um erro.

Como se adivinhasse em que ela pensava, Jimmy disse:

— Ora, vamos, pare de se preocupar! Posso até sentir suas más vibrações.

— Não posso impedir. Você sabe que... se houvesse a menor suspeita de que você fosse um... ladrão... Mesmo que não o mandassem para a prisão, iriam bani-lo do convívio de todos... inclusive de sua própria família!

— É fácil ser honesto e cauteloso quando se é rico — Jimmy lembrou-a. Como só roubei de pessoas que não gostam do que possuem, não me sinto nem um pouco culpado!

Nikole suspirou.

Era capaz de entender os sentimentos de seu irmão nesse sentido. E também o quanto ele desejava manter King's Keep da melhor maneira possível. Sabia, porém, que, apesar de Jimmy tentar justificar seus atos, o que ele vinha fazendo ainda assim era roubo.

— Agora pare de se preocupar tanto e ouça o que planejei — disse Jimmy vividamente, interrompendo-lhe os pensamentos.

— Estou ouvindo — respondeu, em voz bem baixa.

— Nós vamos para Huntingdonshire para nos hospedarmos em uma das casas mais finas e magníficas de toda a Inglaterra! Lá veremos quadros que ultrapassam qualquer coisa que esteja dentro da National Gallery ou de qualquer outro museu!

— O marquês o convidou? — perguntou Nikole.

— Como eu lhe disse, ele comprou o Dughet. Aproveitei então a oportunidade e dei a entender, muito sutilmente, é claro, que possuía alguns outros quadros que poderiam interessá-lo.

— Ele não lhe perguntou onde você conseguiu o quadro?

— Não, claro que não! Expliquei que o estava vendendo porque era forçado a fazê-lo.

Ele deu uma pequena risada antes de continuar:

— O marquês ficou tão impressionado quando descrevi King's Keep que tenho certeza de que ficou até com vontade de vir aqui ver tudo com seus próprios olhos.

— Se ele o fizer, não vai perceber que aquele quadro não poderia ter saído daqui?

— E por que o faria? Eu poderia tê-lo guardado no porão, em vez de deixá-lo junto com a coleção da família. Posso lhe assegurar que ele vai pagar

um preço bem alto por qualquer obra como aquela.

Jimmy estava bastante excitado pelo cheque de alto valor que trouxera para casa consigo.

Não havia nada que Nikole pudesse ter feito para refrear-lhe um pouco o espírito. Só o que sabia é que continuava preocupada. Sentia o que se pode chamar de um pressentimento. E ele lhe dizia que, por mais genial que o marquês de Ridgmont tivesse parecido a Jimmy, havia algo de estranho com relação a ele.

— Acho que só estou imaginando coisas — tentou dizer a si mesma.

Ao mesmo tempo, aquele sentimento continuava ali, preso bem no fundo do seu ser, para assustá-la sem trégua.

CAPÍTULO II

Nikole arrumava algumas flores na sala quando seu irmão entrou.

— Partiremos amanhã — disse ele — para mais uma rápida temporada na casa de tia Alice.

— Tia Alice?

Nikole virou-se para ele, atônita.

— Foi o que eu disse.

— Mas... faz pouquíssimo tempo que estivemos lá, e você sabe como eu não gosto daquele desconforto todo. Sem falar na comida que nos foi servida...

— Não vou lhe dar nem três chances e você adivinhará o motivo de nossa visita — Jimmy brincou.

Nikole imediatamente levou um susto.

— Oh, não, Jimmy! — exclamou. — Você não pode pegar mais nada dela!

— Tenho que conseguir alguma coisa até sexta-feira para levar ao marquês — ele retrucou.

Nikole colocou as flores sobre a mesa e aproximou-se do irmão que estava de costas para a lareira.

— Agora ouça-me, Jimmy. Não podemos continuar com isto indefinidamente!

— Não podemos continuar sem dinheiro, isto sim. Já encomendei as cortinas e as cadeiras novas. Isto vai acabar com tudo o que nos resta no banco.

— Podemos passar muito bem sem cortinas novas — disse Nikole, quase sem fôlego.

Mas já sabia que era uma batalha vencida argumentar com seu irmão. Ele seria capaz de roubar até as jóias da Coroa se fossem por King's Keep. Quanto a ela, só conseguia pensar, desesperada, que cada vez afundavam-se mais no crime.

— Quero que me ajude — Jimmy continuou, com voz bastante determinada. — Pretendo levar um presentinho para tia Alice desta vez.

— Acho que ela vai ficar bastante surpresa se você o fizer — Nikole

retrucou.

— Acho que já devia ter feito isto da última vez em que lá estivemos — Jimmy prosseguiu, com ar arrogante. — No leste, todos sempre levam um presente para seu hospedeiro.

— Mas não estamos no leste. Embora eu deva concordar que este é um costume bastante gentil.

Ela olhou para o irmão pensando se deveria continuar implorando para que ele desistisse daquela idéia. Tinha vontade mesmo de ajoelhar-se e pedir-lhe que não tirasse mais nada daquela casa feia que tanto a deprimia. No entanto, sabia que mais uma vez não seria ouvida.

— Não consigo imaginar nada que tia Alice pudesse gostar de receber como presente, considerando, como você mesmo disse, que a casa dela está cheia de tesouros — explicou Nikole, depois de algum tempo.

— Não estava pensando em nada como quadros ou caixas de rape, mas talvez um cachorro.

— Um cachorro? — Nikole perguntou, incrédula. — Você deve estar louco! Seria preciso alimentá-lo, o que custaria dinheiro para titia.

— Então o que você sugere? Brincando, Nikole disse:

— Bessie está com três gatinhos novos na cozinha e pretende dispor de alguns deles.

— Gatinhos! — Jimmy exclamou. — Mas que ótima idéia!

— Não creio que tia Alice seja da mesma opinião, muito embora esses gatinhos sejam excepcionalmente lindos.

Jimmy saiu da sala de visitas em direção ao corredor que conduzia à cozinha. Enquanto isso, Nikole deixou-se cair em uma cadeira.

— O que é que eu faço? — perguntou-se. — Sei que isto tudo é errado, mas por ser tudo para King's Keep, não creio que nem mesmo um regimento inteiro de soldados fosse capaz de detê-lo!

Todo seu corpo contraía-se diante da idéia de estar sob a hospitalidade de tia Alice, novamente. Mesmo relutante, porém, sabia que teria de fazê-lo.

Jimmy voltou à sala em que Nikole estava. Em suas mãos carregava uma bolinha branca e fofa de pêlos.

Apesar de todas as suas preocupações, Nikole sorriu.

— Eles realmente são tão bonitinhos! — disse. — E não poderemos manter os três aqui conosco.

— Bem, de qualquer forma, este já está escolhido para ir para a tia Alice.

— Tenho certeza de que o recusará.

— Neste caso, nós o traremos de volta no dia seguinte — Jimmy concluiu.

Nikole sabia que não seria somente o gatinho o peso extra em sua bagagem quando voltassem. Mas preferiu permanecer em silêncio.

Jimmy pôs o gatinho sobre a mesa, e ele mais que depressa correu para lá e para cá, revelando-se ainda mais bonito.

— Sou capaz de apostar que quando colocar os olhos sobre Floquinho de Neve, que é como pretendo chamar este gato, tia Alice se apaixonará pela primeira vez em sua vida! — disse Jimmy, todo sorridente.

— Acho que está esperando um milagre. Apesar dessa observação amarga, Nikole não conseguiu deixar de sorrir, porque Jimmy fizera com que tudo aquilo parecesse muito engraçado.

James e Nikole partiram na manhã seguinte. Floquinho de Neve ia dentro de uma cesta que Nikole forrara previamente com um pano velho, porém de um bonito tom de rosa. Além disso, prendera vários laços de fitas de cetim na alça da cesta. Tudo isso conseguira tornar aquele presente algo bastante bonito e vistoso.

Viajaram pelas estradas poeirentas, como já haviam feito havia pouco tempo.

Nikole desejava de todo o coração que Jimmy jamais tivesse percebido o quão grande era o acervo de quadros de seu falecido tio.

Só depois de terem viajado um bom pedaço Nikole se animou a dizer:

— O que você fará se tia Alice disser que percebeu a ausência do quadro que você pegou, e também das estatuetas?

— Se quer saber a verdade — Jimmy respondeu —, como aquela foi a primeira vez na minha vida em que roubei algo, acho que fui extremamente tolo.

— Em que sentido? — ela quis saber.

— Deveria ter pego muito mais coisas, e nos poupado assim desta segunda visita. Desta vez, não pretendo ser tão estúpido.

A forma como ele o dissera a fez estremecer. Sabia que Jimmy realmente tinha toda a intenção de encher a grande mala na qual a obrigara a guardar suas poucas roupas.

— Esta mala é grande demais para quem vai ficar apenas uma noite fora — ela protestara.

Ele, porém, não se incomodara sequer em responder. Assim, vira-se

obrigada a incluir na bagagem, várias camisolas limpas que na verdade não seriam necessárias, apenas para que fizessem um pouco mais de volume. Na volta poderia apertá-las facilmente em um canto da mala, para dar lugar aos quadros. Pelo menos as criadas não estranhariam uma mala tão grande com pouca roupa.

Nikole sempre adorara viajar com seu irmão. Se o objetivo daquele passeio fosse outro, teria gostado muito de atravessar todas aquelas campinas. As flores da primavera nas fileiras de cerca viva a margearem a estrada estavam simplesmente encantadoras.

No entanto, não conseguia esquecer que a cada minuto aproximavam-se mais da casa de tia Alice. Portanto, tudo o que conseguia sentir era uma profunda apreensão.

Tinha certeza de que lady Hartley suspeitaria do motivo daquela visita, tão próxima da última que lhe haviam feito.

Mas como sempre, Jimmy estava determinado a fazer tudo a seu modo. Nem sequer dera chance à tia de dizer que não os queria em sua casa. Como Nikole descobriu mais tarde, ele simplesmente escrevera uma carta dizendo que estava ansioso por revê-la e que esperava poder pernoitar em sua casa. Caso contrário, como a tia bem o podia compreender, seria por demais cansativo para os cavalos.

Afinal, chegaram. Nikole teve a impressão de que aquele lugar estava ainda mais feio que da primeira vez.

Um cavaleiro os esperava ao lado de fora e a expressão de seu rosto traduzia-lhe claramente a total má vontade em ter de servi-los.

Jimmy, no entanto, sempre agradável com todas as pessoas, cumprimentou o rapaz como se fossem velhos amigos. Em seguida, voltando-se para o mordomo que abria a porta, todo empertigado dentro do seu casaco puído, garantiu-lhe que estava encantado em vê-lo novamente. Até para os lacaios ele sorriu, amistosamente.

Entraram então na sala de visitas, onde lady Hartley os esperava sentada em sua cadeira predileta.

Ela parecia muito pouco convidativa, pensou Nikole, ansiosa.

— Boa tarde, tia Alice! — Jimmy a cumprimentou, em um dos seus modos mais efusivos. — Que prazer vê-la novamente!

— Estou muito curiosa em saber o que os trazem aqui de novo — foi a resposta de lady Hartley, inflexível.

— Ora, é muito simples — Jimmy replicou. — Viemos trazer-lhe um presente.

Assim dizendo, Jimmy colocou a cesta onde estava Floquinho de Neve aos pés de sua tia.

— Um... presente? — gaguejou lady Hartley, olhando dentro da cesta. O que é isto? — perguntou.

— É um gato, e chama-se Floquinho de Neve — Jimmy respondeu prontamente. — Eu de repente me apercebi, depois que fomos embora da última vez, que era a única coisa que estava faltando em sua casa.

— Mas eu não gosto de animais de estimação! — protestou lady Hartley, firmemente.

Ao mesmo tempo não parava de olhar dentro da cesta.

Floquinho de Neve dormira pacificamente durante toda a viagem, mas agora estava bem acordado, com as patinhas da frente apoiadas sobre a borda da cesta, espionando tudo à sua volta. Seu pêlo branco emprestava-lhe um aspecto ainda mais doce contra o rosa do tecido que forrava a cesta.

Nem Jimmy nem Nikole disseram palavra. Depois de algum tempo foi lady Hartley quem quebrou o silêncio, observando:

— É um gato muito bonito, este. Nunca tinha visto um inteirinho branco como ele.

— Floquinho de Neve é único — Jimmy apressou-se a emendar — e foi exatamente por isso, tia Alice, que quisemos que ele fosse seu.

— Realmente, não acho que... — começou lady Hartley. Mas antes que tivesse tempo de terminar a frase, Jimmy apanhou Floquinho de Neve da cesta e colocou-o sobre o colo dela. Num gesto instintivo, lady Hartley estendeu as mãos para impedir que o gatinho caísse, segurando-o firmemente.

Nesse momento, para surpresa de todos, Floquinho de Neve pôs-se a ronronar.

Como se as palavras lhe fossem arrancadas, tia Alice observou:

— Sim, esta é realmente uma criaturinha muito bonita!

— Sabia que ia gostar — disse Jimmy, todo satisfeito. — Ele lhe fará companhia de agora em diante.

Nikole ainda esperava o momento em que ela fosse dizer que não precisava de companhia alguma.

Tia Alice, porém, já nem os ouvia mais. Olhava apenas para Floquinho de Neve, mas com uma tal expressão em seus olhos que Nikole jamais imaginara ver.

Jimmy sorrateiramente piscou para a irmã. Não adiantava! Ele estava sempre certo: mais uma vez conseguira o que se propusera fazer.

O mordomo entrou na sala com o minúsculo copo de *sherry* de sempre.

Mais tarde, Nikole e Jimmy subiram para se vestir para o jantar. Afinal, a essa altura, era mais que óbvio que lady Hartley fora completamente cativada pelo mais novo membro de sua família.

— Eu lhe disse! — Jimmy exclamou, enquanto se dirigiam para os quartos a eles destinados.

Nikole fez uma careta para ele, mas na verdade sentia-se um pouco mais aliviada. Pelo menos haviam *dado* alguma coisa dessa vez, o que já era um progresso.

Mais tarde, naquela mesma noite, Jimmy entrou no quarto de Nikole carregando dois quadros. Ela já estava quase adormecida, mas ao se deitar, lembrara-se de que seu irmão com certeza faria uma visita aos cômodos não ocupados da casa. Por isso, deixara sua porta apenas encostada e duas velas acesas dentro do quarto.

Ao perceber que Jimmy entrara em seu quarto, Nikole procurou os quadros que ele trazia e viu, para seu alívio, que não eram muito grandes.

Jimmy aproximou-se dela, colocando uma das telas sobre a beirada da cama.

— Chama-se *Um Jovem Casal* — sussurrou. — Foi pintado por Van Leyden.

Não é um quadro particularmente bonito, pensou Nikole. Mas lembrava-se de que certa vez ouvira seu pai mencionar o nome de Van Leyden. Tinha certeza quase absoluta de que se tratava de um dos discípulos de Durer.

Como ela nada dissesse, Jimmy mostrou-lhe o outro quadro.

— Este é um Mabuse, um importante pintor flamengo, A tela retratava uma moça um tanto sem graça, porém facilmente se percebia todo o talento do autor. O vestido da moça fora brilhantemente pintado, assim como a touca de cabeça, colocada de modo a formar um halo para seus cabelos, emoldurando-lhe também o rosto.

Como que impaciente por não vê-la mostrar maior entusiasmo, Jimmy virou-se e saiu do quarto deixando os quadros sobre a cama.

Por um momento, Nikole mal pôde acreditar que ele se fora daquela maneira. Mas, de repente, lembrou-se de que Jimmy não lhe dissera boa-noite ainda, o que significava que ainda iria voltar.

— Mas não é possível que ele tenha ido buscar mais coisas — disse ela consigo mesma.

Nikole levantou-se e colocou os dois quadros no fundo da mala. Feito isso, pôs-se imediatamente a dobrar as roupas que as criadas haviam dependurado no guarda-roupa.

Não conseguiu ir muito longe, pois Jimmy logo retornou.

— Você... não foi pegar mais nada, foi? — ela perguntou, num murmúrio.

Mas já sabia de antemão que era tola sua pergunta.

Jimmy trazia consigo um quadro que a Nikole pareceu ser grande demais. Ele o colocou sobre a cama também.

À luz das velas, podia-se ver que aquele era realmente muito bonito.

— Este aqui chama-se *A Virgem no Jardim de Rosas* — Jimmy explicou. — É um Lochener. Quando o marquês vir este quadro vai ficar absolutamente fascinado!

— Mas é tão grande! — ela exclamou.

— Mesmo assim, cabe em sua mala — Jimmy respondeu, firme. — O quadro em si não é tão grande, mas não posso deixar a moldura simplesmente jogada por aí.

— Não, claro que não!

Tia Alice ficaria extremamente desconfiada se a moldura de um quadro fosse descoberta, sem uma tela dentro, pensou Nikole.

Jimmy foi até a mala e pôs-se a tirar dali, descuidadamente, tudo que sua irmã acabara de dobrar e guardar. Por fim, tirou os dois quadros que já estavam no fundo da mala.

Por um momento, Nikole esqueceu-se de se preocupar com o que ele fazia. Pensava apenas em quão belo era aquele último quadro. Adoraria ficar com ele para si.

A virgem, com o menino Jesus no colo, estava sentada em um trono. Ela trajava vestes de seda cujas bordas adejavam à sua frente. Vários anjos alados postavam-se ao fundo, sendo que dois deles estavam voando nos cantos mais altos da tela.

Toda a composição era adorável, e percebia-se claramente que fora executada à perfeição.

Ela bem podia entender por que Jimmy o escolhera. No entanto, era impossível acreditar que qualquer pessoa tivesse um tal tesouro em seu poder e não se desse conta disso.

— Eu sabia que você ia gostar — Jimmy dizia, enquanto juntava-se a ela para olhar o quadro a distância.

— Jimmy, tem certeza de que não será perigoso demais levá-lo?

— Duvido que tia Alice saiba que existe um quadro como este dentro de sua casa — foi a resposta que ele lhe deu. — Como pode ver, há uma grossa camada de poeira em toda a moldura.

Ele apanhou o quadro enquanto falava e carregou-o através do quarto, depositando-o cuidadosamente dentro da mala. Com habilidade surpreendente para um homem, dobrou e guardou algumas das peças de roupa de Nikole sobre o quadro.

Então foi a vez dos outros dois quadros. Quando terminou, a expressão de contentamento em seu rosto revelava o quanto estava satisfeito consigo mesmo.

— Levante-se bem cedo amanhã — ordenou, aproximando-se de Nikole, sentada na beira da cama — e guarde todo o resto antes que a chamem!

Como ela nada respondesse, ele continuou:

— Amarre os dois cintos da mala e certifique-se de que não deixou nada de fora, de modo que as criadas não tenham de abrir sua mala novamente.

“Ele está me dando ordens”, Nikole pensou, “como se eu fosse um recruta inexperiente.”

Mas na verdade Jimmy só agia assim por medo de perder algo que poderia ser de grande importância para King's Keep.

— Está bem, Jimmy — respondeu baixinho —, vou fazer como você diz.

Ele sorriu e deu-lhe um beijo, despedindo-se em seguida:

— Você é uma boa menina. Durma bem! Caminhou então até a porta, onde hesitou por um momento, apenas para o caso de haver alguém no corredor.

Nikole ouviu-o entrar em seu próprio quarto.

Em vez de voltar imediatamente para a cama, ela preferiu já dobrar e guardar na mala tudo que tinha, exceto o vestido que usaria na manhã seguinte e a camisola de dormir. Por cima de tudo deixou as camisolas limpas que trouxera para fazer volume. Quando fechasse a mala, elas se espremeriam.

Dava razão ao que Jimmy dissera: seria perigoso se uma criada visse como sua mala estava cheia agora, em comparação ao momento em que ali chegara.

Afinal, Nikole voltou para a cama, mas demorou a dormir. Ficou pensando em como era errado roubar algo tão bonito como *A Virgem no*

Jardim de Rosas. Havia algo de incrivelmente espiritual naquele quadro. Ao olhar para ele, sentira como se uma forte vibração se desprendesse da tela e viesse em sua direção. Tinha certeza de que era a fé que sobre ele fora depositada pelos fiéis que o haviam adorado, durante todos aqueles anos.

Embora o quadro já estivesse bem escondido dentro da mala, Nikole descobriu-se de repente dirigindo uma prece à Virgem. Pediu-lhe para ajudar Jimmy e evitar que ele fosse descoberto.

Foi uma oração muito fervorosa.

Em pensamentos, mesmo que involuntários, Nikole a toda hora tentava prever até quando poderiam continuar agindo daquela maneira, impunemente. Quantas visitas mais fariam à casa de tia Alice? Ou a lorde Mersey, ou a qualquer outro parente que tivesse um objeto de valor dentro de sua casa?

— Ajude-nos, por favor... Ajude-nos! — ela implorou.

Naquela noite Nikole dormiu mais tranqüila, com a nítida impressão de que a mãe de Deus, segurando a Santa Criança, a tinha escutado.

Nikole já estava de pé e vestida quando a criada a chagou, às oito horas.

— Está adiantada, senhorita! — a boa mulher observou.

— Temos uma longa viagem pela frente — Nikole respondeu —, e há muito que fazer quando chegarmos em casa.

A criada sorriu.

— Acho que vão estar todos esperando pela senhorita — ela comentou. — É sempre assim quando se viaja. Na volta, há sempre o dobro para fazer do que havia quando se partiu.

— É verdade — concordou.

Antes de descer, deu uma última olhada pelo quarto, para certificar-se de que nada fora esquecido. A mala estava bem fechada, como Jimmy ordenara.

Quando desceu para o café, encontrou sua tia já sentada à mesa. Ela alimentava Floquinho de Neve servindo-lhe um pires de leite.

— Ele dormiu na minha cama a noite toda — disse ela para Nikole, tão logo a viu — e não me acordou nem uma vez!

Falava com o mesmo tom da mãe que acaba de descobrir que seu filho é um gênio precoce.

— Eu sabia que era exatamente do que a senhora precisava — disse Jimmy com satisfação, juntando-se a elas nesse momento. — E, além de tudo,

ele ainda manterá a casa livre de ratos.

— Floquinho de Neve vai ter de crescer um pouquinho antes — replicou lady Hartley.

Pela primeira vez desde que a conheciam, tia Alice riu espontaneamente.

Nikole pensou que Jimmy certamente a fizera mais feliz do que jamais fora em toda sua vida. O mundo poderia pensar que era uma troca desonesta a que estavam fazendo. Um gato de valor quase nulo, por três obras de arte de alto valor. Mas, como Nikole dizia para tentar desculpar-se, ninguém seria capaz de dar um preço à felicidade.

— Agora lembre-se, tia Alice — Jimmy recomendou, quando já estavam de saída —, Floquinho de Neve deve comer bastante peixe enquanto pequeno e frango quando for um pouco maior.

— Sim, eu sei — mentiu lady Hartley. — Mas fico contente que tenha se preocupado em me avisar.

— Ele vai precisar de uma refeição de manhã e outra à noite — Jimmy continuou. — Mas não lhe dê carne de coelho. Nunca ouvi dizer que ela faça bem para gatinhos novos.

Lady Hartley prestava atenção a cada palavra que ele dizia.

Enquanto afastavam-se da casa de tia Alice, Nikole aproveitou para perguntar:

— Como é que você sabe tanto sobre gatos?

— Ora, eu sempre fiz muito bem os meus deveres de casa. E além disso, logicamente, perguntei a Bessie antes de sairmos o que ela dava para o nosso gato.

— Tenho de admitir que nunca vi tia Alice tão humana, nem tão feliz!

— Eu também tenho lá as minhas qualidades — Jimmy replicou, todo cheio de si.

Ao chegarem em casa, ele tratou de limpar os quadros o melhor que pôde. Aprendera a fazê-lo com um dos maiores *experts* de Londres.

Nikole olhava para *A Virgem no Jardim de Rosas* sempre que tinha oportunidade. Sabia que dentro de dois dias Jimmy a levaria embora, e então nunca mais a veria.

Era como se o quadro conversasse com ela. Fazia-a sentir não só que suas preces seriam ouvidas, mas também que a Virgem a abençoava.

— Gostaria que pudéssemos ficar com este quadro — ela desabafou afinal para Jimmy.

— Eu também gostaria.

Nikole hesitou por mais um momento, mas conseguiu dizer:

— Será que não poderíamos trocá-lo por um dos nossos, que não seja tão bonito? Ou, pelo menos, tão valioso?

Os lábios de Jimmy estavam duros quando ele respondeu:

— Roubei este quadro para salvar King's Keep. Se o mantivesse conosco, para o nosso prazer, eu me sentiria como se estivesse fazendo alguma coisa errada!

Nikole preferiu então não discutir mais aquele assunto.

Na quinta-feira, antes de partirem em viagem para a casa do marquês de Ridgmont, Jimmy comentou:

— Acho que eu deveria ter lhe dito para comprar um vestido novo, Nikole.

— Para quê? — ela quis saber, surpresa.

— Sendo um dos homens mais ricos da Inglaterra, o marquês pode dar-se ao luxo de andar sempre impecável.

Nikole olhou para seu irmão, consternada.

— Por acaso você está insinuando que o marquês é jovem, e que possivelmente estará recebendo vários convidados em sua casa quando lá chegarmos?

— Ele deve ter por volta de trinta e três ou trinta e quatro anos — Jimmy respondeu —, e é muito provável que esteja entretendo alguns de seus amigos neste fim de semana, sim.

— Pensei que fosse um velho... como lorde Mersey. “O que foi uma grande estupidez minha,” Nikole pensou.

Mas sinceramente não esperava que um jovem fosse um colecionador tão ardoroso de quadros.

— Acho que é melhor eu não acompanhá-lo desta vez — disse ela, afinal, depois de pensar um pouco no assunto.

— Não seja ridícula! — foi a resposta do irmão. — Como eu poderia agir sem você?

— Não vejo por que não. Você não vai roubar nada do marquês, vai apenas mandar-lhe alguns quadros!

— Eu sei, mas preciso de você por perto para fingir-se de triste quando eu disser que estamos sendo obrigados a dispor de vários bens de nossa casa. E também, porque sendo assim tão bonita, nosso anfitrião com certeza se sentirá intimidado de fazer perguntas inconvenientes!

— Jimmy!

— Eu vi como lorde Mersey, embora velho, olhava para você. Deve tê-la achado tão atraente quanto a Vênus que tem em sua parede.

— Agora você está zombando de mim! — Nikole ralhou, rindo. — De qualquer forma, não tenho nenhum vestido novo para usar.

— E tampouco resta-nos tempo suficiente para comprar alguma coisa decente — Jimmy emendou, refletindo no assunto. — Bem, o marquês terá de aceitá-la como você é. Mas, de qualquer forma, gostaria de ter pensado nisto antes.

Nikole era da mesma opinião. Raramente pedia qualquer coisa que fosse para seu uso pessoal. Sabia que Jimmy sempre achava que ela estava gastando dinheiro que poderia ser usado em King's Keep. Assim, sem dinheiro para extravagâncias, acostumara-se a fazer seus próprios vestidos. Mas, embora bastante habilidosa, os tecidos que usava eram sempre os mais baratos.

— O que vou fazer? — perguntou-se ela, tristemente. Imediatamente veio-lhe à memória o elegante vestido, cheio de saias, usado pela *A Virgem no Jardim de Rosas*. Uma prece e uma certeza instalaram-se em seu coração: a Virgem entendia o quão era importante que ajudasse seu irmão.

No exato momento em que assim pensava, Nikole lembrou-se das cortinas que pendiam nos quatro lados da cama de um dos quartos de King's Keep. Havia sido escolhidas há muitos anos por sua mãe, que as comprara por serem de seda pura e do mesmo tom de azul turquesa que um camafeu que ela vira no Egito.

— No Oriente dizem que esta é a cor da sorte — sua mãe lhe dissera — e, como seu pai pôs neste quarto um dos seus quadros mais exóticos, acho que é bastante apropriada.

O quarto em questão era costumeiramente usado apenas por convidados especiais. Ultimamente estava sempre vazio, uma vez que não podiam arcar com a despesa extra de visitas constantes a King's Keep.

Nikole sabia que uma das cortinas já bastaria para fazer uma saia bem bonita para a noite, e mais uma outra e teria um vestido completo. A pergunta agora era: teria tempo para isso tudo?

Mesmo sem saber qual seria a resposta, Nikole correu até o quarto para tirar as cortinas. Em seguida, desceu até a cozinha.

Bessie estava sentada junto à mesa, descascando as pêras recém-colhidas do pomar.

— O senhor James me pediu para fazer um vestido novo para quando nos hospedarmos com um amigo dele depois de amanhã — Nikole

foi logo explicando.

— Um vestido novo, senhorita? — Bessie confirmou. — E de onde ele vai tirar dinheiro para isso?

— Vou usar as cortinas da cama do quarto Azul. Bessie olhou fixo para ela.

— Será que há alguém na vila que possa me ajudar? — Nikole perguntou. — Posso cortar o pano eu mesma e, como você sabe, sou capaz de cosê-lo bastante rápido. Mas não creio que seja capaz de fazer um vestido inteiro em um dia e meio!

Bessie pensou por um momento e afinal respondeu:

— Tem a senhora Gibbons, em Honeysuckle Cottage. Foi ela quem fez a toalha nova do altar da igreja. E tem também a filha dela, de quase quinze anos, que fez alguns reparos muito bons nas cortinas do vicariato.

— Obrigada, Bessie — Nikole respondeu.

Duas horas mais tarde ela estava cortando o tecido no chão de seu quarto, seguindo um modelo de uma revista que a mulher do vigário lhe emprestara. A senhora Gibbons arrumava sua cesta de costura junto da janela, pondo-se a trabalhar sem demora. A noite já tinham 'o vestido inteiro alinhavado. Trabalhando todo o dia seguinte até a hora do jantar, Nikole afinal conseguiu seu vestido novo, tão belo quanto qualquer outro que tivesse vindo direto de Paris.

Não havia dúvidas, aquela cor fora feita para ela. O tom azul da seda realçava-lhe os cabelos louros, entremeados de fios avermelhados, e sua pele parecia ainda mais alva.

— Este é o vestido mais bonito que já vi na minha vida! — exclamou a senhora Gibbons, quando Nikole o experimentou. — A senhorita parece que saiu de dentro de uma pintura!

— Muito obrigada, senhora Gibbons. Só espero que meu irmão pense da mesma forma.

Mas imediatamente ela se lembrou que, na verdade, o mais importante seria a opinião do marquês. Sempre que Jimmy se referia a ele, descrevia-o como alguém muito rico e importante, o que significava que jamais notaria a presença de alguém tão insignificante como ela em sua casa.

Por meio de perguntas feitas ao irmão, acabara descobrindo que o marquês, longe de ser velho, era até bastante atlético, incumbindo-se pessoalmente de exercitar seus cavalos em Steeple-Chases. Sabia também que era bastante conhecido como um homem dado a empreender grandes viagens.

— Para onde ele costuma viajar? — Nikole perguntara.

— Oh, pelo mundo todo — fora a resposta de Jimmy, bastante vaga.

— E ele ainda encontra tempo para colecionar quadros?

— O marquês é dono de um dos melhores acervos de toda a Inglaterra! — Jimmy assegurou. — Claro, muitas das suas obras lhe foram deixadas por herança, mas isso não o impede de querer ampliar sua coleção, o que é uma sorte para nós!

— E o que mais ele faz na vida?

— Dedica-se a aproveitá-la ao máximo, o que pode muito bem dar-se ao luxo de fazer!

— Mas ele não é casado?

— O marquês jurou que isto é algo que jamais fará — Jimmy respondeu, rindo.

— Mas... por quê? — Nikole quis saber. — Com certeza há de desejar um herdeiro para cuidar de todos os seus bens?

Jimmy deu de ombros.

— Creio que ele teve uma grande decepção amorosa, ou talvez seja uma simples aversão a ver-se aguilhoado pelo matrimônio! De qualquer forma, trata-se de um solteirão convicto. De nada adiantará jogar todo o seu charme por cima dele!

— Eu não estava pensando em fazer nada disto! — Nikole retrucou, zangada.

Depois disso, preferiu não fazer mais perguntas ao irmão. Mas seus pensamentos a levavam constantemente ao marres, uma pessoa que com certeza era admirada por todos.

E, quanto mais pensava nisto, mais a figura daquele homem lhe parecia inumana.

— Gostaria que estivéssemos indo para outro lugar — disse ela para si mesma.

Mas não queria decepcionar Jimmy que, de tão ansioso, contava cada segundo de sua entrevista com o marquês. Mais uma vez, ele estava determinado a obter uma soma bastante grande de dinheiro, para gastar com King's Keep.

CAPÍTULO III

Os convidados para o almoço começavam a se dar conta da hora. Aliviado, o marquês pensou que logo poderia estar longe dali.

Na verdade, aquele almoço na embaixada da França fora bastante interessante. Tivera a oportunidade de encontrar-se com vários amigos que há tempos não via.

Nesse momento, lady Lessington, com quem atualmente tinha um caso amoroso, aproximou-se para lhe dizer, em voz baixa:

— Janta comigo amanhã à noite, Blake? George vai para o campo.

— Infelizmente, eu também — o marquês respondeu. Não lhe passou despercebido o desapontamento estampado nos olhos dela, por isso, acrescentou:

— Irei vê-la na semana que vem, prometo.

Havia um sorriso nos lábios de lady Lessington quando afastou-se para agradecer a seus anfitriões a hospitalidade.

O marquês viu-a partir, mais uma vez reconhecendo que, sem sombra de dúvida, lady Lessington era uma das mais belas mulheres de Londres. Ao mesmo tempo, tinha de ser honesto consigo mesmo. O fogo que ela lhe provocara por dentro já não ardia com tanta intensidade.

Se havia algo que o marquês não gostava era de um caso de amor que se extinguia pouco a pouco, até que nada mais restasse senão umas poucas brasas lutando para não se apagar.

Sua reputação de insensível entre as mulheres vinha do fato de que, no momento em que um caso começava a tornar-se insípido, punha-lhe um fim definitivo, sem mais delongas.

Não apenas abruptamente, mas também brutalmente, às vezes.

O marquês era um perfeccionista. Tudo em suas casas tinha de estar no devido lugar, suas propriedades deviam servir de exemplo aos vizinhos! Naturalmente, suas mulheres tinham de ser de uma beleza única.

Pela janela da embaixada, o marquês via lady Lessington descendo as escadarias da frente do prédio. Naquele momento decidiu que não mais a veria. Pelo menos não na intimidade, embora inevitavelmente tivessem de encontrar-se em festas e outras reuniões do gênero. Ela ficaria ressentida e

não o compreenderia. Mas ele não era o seu primeiro amante, com certeza encontraria outro homem para ocupar-lhe o lugar.

Pouco depois o marquês subia em sua carruagem e, tomando ele próprio as rédeas, partia tentando já imaginar quem seria a sucessora de lady Lessington

Lembrava-se vagamente de uma mulher que vira na noite anterior, dona do cabelo mais ruivo de toda Carlton House. Era uma figura exótica até, talvez, mas por isso mesmo, encantadora. Não conseguia lembrar-se do rosto dela, mas sem dúvida a achara bela.

Talvez, depois de perguntar ao príncipe de Gales, o anfitrião da noite, quem era ela, se desapontasse. Mas, ao menos por enquanto, tinha algo pelo que ansiar.

O marquês fez com que seus cavalos dobrassem a esquina do Hyde Park em direção ao palácio de Buckingham. Com um brandir de rédeas, fez com que seguissem por uma bela alameda.

Adquirira aqueles dois cavalos recentemente, de um amigo, um aristocrata extravagante que precisava levantar urgentemente uma grande soma em dinheiro. Eram dois alazões belíssimos, que também haviam lhe custado absurdamente caro. Mas fora para ajudar um amigo, portanto, não se arrependia do dinheiro que gastara.

De qualquer forma, os cavalos valiam o que tinham custado. O marquês percebeu que várias pessoas os admiravam, enquanto atravessavam a alameda. Homens de cartola e as mulheres mais elegantes passeando sob o sol da primavera olhavam não tanto para ele, como de costume, mas para seus garbosos animais. Com toda certeza abrilhantariam ainda mais seus estábulos, que já abrigavam os melhores cavalos da Inglaterra.

O mesmo podia ser dito dos cavalos de corrida que mantinha em Newmarket. Isso o fez lembrar que tinha dois dos seus animais inscritos para as corridas que aconteceriam na semana seguinte.

Ainda não fechara a lista de convidados que se hospedariam em sua casa naquela ocasião. Mas não tinha que se preocupar com isso. Seu secretário tinha uma relação de todos os convites que haviam sido enviados ou recebidos para os próximos dois meses. Só esperava que o dos Lessington ainda não tivesse sido expedido.

A carruagem atravessou a Horse Guards Parade, tomando o caminho mais rápido para chegar na Downing Street. Como ex-oficial da Cavalaria Real, era-lhe permitido fazer aquele caminho, atravessando o portão constantemente guardado por dois cavaleiros armados.

Agora que se aproximava da residência do primeiro-ministro, o marquês esqueceu-se dessas preocupações e tentou imaginar por que fora chamado até ali. A mensagem dizia que era urgente. Não poderia portanto tê-la ignorado.

Ao mesmo tempo, era uma inconveniência, uma vez que tinha outros planos para aquela tarde.

“Só espero que lorde Beaconsfield não me prenda por muito tempo!”, pensou o marquês.

Na verdade, era sempre um prazer para ele avistar-se com Benjamin Disraeli, elevado à nobreza no ano anterior como lorde Beaconsfield. Na sua opinião, tanto a rainha como aquele primeiro-ministro eram tudo o que a Inglaterra precisava no momento.

Nem mesmo Sua Majestade disfarçava uma certa parcialidade para com lorde Beaconsfield, um homem que, a despeito de sua aparente excentricidade, era a pessoa certa, no lugar certo e na hora certa. Seu cérebro brilhante, sua sagacidade e seu tato diplomático já provara a todos sua capacidade, até mesmo para seus maiores críticos.

O marquês parou em frente ao número dez da Downing Street. Um criado imediatamente conduziu-o ao escritório particular do primeiro-ministro.

Lorde Beaconsfield, ao vê-lo, levantou-se de sua escrivaninha para estender-lhe a mão.

— Sabia que o senhor não me decepcionaria! — disse ele.

— Espero que nunca venha a fazê-lo! — replicou o marquês. — Devo admitir, no entanto, que estou curioso em saber qual foi a catástrofe que aconteceu desta vez.

O primeiro-ministro riu e, saindo de trás da escrivaninha, indicou ao marquês uma poltrona em frente à lareira. Era notório em toda a corte o pavor que o primeiro-ministro sentia pelo frio e por correntes de ar. Todos sabiam, portanto, que sua lareira jamais ficava um dia sem ser acesa.

Lorde Beaconsfield sentou-se ao lado do marquês e imediatamente juntou os longos dedos em um gesto típico seu, que indicava preocupação. Finalmente, disse:

— Sua Majestade a rainha está ficando histérica!

Se esperava chocar o marquês com tal declaração, não foi bem-sucedido.

— Presumo que esteja se referindo à situação entre a Rússia e a Turquia, senhor — o marquês calmamente observou.

Os lábios de lorde Beaconsfield, um tanto protuberantes, abriram-se em um sorriso sarcástico.

— Isso mesmo — respondeu. — Fomos informados de que os russos já quase chegaram a Adrianópolis, a apenas cem quilômetros de Constantinopla.

— Já avançaram tanto assim? — perguntou o marquês, arqueando as sobrancelhas, visivelmente surpreso.

— Parece que não há razão para duvidarmos dessa informação — replicou o primeiro-ministro. — A rainha está furiosa! Há meses ela tenta alertar o Gabinete do perigo que isso representa, sem sucesso.

— Imagino que a Turquia não seja propriamente o problema — refletiu o marquês em voz alta. — Na verdade, há aqui uma questão de supremacia russa ou britânica no mundo.

— Precisamente! — concordou o primeiro-ministro, e soltou uma risada. — Já devia saber, meu caro marquês, que você estava a par da situação quase tanto quanto eu!

— O senhor me honra com esta observação. Mas tenho percebido os receios de nossa rainha, dos quais ela falou bastante da última vez em que estive em Windsor.

O primeiro-ministro soltou um suspiro.

— Confidencialmente, ela ameaça abdicar! Esta manhã mesmo, mandou-me um bilhete, dizendo: “Se a Inglaterra tiver de beijar os pés da Rússia, a rainha não tomará parte dessa humilhação, e entregará a coroa!”.

— Palavras fortes! — o marquês observou. — Eu duvido muito, no entanto, que Sua Majestade vá tão longe assim.

— E ela continua, dizendo: “Ah, se ao menos eu fosse um homem, iria pessoalmente dar uma lição naqueles russos horrorosos, em cuja palavra não podemos mais confiar!”.

— Ela é magnífica! — exclamou o marquês, rindo muito. — Nem mesmo se fosse um homem ela poderia ter uma reação mais esplêndida!

— Concordo com você — respondeu o primeiro-ministro. — Mas o que Sua Majestade precisa no momento é de informações mais exatas sobre o que realmente está se passando na frente de batalha.

— E deve ser aí que eu entro! — emendou o marquês. — O que exatamente esperam que eu faça?

— Que você nos consiga esta informação!

— Tem alguma sugestão de como devo proceder?

— Ora, ora, meu caro — foi a resposta de lorde Beaconsfield —

ninguém é mais astuto que você, e mais habilitado para lhe dar esta resposta!

— Posso ter tido alguma sorte no passado, mas agora é diferente. O senhor está me pedindo que investigue um assunto no qual a Inglaterra não está diretamente envolvida.

— Mas pode ser que tenha de se envolver.

— De que forma? — quis saber o marquês.

— Pode ser que tenhamos de fazer uma demonstração de força, quando nossas palavras já não estiverem mais fazendo efeito.

— Muito bem. Quando devo partir?

— Imediatamente.

— Ora, senhor, eu não...

— Sua Majestade sugeriu — interrompeu-o lorde Beaconsfield, como se já esperasse pelo protesto — e eu concordo que seja realmente o melhor plano, que você vá de trem até Atenas, de onde seguirá viagem em seu iate particular em direção a Constantinopla. Poderá enviar-nos as informações por intermédio de contatos que lhe serão previamente indicados pelo Ministério das Relações Exteriores.

— Não creio que seja uma viagem particularmente agradável esta que o senhor está me propondo.

Pensava principalmente no desconforto de uma longa viagem de trem através de toda a Europa. Como se tivesse lido seu pensamento, porém, lorde Beaconsfield respondeu:

— Sua Majestade fez exatamente o mesmo comentário, e por esse motivo ofereceu-lhe, mui graciosamente, os vagões reais, de uso particular da família real.

O marquês parecia surpreso, mas o primeiro-ministro ignorou-o e continuou:

— Os vagões sala de visitas e dormitório estão guardados na Gare du Nord, em Bruxelas. Lá poderão ser conectados aos demais vagões, que o levarão de Ostend para Atenas.

— Sinto-me muitíssimo honrado, excelência! — agradeceu o marquês, sinceramente. — O senhor e Sua Majestade deviam estar bastante confiantes de que eu não recusaria a sugestão de passar umas férias bem tranquilas no mar Egeu, não?

— Você nunca nos decepcionou até hoje, e não creio que o faça agora.

— Muito bem — disse o marquês. — Meu iate, como o senhor também já deve saber, encontra-se no porto de Gibraltar.

— Telegrafe para seu Capitão ordenando-lhe que siga para Atenas imediatamente. Vocês chegarão lá praticamente juntos.

— Muito bem. Só mais uma dúvida: o senhor acredita realmente que as pessoas acharão normal eu viajar sozinho? Na minha opinião, a não ser que minha reputação tenha se deteriorado muito rapidamente, tanto os russos quanto os turcos, se forem realmente espertos no que diz respeito a espionagem internacional, acharão isto muito suspeito!

Lorde Beaconsfield riu e disse:

— Nem eu, nem Sua Majestade, iríamos ser presunçosos a ponto de escolher também suas companhias. Mas creio que com sua reputação, como você mesmo disse, não terá dificuldade para encontrar a pessoa adequada com quem possa passar uma semana ou duas no mar!

O marquês não respondeu. Assustava-o saber que tanto a rainha como o primeiro-ministro tinham discutido os seus casos amorosos. Afinal, nunca discutia esse assunto com ninguém, nem mesmo com seus amigos mais íntimos.

A capacidade de percepção de lorde Beaconsfield era muito grande. Sabia exatamente em que o marquês estava pensando. Assim, inclinou-se para a frente outra vez, para dizer:

— Nós confiamos em você, e depositamos este caso totalmente em suas mãos. Mas você há de convir que ninguém, e eu quero dizer ninguém mesmo, pode fazer a mínima idéia do porquê de seu iate estar velejando através do Dardanelos, dirigindo-se para uma área conflituosa exatamente neste momento.

— Isto vai dificultar muito as coisas, com certeza!

— É da maior importância que essa informação não se espalhe — continuou o primeiro-ministro, ainda sério. — Caso contrário, toda a situação se complicará enormemente, inclusive e no que diz respeito à sua própria segurança.

— O que o senhor está realmente me dizendo — replicou o marquês, como se tentasse tornar tudo mais claro para si mesmo — é que as mulheres falam, por mais que se peça para que não o façam.

— Isto é uma verdade com relação à maioria delas — concordou o primeiro-ministro. — Portanto, cabe a você encontrar uma em quem possa confiar. — E, depois de uma piscadela maliciosa, continuou: — Sua Majestade chegou a lamentar o fato de você ainda não ter uma esposa. O marquês ergueu as mãos, num gesto de horror.

— Se o senhor e a rainha vão se combinar para tentar me pressionar

a perder minha liberdade, eu me mudo para a América!

Lorde Beaconsfield riu e, enquanto caminhavam até a porta, lembrou-se ainda de dizer:

— Todos os documentos necessários, bem como mapas e um novo código marítimo, estarão em sua casa esta noite. Fora isso — ele acrescentou, tomando a mão que o marquês lhe oferecia em despedida —, só me resta agradecer-lhe, do fundo do coração, por ter aceitado mais este encargo. Como bem sabe, estou muito preocupado com este problema, o que é muito diferente do que sou obrigado a dizer em público.

— Espero sinceramente não decepcioná-lo — foi a resposta do marquês.

No caminho de volta para casa, dirigindo a carruagem, o marquês concluía que o que lhe fora pedido era algo que jamais imaginara.

A situação na Europa Oriental vinha sendo noticiada há tempos por todos os jornais, mas a maior parte das pessoas na Inglaterra não se mostravam particularmente interessadas no assunto.

Na verdade, o czar da Rússia, Alexandre II, ainda tivera a esperança de que uma recente conferência em Constantinopla resultasse em uma solução pacífica. O Plutão da Turquia, porém, rejeitara tudo que lhe fora proposto. Assim, para surpresa de todo o mundo, duas semanas depois o czar anunciara que sua paciência se esgotara, e declarara guerra à Turquia.

A grande maioria da população da Inglaterra, e aqui se incluem os membros do Parlamento, permaneceram insensíveis a esse problema. Os dois países envolvidos pareciam muito distantes deles. Se lutassem um contra o outro, em suas próprias terras, em nada afetariam a Inglaterra ou qualquer uma de suas possessões no resto do mundo.

Coube à rainha perceber, antes de qualquer outra pessoa, que a supremacia russa no meio leste, na verdade, seria um grande perigo para a Inglaterra, pensou o marquês.

Quando chegou a sua casa em Park Lane já decidira que não partiria antes do domingo. Tinha muito que acertar até lá, além dos vários compromissos a cancelar.

Na verdade, não tinha a menor vontade de sair em viagem naquele momento, em particular. Ao mesmo tempo, o novo e o inesperado eram sempre um desafio. Não podia deixar de imaginar se essa aventura, como tantas anteriores, seria realmente tão perigosa.

Assim que chegou em Ridge House mandou chamar seu secretário.

O sr. Grey era um homem de meia-idade, quase tão eficiente quanto

ele próprio. Poucas e breves palavras bastaram para explicar-lhe para onde iria, e quais as providências que deveriam ser tomadas com relação ao iate. Depois de tudo anotado, o sr. Grey perguntou:

— O senhor irá para o campo hoje, como planejado?

— Sim, claro! Preciso resolver algumas coisinhas em Ridge antes de partir.

— O marquês não se esqueceu que convidou sir James Tancombe e a irmã, senhorita Nikole Tancombe?

— Não, não. Estou ansioso para encontrar-me com sir James. Mas convidei também outras pessoas?

— Sim, senhor. Lady Sarah Languish, que o senhor certamente se lembra que convidou a si mesma, e conforme suas instruções, enviei convites para lady Cleveland e o capitão Barclay para o fim de semana.

— E esta reunião acontecerá por algum motivo especial? — perguntou o marquês, tentando se lembrar do que seria.

O senhor deverá experimentar os novos cavalos que chegaram recentemente da Irlanda. Além disso, o sr. Gordon deve ter organizado um pequeno jantar para o sábado a noite.

O marquês assentiu, mais descansado: Sabia que todos os detalhes seriam perfeitamente cuidados por Grey, em Londres e por seu colega Gordon, no campo.

— Bem, de qualquer forma, parto em viagem no domingo — reiterou o marquês. — Deixarei aos meus convidados a opção de partirem no mesmo dia ou ficarem em Ridge até a segunda-feira.

— Claro, milorde — assentiu o sr. Grey. — Com certeza o secretário do senhor primeiro-ministro já telegrafou a Bruxelas requisitando os vagões de Sua Majestade. O marquês talvez encontre a balsa menos cheia que em um dia comum da semana.

— Muito bem — concordou o marquês —, então eu parto no domingo logo pela manhã. Está decidido. Ah, sim, avise Dawkins que ele irá comigo.

Dawkins era o seu valete, um ex-ordenança do seu tempo de Cavalaria Real. Era uma companhia de valor incalculável quando o marquês encontrava-se em missão secreta. Não se deixava perturbar facilmente, qualquer que fosse o perigo a enfrentar em tais ocasiões.

Às quatro horas, precisamente, o marquês tomou seu trem particular, que já o esperava na estação de St. Panreas. Às cinco e trinta desembarcava em sua estação particular, a três quilômetros apenas de Ridge.

Os convidados vindos de Londres haviam sido acomodados em um outro vagão particular, ligado a uma locomotiva que seguira um pouco mais cedo. Seriam recebidos em Ridge pelos criados, que lhes serviriam chá ou champanhe, ou o que quer que preferissem.

O marquês preferia viajar sozinho. Na sua opinião, o contato com os convidados antes que chegassem ao campo propriamente dito fazia com que perdesse um pouco do prazer de recebê-los em sua casa.

Invariavelmente, a primeira vez em que as pessoas viam Ridge ficavam boquiabertas ante sua imponência, da mesma forma como se surpreendiam quando conheciam o próprio marquês.

Ridge era enorme, e em termos de arquitetura, perfeita. Fora construída em uma parte alta do terreno, de forma que de suas janelas descortinavam-se vistas belíssimas, em todas as direções.

Uma vez que moravam no campo, o marquês não se preocupara em perguntar a sir James se preferia ir para Ridge de trem. Ele e a irmã poderiam chegar mais facilmente pela estrada.

Haviam sido informados pelo sr. Grey que seriam esperados a qualquer momento depois das seis horas, e Jimmy se determinara a não chegar atrasado. No entanto, a viagem tomou-lhe mais tempo do que a princípio imaginara. Finalmente, os imponentes portões de Ridge assomaram à sua frente, com apenas vinte minutos de atraso.

Foi Nikole quem mais se impressionou com a beleza do caminho que conduzia do portão à casa propriamente dita. Os galhos das árvores a ladeá-lo como que se davam as mãos acima da cabeça de quem passasse por baixo, formando um túnel verde.

Ao ver a casa, então, Nikole ficou boquiaberta. Nunca imaginara que alguém pudesse viver em uma construção tão bela. Com centenas de janelas brilhando ao sol, mais parecia um castelo de contos de fadas.

— Mas que coisa mais linda, Jimmy! — exclamou ela. — E como é grande! Como pode um homem viver dentro dela sozinho?

— O marquês nem sempre está sozinho — seu irmão a lembrou.

— Espero sinceramente que não haja muitos convidados Para este fim de semana — Nikole comentou. — Só tenho um vestido apresentável.

— Então é melhor que o use esta noite — Jimmy replicou. — A primeira impressão é sempre a mais importante.

Nikole achou ingênua demais a esperança de Jimmy. Ao lado de um homem dono de tamanho palacete, acostumado a tratar com os mais importantes nobres da Inglaterra, ela certamente passaria despercebida.

Mesmo porque, não estava acostumada ao contato com grande número de pessoas.

Sempre que se via sozinha em King's Keep, no pouco tempo só seu que lhe restava, refugiava-se nos livros. Sua mãe sempre insistira em que tivessem uma vasta biblioteca. E assim, enquanto seu pai adquiria quadros, ela lhe comprava os mais diversos livros.

— Podemos não ter dinheiro suficiente para fazermos grandes viagens, querida — dissera ela para a filha —, mas isso não deve fazê-la sentir-se diminuída.

Nikole a olhara de olhos bem abertos.

— Como assim, mamãe?

— Os livros permitirão que você faça a mais extraordinária de todas as viagens, a viagem da mente. Eles lhe dirão como agem e se comportam as pessoas nos mais diferentes países, e dessa forma você se sentirá integrada a elas.

Assim, com o incentivo da mãe, Nikole afeiçãoara-se à leitura desde pequena. E à medida que crescia os livros passaram a ocupar um lugar de destaque em sua vida, como o ar que respirava.

Despertado dessa forma o interesse por esse ou aquele país, não lhe fora difícil aprender a língua de seu povo. Um professor da escola ensinou-lhe italiano em aulas particulares, e um amigo da família prontificou-se a dar-lhe aulas de espanhol. Até russo Nikole aprendeu.

Um dia, quando menos esperava, conheceu uma garota russa na escola. Era filha de um diplomata que, tendo caído em desgraça perante a czar, refugiara-se na Inglaterra, com muito medo de voltar ao seu país de origem. Apesar de ser homem muito distinto, detentor do título de conde, estabelecera-se com pouquíssimo dinheiro em uma casa pequena e velha no centro da cidade. Esforçava-se para manter a si e à filha escrevendo artigos sobre a Rússia, já que seus poemas, visto que também era poeta, não encontravam quem se animasse a publicá-los.

Nikole leu-os certa vez e achou-os bastante tocantes.

Todas se apiedavam da pobre filha do poeta. A diretora da escola, que a deixava estudar praticamente sem pagar nada, e também lady Tancombe, mãe de Nikole, que freqüentemente a convidava para passar a noite em King's Keep, onde gozava de conforto e deliciava-se com pratos que lhe eram absolutamente desconhecidos.

Assim, a amizade entre a menina e Nikole cresceu. A ponto de se proporem uma troca: Nikole ensinaria inglês para Natasha, a amiguinha, e

esta se incumbiria de ensinar-lhe russo.

Passado algum tempo, o pai de Natasha recebeu uma correspondência da Rússia, estimulando-o a voltar para seu país de origem, já que o perdão do czar lhe estava assegurado.

Natasha e seu pai partiram, deixando saudades no coração de Nikole, e também o estranho pressentimento de que algo de muito ruim estava para lhes acontecer.

Há dois anos apenas Nikole recebera notícias daquela sua amiga de infância. Toda a família, tão logo chegara a São Petersburgo, por algum capricho ou deliberada maldade do czar, fora banida para a Sibéria.

A descoberta de um fato tão terrível só fizera com que Nikole odiasse ainda mais o povo russo, desejando jamais ter qualquer contato com nenhum deles.

Ao chegar a Ridge, é claro, a Rússia nem lhe passava pela cabeça. Pelo contrário, pensava que só mesmo na Inglaterra poderia haver uma casa tão majestosa e não ser um palácio real.

Jimmy e Nikole foram recebidos pelo mordomo, e o que parecia um exército de criados levou-os até seus aposentos. Foi-lhes então sugerido que talvez desajassem descansar um pouco depois da longa viagem. Teriam tempo suficiente para fazê-lo até que o jantar fosse servido.

Nikole fora conduzida a um quarto belíssimo, ligado ao do irmão, igualmente impressionante, por uma pequena sala íntima.

Antes de se retirarem, os criados ofereceram-lhe chá. Intimidade ante a idéia de estar causando-lhes trabalho demais, ela recusou. Somente depois que todos se retiraram Jimmy lhe disse:

— Não seja tão tola, Nikole! Aceite tudo que lhe oferecerem. Provavelmente nunca mais teremos a chance de nos hospedarmos em um lugar tão luxuoso quanto este, outra vez!

Ela deu de ombros, e soltou um suspiro.

— Oh, Jimmy, seria tão bom se estivéssemos aqui apenas por termos sido convidados, e não para nos arriscarmos a que suspeitem de você.

Jimmy riu, e respondeu:

— Quando conhecer melhor o marquês, não conseguirá imaginá-lo bisbilhotando pelos quartos empoeirados e fora de uso da casa de tia Alice!

Nikole riu, achando aquele comentário realmente engraçado.

— Agora vamos, pare de se preocupar! — Jimmy procurou animá-la. — Estamos perfeitamente a salvo. Tudo que eu quero agora é sair daqui com um cheque bem polpudo, para gastá-lo em King's Keep.

Eu sei, pensou Nikole, e é somente por isso que aceito estar aqui, como cúmplice mais uma vez desse terrível engano. Essa conversa passara-se na sala íntima. Ao voltar para seu quarto, Nikole percebeu que sua mala já fora desfeita.

Esperava que a criada tivesse notado seu vestido azul. De qualquer forma, certamente se surpreendera com os outros dois que fora obrigada a trazer.

Há meses vinha tentando economizar algum dinheiro do que Jimmy lhe dava para a manutenção da casa e assim comprar um vestido novo para o dia-a-dia. Mas ele sempre reclamava dos gastos, dizendo que eram excessivos, de forma que tinha de fazer verdadeiros milagres, sem que lhe sobrasse um tostão.

Uma grande quantidade de dinheiro passara pelas mãos de Jimmy nos últimos tempos, graças à venda de quadros e vasos antigos. Nem assim ele lhe oferecera um pouco para gastar consigo mesma.

Já usara praticamente tudo que sua mãe lhe deixara. No entanto, seus sapatos ameaçavam desfazer-se caso tentasse remendá-los outra vez.

Talvez para um homem sua aparência não fosse tão miserável. Mas uma mulher, como a criada que a servia, não tardaria a perceber como estavam gastas as suas roupas.

— De qualquer forma — Nikole procurou animar-se —, vou usar meu vestido novo esta noite. Talvez o marquês seja obrigado a vê-lo amanhã novamente, mas sempre resta a esperança de que ele credite isso a um engano de seus olhos!

Ela ria ante tal idéia quando começou a despir-se.

Nunca em sua vida sentira-se envolvida em tanto luxo como quando tomou o banho que lhe fora preparado, em frente ao fogo de uma bela lareira. Duas criadas incumbiam-se de trazer água quente e despejá-la na banheira, cuidando para que a temperatura de seu banho não se alterasse.

— Eis-me aqui — pensou Nikole em dado momento —, vivendo uma aventura em tudo comparável àquelas que li nos meus livros!

CAPÍTULO IV

O marquês não foi cumprimentar seus convidados, como de costume, imediatamente após sua chegada. Tinha instruções mais urgentes para dar ao seu secretário, além de precisar consultar-se com Dawkins, seu valete, quanto às roupas que seria aconselhável que lhe separassem para a viagem.

Quando teve tempo de saber se todos já haviam chegado, era hora de vestir-se para o jantar. Assim, foi direto para seu quarto.

Enquanto se vestia o marquês se lembrou da recomendação de lorde Beaconsfield de levar alguma companhia na viagem. Sabia que a única mulher a quem seria possível pedir uma coisa dessas no momento seria lady Sarah Languish: entre todas as beldades a quem o marquês cortejara recentemente, era a única que não estava presa a um marido.

Lady Sarah era filha do duque de Dorset. Ainda muito jovem envolvera-se com um aristocrata simpático mas desordeiro e, o que era pior, não muito rico. Fora considerado um bom partido na época, do ponto de vista do *status*.

O noivado fora anunciado. O duque confidenciava com o pai de seu futuro genro sobre os acertos do casamento. Foi então que se deu conta de como era pouco o dinheiro que eles tinham. Mas já era tarde para recusar-se a permitir que o casamento se realizasse. Só o que lhe restava fazer era lamentar que sua filha, tão bonita, tivesse escolhido um marido tão pouco apropriado.

Sarah, na época com apenas dezoito anos, encontrava-se perdidamente apaixonada por Ronald Languis, dez anos mais velho, e muito atraente.

Por sua vez, ele a achava encantadora. Além do que, gostava muito de cavalgar os cavalos do duque e hospedar-se em sua casa.

Quando, porém, viram-se sozinhos em uma casa não tão confortável, só para eles, todo o encanto do casamento foi pouco a pouco desaparecendo. Sarah já não tinha os pais por perto para fazer-lhe as vontades. Sentia-se aborrecida por não ter tantos criados como gostaria, nem cavalos tão bons e, ainda pior, nem vestidos tão caros.

Em menos de um ano começaram as brigas. E um ano mais, passaram a viver mais ou menos separados.

No que diz respeito a Sarah, o melhor que lhe poderia ter acontecido foi a morte de Ronald, em uma corrida de cavalos.

Ele montava um animal incapaz de saltar tão alto quanto os obstáculos que haviam sido preparados para aquela prova. No terceiro salto, o cavalo tropeçou e atirou-o longe, provocando a quebra de sua espinha. Se tivesse sobrevivido, Ronald Languis teria ficado aleijado pelo resto de seus dias.

O duque suspirara aliviado, por ver sua filha livre novamente.

Quanto a lady Sarah, não lhe entusiasmava a idéia de casar-se outra vez. Preferia divertir-se com um amante atrás do outro, ao mesmo tempo em que ia se tornando mais bela a cada dia. Era uma das mulheres para quem o público invariavelmente se levantava no Hyde Park, ao vê-la passando em carruagem aberta.

Um dia lady Sarah conheceu o marquês. Foi então que resolveu ceder aos pedidos de seu pai para que se casasse novamente.

O marquês tinha todas as qualidades que sempre procurara em um homem: era belo e muito, muito rico.

Lady Sarah o perseguia incansavelmente, mas com a astúcia que só as mulheres experientes têm. Tanto que nem se deixou abalar quando soube que ele estava tendo um caso com lady Lessington. Lorde Lessington gozava de excelente saúde e sua esposa jamais se exporia ao escândalo de um divórcio.

Lady Sarah esperava pacientemente por sua oportunidade.

Por intermédio de um amigo, soube que o marquês estaria recebendo em Ridge naquele fim de semana. Determinada a fazer daquela a sua grande chance, porém sem demonstrar um interesse exagerado, perguntara àquele amigo:

— Será uma festa para muitos convidados?

— Não, creio que não. Apenas os Cleveland e eu, naturalmente. Vamos experimentar alguns dos novos cavalos que Blake adquiriu recentemente, e que com certeza causarão a maior inveja em todos que lá estiverem!

— O que não seria de surpreender — observara lady Sarah, com um sorriso malicioso nos lábios.

O mesmo amigo confidenciou-lhe que lady Lessington não estava incluída entre os convidados dessa vez.

Com mais este trunfo nas mãos, lady Sarah esperou um momento em que com certeza o marquês não estaria em casa e foi até lá, onde pediu para ser recebida por seu secretário.

O sr. Grey apressou-se a ir ao seu encontro, na biblioteca, para onde a haviam conduzido.

— Bom dia — cumprimentou lady Sarah, sorrindo afavelmente. — Ouvi dizer que o marquês não está em casa.

— O marquês não deve retornar antes das cinco da tarde — respondera o sr. Grey.

— Então será que você pode me fazer o favor de perguntar-lhe se posso hospedar-me em Ridge na sexta-feira, e lá ficar até o domingo? Tenho um importante compromisso naquela região, e me seria por demais conveniente se o marquês permitisse que eu lá me hospedasse.

— Darei seu recado ao marquês, milady, tão logo ele retorne.

— Obrigada — disse lady Sarah —, e, se for possível, mande-me a resposta a minha casa. Eu lhe serei imensamente grata.

— Assim o farei, logo que tiver a resposta do marquês.

— O senhor é muito gentil — disse lady Sarah, em um tom de voz doce e suave, que deixaria qualquer homem fascinado.

Com um último sorriso para o sr. Grey, ela partiu.

O marquês acabava de vestir-se, preocupado na verdade com sua viagem. Se quisesse que lady Sarah o acompanhasse naquela aventura, teria de convidá-la ainda naquela noite.

Tinha certeza de que ela não recusaria. Mas teria de dar-lhe pelo menos vinte e quatro horas para que se preparasse.

Lady Sarah, além de lhe servir como passatempo, seria também um bom disfarce caso alguém se mostrasse curioso em saber por que faziam um cruzeiro desde a Grécia, ao longo da costa da Bulgária.

O marquês olhou-se uma última vez no espelho, para certificar-se de que a gravata estava no lugar. Em seguida saiu para o largo corredor que conduzia ao topo das escadas. Ainda pensando em lady Sarah, seus olhos já procuravam observar o que acontecia lá em baixo.

Dois lacaios, muito elegantes na libré de Ridge, postavam-se ao pé da escadaria, enquanto o mordomo, com seu cabelo esbranquiçado, esperava à porta da sala de visitas para receber e anunciar os convidados.

Enquanto descia as escadas, o marquês deu uma olhada em seus quadros, ali dependurados há mais de cem anos. Isso o fez lembrar-se de que sir James Tancombe devia ter lhe trazido mais algumas obras, e estava

ansioso para vê-las. Se fossem realmente boas iria usá-las para inaugurar a nova galeria que criara na ala leste da casa, grande o bastante para abrigar tudo o que pretendia comprar.

Ao adentrar a sala de visitas o marquês encontrou alguns dos seus convidados já ali reunidos. Lá estavam lady e lorde Cleveland, seus primos distantes e a quem gostava muito de receber. Lady Sarah acompanhava-os.

Todos riam muito quando ele se aproximou. Mas assim que o viu, lady Cleveland levantou-se para cumprimentá-lo:

— Blake, como é bom vê-lo novamente! — disse ela, beijando-lhe as faces. — Ah, como eu adoro visitá-lo aqui em Ridge, que fica mais bela cada vez que aqui venho.

— É um prazer ouvir isto de você — replicou o marquês com um sorriso.

Então estendeu a mão para lorde Cleveland, dizendo:

— Estava ansioso por revê-lo, Arthur.

Em seguida foi a vez de lady Sarah, que deliberadamente afastara-se um pouco para que pudesse ser melhor admirada.

— Já me perdoou por eu ter me intrometido desse jeito em sua casa? — ela perguntou, toda sorridente.

— Não é preciso que eu lhe diga — retrucou o marquês —, para que você saiba que é sempre bem-vinda a esta casa, a qualquer momento.

A expressão nos olhos de lady Sarah não deixava dúvidas sobre como terminaria a noite para eles.

Com certo esforço, o marquês voltou-se novamente para os Cleveland.

— Mas do que riam tanto quando entrei? — perguntou.

— Sinto que perdi algo de muito engraçado.

— Muito engraçado mesmo — respondeu lady Cleveland.

— Sarah estava nos contando uma história muito maldosa a respeito de George Hamilton. Mas juramos manter segredo, por isso, não posso repeti-la para ninguém!

— Exceto, é claro, para mim! — retrucou o marquês, risonho.

Mas enquanto assim falava ocorreu-lhe que lady Sarah não devia espalhar boatos sobre o duque de Hamilton. Tratava-se de uma pessoa de idade, e muito respeitada na corte.

O marquês não demorou a fazer uma outra associação possível com aquele incidente: se ela era capaz de fazer fofocas a respeito de uma pessoa desse nível, com certeza faria o mesmo com relação a assuntos que, como

lorde Beaconsfield fizera questão de frisar, ninguém jamais deveria saber.

A porta da sala de visitas se abriu nesse instante.

— Sir James Tancombe e senhorita Nikole Tancombe, milorde! — anunciou o mordomo.

O marquês imediatamente virou-se para deparar-se com Nikole, vindo em sua direção, com o vestido azul turquesa que ela mesma fizera.

Jamais ela poderia ter imaginado que aquela sala era o cenário perfeito para seu vestido, naquela noite. As paredes eram brancas, e aqui e ali haviam alguns afrescos em dourado. As cadeiras Luís XIV, bem como todos os sofás, eram revestidos de um tom de azul bem mais claro que o do vestido, só fazendo realçá-lo.

Tudo o mais que havia na sala fora escolhido para combinar com a mobília. Até mesmo o tapete, onde predominavam as cores branco e azul.

À medida que Nikole se aproximava, sua graça e encanto fizeram com que o marquês se lembrasse de uma peça de porcelana de Sevres que tinha sobre a cornija da lareira, e também de um quadro de Boucher, no qual estava retratado exatamente o mesmo tom de azul.

— É um prazer revê-lo, sir James! — disse o marquês, estendendo-lhe a mão. — Fico contente que tenha persuadido sua irmã a acompanhá-lo.

Ante esse elogio, Nikole fez uma graciosa reverência à frente de seu anfitrião. Mas quando adiantou-se para estender-lhe a mão, não conseguiu disfarçar o tremor de seus dedos.

Era como se o marquês segurasse um pássaro cativo, pequenino e assustadiço. Tal impressão o fez procurar imediatamente os olhos de Nikole, grandes e que pareciam dominar-lhe todo o rosto, e perceber que eles claramente revelavam um grande medo.

Querendo dar-lhe um pouco de confiança, o marquês segurou-lhe os dedos por um tempo um pouco mais longo que o necessário. Afinal, disse:

— Venham conhecer meus amigos. Esta será uma reunião bastante pequena.

Enquanto fazia as apresentações, o capitão Barclay entrou esbaforido na sala.

— Não estou atrasado, estou? — disse ele ao marquês. — Perdi minhas abotoaduras e tive de pegar emprestado uma das suas.

Lady Cleveland brincou com ele por ser tão descuidado, enquanto lady Sarah apenas o cumprimentou. Em seguida, o marquês chamou-lhe a atenção para apresentá-lo a James e Nikole.

— Onde é que você tem se escondido? — perguntou o capitão

Barclay a Nikole, depois de beijar-lhe gentilmente a mão. — Não me lembro de tê-la visto em lugar nenhum!

— Raramente saio de casa — respondeu Nikole, achando graça naquela observação.

— Você mora em King's Keep, não é mesmo? — intrometeu-se lady Cleveland. — Tenho ouvido falar muito de lá, por nosso anfitrião.

— Pois eu não ouvi falar nada, mas deve ser um lugar encantador — apressou-se a dizer Willie Barclay.

A disposição dos convidados para o jantar colocava Nikole ao lado do capitão, o que muito o agradou, pois o achara muito divertido.

O marquês estava ladeado à direita por lady Cleveland, e à esquerda por lady Sarah. Sentado à cabeceira da mesa, Nikole o imaginava tão imponente quanto um verdadeiro rei. Mas havia algo nele que a incomodava. Examinando-o melhor, ainda que sorrateiramente, durante todo o jantar, identificara no marquês o que seu pai costumava chamar de “olhos de águia”.

— As águias conseguem ver mais longe que os outros pássaros — ele lhe explicara certa vez — e não deixa presa alguma escapar!

Se sua suspeita fosse correta, Jimmy correria um grande perigo ao tentar vender quadros roubados àquele homem.

Foi um jantar soberbo, tanto na variedade dos pratos quanto na qualidade dos vinhos. E graças ao número reduzido de pessoas à mesa, todos puderam conversar entre si, tornando a noite ainda mais animada.

Na verdade, aquela teria sido a noite mais divertida da vida de Nikole, não fosse o peso do medo a oprimir-lhe ininterruptamente o peito.

Findo o jantar, as damas deixaram os cavalheiros a sós para melhor apreciarem o seu vinho do Porto, e reuniram-se novamente na sala de visitas.

— Senhorita Tancombe? — chamou lady Cleveland amavelmente. — Não quer vir sentar-se aqui a meu lado, e contar-me um pouco mais sobre você?

Lady Cleveland era uma pessoa muito atenciosa. Não lhe passara despercebida a timidez de Nikole, a qual imediatamente atribuiu ao fato de ela ser mais jovem que todos os outros convidados.

Nikole sentou-se no sofá ao lado dela e, sentindo-se ainda um tanto encabulada, comentou:

— Estou maravilhada com esta casa tão magnífica!

— É como todos ficamos quando estamos em Ridge! — disse lady Cleveland, sorrindo.

— Suponho que o marquês já esteja cansado de ouvir lhe dizerem o quanto sua casa é maravilhosa, mas para mim é quase como se ela não fosse real.

— Pelo contrário, acho que ele espera sempre por esses cumprimentos, mesmo daqueles que vêm freqüentemente aqui.

— Com meu irmão acontece o mesmo — confessou Nikole. — Ela acha que King's Keep é um lugar perfeito, e fica embaçado se as pessoas não se mostram tão entusiasmadas a esse respeito quanto ele.

— Acho que a maioria dos homens é assim — replicou lady Cleveland. — No que diz respeito ao meu marido, sua paixão são os cavalos. A primeira coisa que deve se lembrar quando se hospedar em nossa casa é de lhe perguntar onde ficam os estábulos!

Nikole riu bastante do que lady Cleveland dissera. Sentia-se menos tensa agora, graças à amabilidade de sua companhia.

Os cavalheiros juntaram-se a elas nesse momento. Logo que entrou na sala, o marquês percebeu que a mesa de jogos já havia sido preparada no fundo da sala, como de costume. Assim, ele foi até lady Cleveland e disse:

— Eu sei que você está ansiosa para jogar bridge, Íris. Creio que Willie e lady Sarah poderão fazer-lhe companhia.

Lady Sarah, que se levantara ao vê-lo entrar, pôs a mão no braço do marquês.

— Quero jogar com você — disse ela, suavemente.

— Mais tarde, talvez — ele lhe respondeu. — Agora preciso levar sir James e sua irmã ao meu estúdio. Não nos demoraremos, eu prometo. Então quem sabe possamos participar de uma rodada de bacará.

Lady Sarah parecia desapontada.

Quanto a Nikole, parecia que aquele peso em seu peito subitamente se avolumara, tornando-se quase que insuportável. Mas nem por isso deixou de perceber o brilho intenso que de repente incendiou os olhos de seu irmão.

Quando deixavam a sala de visitas, acompanhados pelo marquês, Jimmy perguntou:

— Será que devo ir buscar os quadros que trouxe para o senhor, agora? Estão lá em cima, em meu quarto.

— Um dos lacaios pode fazer isso — replicou o marquês —, embora talvez prefira carregá-los pessoalmente.

Jimmy caminhou em direção à escada e o marquês indicou para Nikole:

— Vamos por aqui.

Continuaram pelo corredor, em direção oposta à que haviam tomado para ir até a sala de jantar. O marquês conduziu Nikole a uma sala que, na opinião dela, era exatamente como devia ser o escritório de um homem.

As paredes eram recobertas de pinturas de esportes, e havia um quadro magnífico sobre a lareira, pintado por Stubbs, retratando um cavalo. O sofá e as poltronas eram revestidos de couro vermelho.

Quando entraram, dois cães da raça spaniel levantaram-se do tapete de centro para fazer festa ao marquês.

Mais ao fundo havia uma escrivaninha George III, com tampo de vidro, pés e puxadores dourados. Dentro de um armário estilo Chippendale, com as portinholas igualmente de vidro, viam-se diversas coleções de livros ricamente encadernados. Por fim, resguardando a janela, cortinas de veludo vermelho pendiam da parede, combinando com o sofá.

— Sente-se, por favor, senhorita Tancombe — convidou-a o marquês. — Espero que tenha apreciado o jantar.

— Posso lhe dizer com toda sinceridade que foi o jantar mais delicioso que já provei. Mas confesso também que estou tão encantada com sua casa que me é difícil reparar em qualquer outra coisa.

— É isto que eu gosto de ouvir — disse o marquês. — Ao mesmo tempo, preocupa-me vê-la aparentemente tão assustada.

Nikole, no mesmo instante desviou o olhar em direção ao fogo da lareira.

— Você é muito bonita — continuou o marquês. — Por isso, acho inadequada qualquer outra expressão em seu rosto que não a de felicidade.

Nikole ficou tão atônita diante de tal elogio que voltou a olhá-lo. Mas quando o viu encará-la de frente, sentiu o rubor inundar-lhe imediatamente as faces, fazendo-a desviar os olhos de novo.

— Será possível — perguntou o marquês, insistente — que tenha achado meus elogios embaraçosos?

— É que... não estou acostumada a receber tais cumprimentos — Nikole respondeu, timidamente.

— Será que King's Keep fica no meio de um deserto, ou serão todos os homens da vizinhança absolutamente cegos?

Nikole riu.

— Não é um lugar tão ruim assim, mas não costumo ver muita gente por lá. Os raros amigos de Jimmy que nos visitam concentram-se tanto em admirar a casa e os quadros que raramente olham para mim!

Foi a vez de o marquês rir, diante de tanta ingenuidade.

— Esta é realmente uma história triste! — E, depois de uma pausa, ele acrescentou: — Quando a vi entrar na sala usando este vestido, que aliás deve ter sido desenhado pela mesma pessoa que escolheu os meus móveis, pensei que estivesse sonhando.

— Agora que o senhor mencionou, percebo que meu vestido é exatamente da mesma cor que a porcelana e aquelas belíssimas cadeiras francesas.

— Talvez ao comprá-lo você tenha tido um pressentimento de como seria a minha sala.

Nikole achou que o marquês ficaria surpreso se soubesse que ela mesma fizera o vestido, em apenas um dia e meio. Mas é claro que não tinha a menor intenção de revelar-lhe isso.

Nesse momento, a porta se abriu e Jimmy entrou, trazendo consigo os quadros. Como de costume, quando fazia alguma coisa por King's Keep, ele estava muito animado. Era como se todo o seu ser, mente, coração e alma, se iluminassem.

Expondo ao marquês primeiramente o Van Leyden, Jimmy deixou-o examiná-lo bem antes de fazer qualquer comentário. Em seguida, depois que seu possível comprador acenou com a cabeça, aprovadoramente, exibiu-lhe o Mabuse.

Imediatamente o marquês sentou-se mais na ponta da cadeira e exclamou:

— Mas é um Mabuse! E... é Jacqueline de Borgonha que está aí retratada. Como diabos você conseguiu esse quadro?

— Não tenho certeza de onde foi que meu pai o comprou — Jimmy respondeu vagamente. — Mas acho que este é o melhor exemplar de uma técnica brilhante.

— Concordo plenamente! — replicou o marquês.

Então, com o ar de um mágico que vê chegar o ponto máximo do seu show, Jimmy apresentou o *A Virgem no Jardim de Rosas*, encostando-o contra uma cadeira.

O marquês olhou-o embasbacado.

— Um Lochner! — conseguiu afinal exclamar.

— Um dos melhores quadros por ele pintado — Jimmy emendou. — Minha irmã mal pode suportar a idéia de se desfazer dele.

O marquês olhou para Nikole, e encontrou-a examinando atentamente o quadro. Mais uma vez, pedia à virgem que os ajudasse.

Depois de alguns momentos em silêncio, o marquês disse:

— Só o que posso lhe dizer, Tancombe, é que fico-lhe muito grato por ter me trazido estes quadros, os quais terei imenso orgulho em ter em minha coleção.

— Eu sabia que o senhor iria gostar.

— São perfeitos! — exclamou, ainda bastante entusiasmado. — Tenho certeza de que jamais me desfarei de nenhum deles.

— Foi o que eu sempre disse para mim mesmo — Jimmy explicou.

— Mas há tanto que fazer em King's Keep, e o senhor sabe como são caras essas coisas.

Ouvindo Jimmy falar daquele jeito, Nikole percebeu que não conseguiria participar daquela farsa por muito mais tempo. Logo eles começariam a negociar o preço de cada quadro, e ficaria ainda mais revoltada ao ver uma obra tão importante para ela quanto *A Virgem no Jardim de Rosas* sendo avaliada em libras, friamente.

— Perdoe-me, milorde — disse ela então, em um tom de voz muito baixo, levantando-se repentinamente —, incomoda-se que eu me recolha aos meus aposentos? Estou com uma leve dor de cabeça... Receio que ainda seja conseqüência da longa viagem.

— Mas é claro que não — o marquês respondeu. — Fique à vontade.

— Muito obrigada — Nikole agradeceu, virando-se em direção à porta.

Antes que a alcançasse, porém, o marquês adiantou-se e abriu-a para ela.

— Espero que tenha um bom sono — disse ele, em sua voz grave.

Nikole fez um esforço para sorrir e, sem dizer mais nada, desapareceu no corredor.

Mas ainda teve tempo de ouvir a porta do escritório fechando-se às suas costas. Pronto! A barganha pelos quadros estava prestes a começar.

Não lhe fora difícil ler na expressão do rosto do marquês sua surpresa em ver Jimmy disposto a vender um quadro tão magnífico. Qualquer colecionador faria o impossível para mantê-lo consigo.

Teria sido melhor se Jimmy tivesse trazido alguma coisa menos importante, Nikole pensou.

Ao chegar a seu quarto, inexperiente em hospedar-se em casas tão luxuosas, esqueceu-se de tocar a campainha para chamar a criada para ajudá-la a despir-se. Ela mesma dependurou o vestido no guarda-roupa.

Era muito estranho que as cortinas de um quarto de King's Keep

combinassem exatamente com a sala de visitas de Ridge.

Afinal deitou-se, mas não conseguiu dormir, preocupada com o que estaria acontecendo lá embaixo.

Duas horas mais tarde Jimmy abriu a porta de comunicação da sala íntima e deu uma espiada para dentro de seu quarto.

— Você está acordada? — ele sussurrou.

Nikole sentou-se na cama. Deixara uma vela acesa, certa de que Jimmy viria contar-lhe ainda naquela noite o que acontecera.

Ele aproximou-se da cama e sentou-se em frente à irmã.

— Quanto acha que consegui? — perguntou.

— Não posso imaginar.

— Dez mil libras!

Nikole levou as mãos ao rosto, como que para esconder sua expressão de espanto.

— Não acredito!

— Mal posso acreditar também — Jimmy confessou.

— Deve ter sido esta a quantia que você pediu logo de início.

— Sim, foi, e o marquês nem quis discutir.

— Não pode ser verdade! — Nikole insistiu.

— Mas é! Agora posso fazer tudo que quero em nossa casa, inclusive o forno novo na cozinha que vem te incomodando há tanto tempo.

— Tem certeza que o marquês não desconfiou de nada?

— Claro que não!

— Oh, Jimmy, acho que você devia ajoelhar-se e agradecer a Deus por tudo que já conseguiu — disse Nikole, alegremente. E então, mais séria, continuou: — Eu gostaria de lhe pedir um favor, Jimmy.

— O que é? — ele perguntou, sem desconfiar do que seria.

— Agora que você já tem tanto... não acha que é hora de parar com esses roubos de quadros?

Jimmy levantou-se bruscamente da cama.

— Se for por algum tempo, acho que sim — ele respondeu.

— Eu ficaria mais feliz se você dissesse “para sempre”.

— Como prever o que acontecerá no futuro? Dizendo isso, Jimmy caminhou em direção ao seu quarto. Ao chegar à porta de comunicação, voltou-se e disse:

— Se quer saber a verdade, estou muito, muito contente comigo mesmo! Acho até que, embora você jamais concorde comigo, tenho sido bastante inteligente!

E, sem dar tempo a Nikole de responder nada, ele entrou para a sala íntima e fechou a porta atrás de si. Lentamente, Nikole virou-se para apagar a vela. Em seguida, mesmo deitada, rezou para *A Virgem no Jardim de Rosas*. Queria agradecer-lhe por ela mais uma vez ter poupado seu irmão de uma grande vergonha.

Mas, infelizmente, aquele peso em seu peito ainda se fazia sentir. Na manhã seguinte, o sol brilhando alegremente no céu, Nikole levantou-se, determinada a viver com ânimo renovado aquele dia.

A criada que a chamou disse-lhe que o marquês ia cavalgar após o desjejum. Qualquer um dos convidados que quisesse acompanhá-lo seria bem-vindo.

Jimmy elogiara tanto os cavalos do marquês que desde King's Keep Nikole vinha mantendo a esperança de poder cavalgá-los. Chegara mesmo a incluir seu velho traje de montaria na bagagem. Trouxera também um lenço que costumava usar em volta do pescoço nessas ocasiões, já um tanto esfia-pado, mas procuraria colocá-lo de forma a que ninguém notasse seu estado.

Usaria também um chapéu mais delicado que o chapéu de copa alta que normalmente integrava a vestimenta de montaria.

Sem que Nikole soubesse, porém, aquele tipo de chapéu era exatamente o mesmo adotado em Londres por uma organização formada por jovens cavaleiros e amazonas, especializados em treinar os cavalos da fina flor da corte de Sua Majestade.

Quando desceu para a sala de café, Nikole encontrou três convidados, entre eles seu irmão. Não havia sinal de lady Cleveland ou de lady Sarah.

O marquês entrou no exato momento em que ela se sentava ao lado de Jimmy.

— Bom dia! — disse ele para seus hóspedes e, voltando-se então para Nikole, perguntou: — Está se sentindo melhor?

— Sim, obrigada.

— Sentimos sua falta na noite passada — disse Willie. — Mas não se preocupe, seu irmão conseguiu esvaziar-me os bolsos mesmo sozinho.

Nikole deixou escapar um suspiro de alívio ao saber que Jimmy nada perdera no jogo. Mas isso a fez lembrar-se da quantia obtida com a venda dos quadros ao marquês, e ela comentou:

— Deve ter sido sua noite de sorte!

— Não, não. Nós é que temos a sorte de tê-la em nossa companhia, hoje — disse Willie galantemente. — Só espero que os cavalos de Blake não

sejam ariscos demais para você!

— Oh, eu também espero que não!

Mas logo descobriu que lhe havia sido reservado um cavalo magnificamente belo e muito bem treinado, fácil de lidar.

O marquês montava um garanhão que aparentemente estava disposto a fazer de tudo para vê-lo fora da sela. Ainda assim, Nikole achou que homem algum poderia ser mais magnífico ao cavalgar.

Depois de passearem um pouco, o marquês levou-os até uma raia de corrida, onde os quatro cavaleiros se colocaram em posição e largaram. Ela ficou assistindo apenas. O marquês chegou em primeiro lugar, seguido de perto por Jimmy.

Enquanto voltavam a passo lento para casa, o marquês perguntou a Jimmy:

— Você tem tanto conhecimento sobre cavalos como tem de quadros?

— Gostaria de poder dizer que sim — Jimmy respondeu — mas nem sempre tenho a boa sorte de montar um animal tão bom quanto este!

Nikole imediatamente pôs-se a imaginar se, com o dinheiro que Jimmy levaria dali, não poderiam comprar cavalos novos para King's Keep. Os únicos animais que tinham eram muito velhos, mal serviam para puxar o coche. Ah, como ela gostaria de ter um cavalo só seu, para passear pelos campos.

Como se tivesse lido seus pensamentos, o marquês comentou, sobressaltando-a:

— Tenho a impressão, senhorita Tancombe, que está sentindo uma ponta de inveja.

— Mas é claro que sim — retrucou. — O senhor é dono de tantas coisas, enquanto que nós temos tão pouco.

— Mas vocês têm King's Keep! — exclamou o marquês, que não esperava aquela resposta tão sincera.

— Que é uma propriedade que exige de nós mais do que podemos dar.

Essa resposta intrigou o marquês. Nikole dava a impressão de sofrer com aquela situação toda, ao contrário de seu irmão, que só fazia tecer elogios à sua casa.

O marquês gabava-se de sua perspicácia, mas jamais fora capaz de adivinhar tão completamente os sentimentos de uma mulher, como acontecia agora. Quanto mais convivia com Nikole, mais crescia-lhe a certeza de que

ela era uma mulher diferente.

Não sabia ao certo o que o fazia pensar dessa forma. Talvez fosse a ingenuidade e sinceridade do que dizia, ou então a maneira despretensiosa com que ela encarava sua beleza. Naquele exato momento, a cavalo, o traje escuro realçando-lhe os belos cabelos dourados, Nikole parecia esquecida de que era uma mulher bela.

Qualquer outra mulher do relacionamento do marquês, depois que tivessem galopado um pouco, estaria ajeitando o cabelo ou puxando o traje aqui e ali para tentar arrumá-lo, procurando sempre estar artificialmente impecável. Oh, e é claro, já estariam flertando com ele em cada palavra que lhe dirigissem, em cada olhar que lhe lançassem.

Mas Nikole olhava para a casa à frente, ou para o lago mais abaixo, em cuja volta cresciam belíssimas flores. Era como se a presença dele, o marquês de Ridgmont, nada significasse.

De repente assaltou-o a idéia de que a expressão que Nikole levava no rosto era muito parecida com a da *A Virgem no Jardim de Rosas*.

“Com certeza, se um artista a visse agora”, pensou o marquês, “haveria de querer retratá-la em meio a um jardim, também.”

O marquês estranhou-se por ter tais pensamentos. Mas Nikole realmente era um enigma para ele. Por que parecia tão assustada na noite anterior? E por que deixara o escritório tão subitamente, alegando uma repentina dor de cabeça? E, o que era mais intrigante de tudo, por que se pusera a rezar para *A Virgem no Jardim de Rosas* tão logo seu irmão trouxera o quadro para dentro do escritório?

Essas eram perguntas para as quais o marquês não tinha respostas. Mas era um homem determinado. E estava confiante que, mais cedo ou mais tarde, descobriria a resposta definitiva para todas as suas dúvidas.

CAPÍTULO V

Quando voltaram a casa, o marquês foi direto para seu escritório. Sabia que Gordon já teria um grande número de cartas esperando para serem assinadas.

Acabara de despachar uma dúzia de cartas quando seu secretário entrou.

— Eu estava aqui imaginando, Gordon — comentou o marquês —, quando foi que ouvi o nome de Jacqueline de Borgonha pela última vez.

O sr. Gordon parecia igualmente intrigado, mas não poderia ajudar seu patrão naquele momento.

O marquês lembrava-se agora, com estranheza, que quando sir James Tancombe lhe mostrara o quadro pintado por Mabuse, fora capaz de reconhecer imediatamente quem estava ali representada.

Por alguns instantes fez-se silêncio no escritório do marquês. Então ele disse:

— Trata-se de um quadro de Mabuse retratando-a.

— Ah, agora acho que me lembro, milorde — Gordon respondeu. — Parece que essa tela foi mencionada em algumas das últimas correspondências que seu pai recebeu.

— Vá buscá-las, por favor — ordenou o marquês.

Depois da morte do pai mandara arquivar toda sua correspondência relacionada com o acervo, por ordem alfabética de pintores. Fizera isso para o caso de precisar saber detalhes da compra de suas telas a qualquer momento.

O marquês continuou entretido com as cartas até que, pouco depois, o sr. Gordon voltou com um grande arquivo nas mãos. Colocando-o em frente ao marquês, disse:

— Este arquivo, milorde, contém todas as correspondências relacionadas a artistas cujos nomes vão do “L” ao “M”.

— Obrigado, Gordon.

O marquês abriu o arquivo e, depois de revirar um pouco os documentos que ali estavam, encontrou sob o nome “Mabuse” uma carta de lorde Hartley para seu pai. A carta dizia o seguinte:

O senhor comentou, quando estivemos no White’s Club, que estava ansioso

por conseguir um Mabuse para sua coleção. Lembro-me de, na ocasião, ter mencionado que tinha o retrato, por ele pintado, de Jacqueline de Borgonha. Comprei-o de um comerciante em Amsterdam, cujo nome e endereço lhe envio em uma folha separada.

Creio que o achará um homem honesto e de confiança. Na verdade, foi esse comerciante que serviu de intermediário na minha aquisição do quadro de Lochner “A Virgem no Jardim de Rosas”, uma das mais belas telas que já vi.

Eu e minha esposa nos sentiríamos muito honrados se o senhor se dispusesse a visitar-nos, quando então poderia mostrar-lhe o meu modesto acervo, bem como minhas mais recentes aquisições.

O marquês olhava estarecido para o que estava escrito naquele pedaço de papel. Então percebeu, no fim da carta, algumas palavras escritas com a caligrafia rabiscada de seu pai.

Após a morte de Hartley entrei em contato com a viúva. Ela recusou-se a vender-me qualquer coisa!

O marquês colocou o arquivo sobre a escrivaninha e chamou novamente seu secretário.

— Peça para que sir James Tancombe e sua irmã venham imediatamente ao meu escritório.

O sr. Gordon afastou-se rapidamente para cumprir aquela ordem, enquanto o marquês lia a carta novamente, bem como a anotação de seu pai.

Pouco tempo transcorreu até que Jimmy e Nikole aparecessem. Assim que entraram, o marquês percebeu que ela parecia outra vez assustada.

Como se nada tivesse acontecido, ele levantou-se e disse:

— Não querem se sentar? Tenho algo a discutir com vocês. Jimmy sentou-se na cadeira mais próxima da escrivaninha.

Nikole dirigiu-se para uma outra, oposta aos três quadros que seu irmão vendera ao marquês, arranjados propositadamente sobre o sofá. *A Virgem no Jardim de Rosas* era o do meio. Quando Nikole olhou para aquele quadro, teve a assustadora sensação de que a Virgem queria dizer-lhe alguma coisa.

— Quando me levantei esta manhã — começou o marquês — fiquei imaginando como fora possível que, ao ver o retrato pintado por Mabuse, eu já soubesse que se tratava de Jacqueline de Borgonha.

Jimmy o escutava com os olhos voltados para o marquês, enquanto Nikole olhava fixo para o quadro da Virgem. Mais uma vez, o marquês teve a impressão de que ela estava rezando.

— Assim — continuou —, revirei os arquivos de meu pai e descobri que ele certa vez se correspondera com lorde Hartley, acerca desse mesmo quadro.

Jimmy retesou-se todo.

Nikole sentiu como se tivesse acabado de ser atravessada por uma adaga. Por um momento, foi-lhe difícil até mesmo respirar. Muito lentamente, virou-se e olhou para o marquês.

— Tenho aqui comigo uma carta que lorde Hartley escreveu para meu pai — continuou o marquês. — Vou lê-la para vocês.

Dizendo isto, apanhou a carta de sobre a escrivaninha e, com sua voz profunda, mas clara, leu-a em voz alta.

Quando mencionou *A Virgem no Jardim de Rosas* Nikole soltou um gemido abafado. Apertando as mãos nervosamente uma na outra, voltou-se mais uma vez para olhar o quadro.

“Ajude-nos... Por favor, ajude-nos!”, ela estava rezando, do fundo do seu coração.

Terminada a leitura da carta de lorde Hartley, o marquês leu também a anotação de seu pai. Em seguida, pôs de volta a carta sobre o tampo da escrivaninha e, olhando para Jimmy, disse:

— Talvez sua explicação, sir James, seja a de que lady Hartley tenha mudado de idéia e vendido a você estes quadros e mais o Van Leyden, que eu ainda não tive tempo de examinar melhor.

Um silêncio tenso interpôs-se entre Jimmy e o marquês. Então, como Nikole sabia que seu irmão tentaria mais uma vez enganar o marquês, levantou-se e, colocando-se bem à frente de seu interlocutor, gaguejou:

— Por favor... procure entender-nos. Os quadros estavam trancafiados dentro de cômodos empoeirados... Nossa tia não lhes tinha a menor estima.

Ela estava muito pálida e seus olhos pareciam crescer de tamanho, como que sobrecarregados de tanto medo e angústia.

— E por isso vocês os roubaram! — completou o marquês.

— Lady Hartley é uma Tancombe — replicou Nikole. — Jimmy precisava desses quadros para que pudesse vendê-los e com o dinheiro restaurar a casa em que os Tancombe têm vivido há quatrocentos anos.

— No entanto — retrucou o marquês, com a voz bastante dura — eles não se preocuparam o suficiente com isto, a ponto de oferecer-lhes estes quadros para a venda. Imagino que lady Hartley se negaria a entregar-lhes estas obras se vocês tivessem pedido.

— Ela sempre recusou-se a ajudar-nos, embora seja muito rica — Nikole respondeu. — Por favor... tente compreender.

— Acho que seu irmão deveria dizer alguma coisa também — o marquês sugeriu.

Como se tivesse se ofendido com aquelas palavras, Nikole afastou-se da escrivaninha, colocando-se de frente para *A Virgem no Jardim de Rosas*. Com todo o seu coração, rezava para que o marquês não denunciasse Jimmy publicamente.

— Bem, e então? — indagou o marquês, olhando para Jimmy. — Não tem nada a dizer?

— Minha irmã contou a verdade ao senhor — Jimmy disse, afinal. — Eu estava desesperado para restaurar King's Keep e devolvê-la à sua antiga glória. Tinha de conseguir dinheiro em algum lugar, caso contrário nossa casa já estaria em ruínas e nós dois agora estaríamos passando fome. Jimmy falara desafiadoramente, mas Nikole sabia que ele apenas lutava por suas próprias vidas.

Fez-se novamente silêncio. Depois de algum tempo o marquês quebrou-o, dizendo:

— Creio que eu posso ajudar vocês a contornarem toda esta situação.

Como Jimmy não fizesse a óbvia pergunta que pairara no ar depois dessas palavras, ele continuou:

— Posso muito bem fazer com que devolvam a lady Hartley os quadros do acervo de seu falecido marido.

— Se fizer isso — Jimmy foi pronto em replicar —, eles apenas ficarão apodrecendo no meio da poeira, como estavam antes que eu os limpasse.

Os lábios do marquês apertaram-se cinicamente, como se julgasse aquela tentativa de defesa apenas parte de toda aquela encenação. Por fim, prosseguiu:

— Por outro lado, posso aceitar os quadros de boa fé. Mas, nesse caso, espero que façam algo por mim, uma vez que tentaram me enganar.

Mesmo sem olhar à sua volta, Nikole sabia que Jimmy endireitara os ombros.

— O que quer que eu faça? — ele perguntou.

— Percebi que você tem um grande conhecimento sobre arte em geral, além de gostar muito do assunto. Assim, em troca do meu silêncio diante desta ofensa criminosa inquestionável, exijo que me preste um serviço!

— Que tipo de serviço? — Jimmy quis saber, ansioso.

Nesse instante, Nikole teve medo de que o marquês tentasse humilhar seu irmão. Se assim fosse, tinha certeza de que Jimmy jamais concordaria.

— Tenho pensado, há algum tempo — estava dizendo o marquês —, em visitar Lima, a capital do Peru.

Ele fez uma pausa, consciente da surpresa estampada no rosto das duas pessoas que o ouviam.

— De Lima eu viajaria até Cuzco, há algumas centenas de quilômetros, montanhas acima. Se você ainda se lembra de suas aulas de história, foi lá que os espanhóis destruíram trezentos e sessenta e três templos incas e construíram, no mesmo lugar, trezentas e sessenta e cinco igrejas cristãs.

O que o marquês dizia era tão surpreendente que Nikole até voltou-se para fitá-lo.

— Os jesuítas que lá estavam — continuou o marquês —, desenvolveram uma escola de pintura no século XVII, sendo que muitos dos quadros pintados naquela época ainda estão pendurados nas igrejas em que esses padres oficiavam. Creio que alguns desses quadros podem ser facilmente comprados. Ouvi dizer que são muito bonitos, principalmente os pintados por um tal de Basílio Santacruz.

Inconscientemente, sem realmente pensar no que fazia, Nikole aproximou-se um pouco mais da escrivainha.

— Como eu já disse, tencionava visitar Cuzco pessoalmente. Mas agora creio que você, James, junto com um amigo meu, uma pessoa extremamente esperta quando o assunto é dinheiro, mas que pouco entende de pintura, pode fazer isto por mim.

Jimmy prendeu a respiração. Afinal, conseguiu balbuciar:

— Está querendo dizer... que quer que eu compre os quadros para o senhor?

— Apenas se achar que vale a pena comprá-los — retrucou o marquês. — Embora tenha de deixar sua tão adorada casa por algum tempo, a viagem certamente ampliará seu conhecimento do mundo e das pinturas do século XVII.

Os olhos de Nikole encheram-se de lágrimas, tal era a alegria e o alívio que experimentava por ver suas preces atendidas.

No entanto, como se subitamente o marquês a percebesse perto de si, rapidamente acrescentou:

— Eu ainda não terminei. Sua irmã, a quem considero definitivamente sua cúmplice, também deve pagar um preço pelo meu silêncio.

Os olhos de Nikole arregalaram-se no mesmo instante. Em um sussurro, ela perguntou:

— O que o senhor quer que eu faça?

— Devo partir para a Grécia amanhã de manhã — o marquês explicou, sem maiores delongas. — Quero que venha comigo, para me fazer companhia.

— Gostaria de saber exatamente o que o senhor quer dizer com isso — Jimmy interveio.

Os olhares dos dois homens se cruzaram, e o marquês respondeu:

— Apenas o que eu disse. Será uma viagem longa, e gostaria de ter alguém comigo com quem conversar.

— Está sugerindo que minha irmã a acompanhe, sem ter mais ninguém que olhe por ela?

— Não é minha intenção dar uma festa a bordo — retrucou o marquês, sadicamente. — Para ser sincero, ninguém na Inglaterra deverá ficar sabendo onde e com quem estou.

— Ora, senhor marquês, o senhor vai me desculpar, mas... — Jimmy começou, erguendo o tom de voz.

Mas o marquês interrompeu-o, erguendo uma das mãos, e assegurando-lhe:

— Sua irmã será tratada com toda... — ia dizer “dignidade” quando, por trás de Nikole, avistou os quadros sobre o sofá, e retificou — como se fosse a própria Virgem no jardim de rosas!

Jimmy ainda queria protestar, com medo do que aquilo poderia significar para a reputação de sua irmã. Mas, afinal, engolindo em seco sua indignação, respondeu: — Muito bem, milorde. Confio no senhor.

— Asseguro que não lhe resta outra alternativa. Ao ouvir essa ameaça velada, Nikole, que até então limitara-se a ficar calada e prestar atenção ao que os dois diziam, apressou-se a dizer:

— Mas é claro que eu acompanharei de bom grado o senhor marquês... se é isto que deseja. Pelo menos, não terei de ficar em casa sozinha, enquanto Jimmy viaja...

— Muito bem, então — disse o marquês, com ar de satisfeito. — Devo partir para Londres amanhã de manhã. Quero que venham comigo. No que diz respeito à reunião que está acontecendo aqui, todos temos os nossos compromissos inadiáveis.

— Compreendo — disse Jimmy.

— Espero realmente que sim. Deixe-me apenas repetir, pois isso é muito importante: nem você, sir James, nem sua irmão, devem falar a ninguém para onde estão indo, ou com quem. Entenderam? Ninguém!

Sua voz era dura enquanto prosseguia com as ordens:

— Se não mantiverem segredo como estou lhes pedindo, não terei de manter-me calado sobre um assunto que lhes diz respeito muito de perto!

Aquela ameaça fez Jimmy enrubescer de raiva.

— Eu lhe prometo, milorde — Nikole apressou-se a dizer —, que seremos muito cuidadosos e não faremos nada que possa contrariá-lo. E, mais uma vez, obrigada... por não nos denunciar.

Ignorando-a, o marquês concluiu:

— Agora que estamos entendidos, podem voltar aos seus afazeres. Mas lembrem-se: nem uma palavra sobre o que foi discutido aqui. Quando partirmos amanhã pela manhã, o senhor, sir James, só estará me acompanhando por ter um importante encontro de negócios em Londres.

— Fique tranquilo, não vou cometer erro algum — Jimmy respondeu.

Nikole percebeu uma sutil mudança no tom de voz do irmão. Com certeza, ele já antevia com prazer a viagem que faria com uma incumbência tão agradável. Quanto a ela, não podia dizer o mesmo. Não tinha dúvidas de que teria de servir de criada ao marquês, e isso não lhe parecia muito excitante. De qualquer forma, seria melhor do que ficar esperando ansiosamente em Kings's Keep pela volta de Jimmy.

Ao subir para trocar seu traje de montaria, Nikole lembrou-se que só tinha as poucas roupas que trouxera para Ridge consigo. Afinal, preparara-se apenas para um fim de semana fora de casa. Jimmy teria de ajudá-la a resolver esse problema. Assim foi procurá-lo.

— Sabe de uma coisa, Nikole? — Jimmy foi logo dizendo, ao vê-la entrar em seu quarto. — Até que é bem excitante a idéia de ir a Cuzco. Um amigo de papai já tinha me falado sobre esses tais quadros. Parece que ele chegou a vê-los, mas estavam todos em péssimo estado de conservação. Agora que todos os jesuítas se foram, ninguém vai se interessar por essas telas.

— Será uma experiência maravilhosa para você — Nikole replicou.

— O mais importante, porém, é que, graças às minhas preces, o marquês não vai dizer nada a tia Alice.

— Então é melhor que continue rezando para que ele me dê as dez

mil libras que prometeu, quando eu voltar!

Depois de uma breve pausa, ele acrescentou:

— Será que Butters e Bessie serão capazes de cuidar da casa?

— Claro que sim! Além do que, não creio que eu vá ficar longe por muito tempo. Lembre-se, o marquês com certeza estará de volta para a Royal Ascot, a mais importante corrida de cavalos do ano.

A preocupação pareceu desanuviar-se dos olhos de Jimmy.

— Mas é claro! O marquês todo ano inscreve alguns de seus animais, e eles sempre conseguem lhe trazer a Copa de Ouro.

— Mesmo assim, você deveria mandar a Butters um recado avisando que vamos nos demorar mais do que o inicialmente previsto, assim como um pouco de dinheiro para as despesas mais urgentes. Um dos cavaleiros do marquês poderia levá-lo, e aproveitaria para trazer algumas das minhas roupas também. Graças a Deus seremos apenas eu e o marquês nesta viagem. Eu morreria de vergonha se mais alguém visse os meus farrapos! Jimmy parecia embaraçado.

— Suas roupas estão assim tão ruins?

— Um pouco pior. Mas agora vá falar com o marquês.

— Está bem — Jimmy concordou. — Enquanto isso, escreva um bilhete a Bessie, dizendo-lhe o que deve mandar.

Tendo dito isso, ele saiu do quarto, em direção ao escritório do marquês.

Nikole deixou-se ficar mais um pouco ali, tentando imaginar o que fariam quando voltassem a King's Keep se o marquês resolvesse não comprar aqueles três quadros. Lembrou-se então que ainda deviam ter no banco um pouco do que Jimmy conseguira com a venda de outras telas.

Só esperava que o marquês jamais descobrisse nada a esse respeito!

Enquanto os dois irmãos preocupavam-se com seus assuntos particulares, o marquês preocupava-se com os seus.

Durante as negociações com Jimmy para mandá-lo a Cuzco se lembrara de seu próprio problema. Desde a noite anterior sentia-se nervoso ante a probabilidade de não ter outra pessoa para levar consigo senão lady Sarah.

E não era apenas a questão do segredo que o incomodava. Na noite anterior, surgira uma outra razão para que não a quisesse levar.

Depois que seus convidados, alegando cansaço, haviam se recolhido aos seus aposentos, o marquês dirigira-se ao escritório. Ali chegando, colocara os três quadros no sofá, como Nikole os encontrara naquela manhã.

Olhando para *A Virgem no Jardim de Rosas*, chegara à conclusão de que jamais vira quadro mais belo. Não havia nenhuma semelhança óbvia entre a mulher ali retratada e Nikole. No entanto, uma fazia-o lembrar-se da outra. Era como se fosse Nikole sentada naquele trono, cercada por anjos, encimada por halos de raios de sol.

Quando finalmente fora para a cama, embora sabendo, por todas as insinuações que recebera, que lady Sarah o esperava, decidira não vê-la naquela noite. Na verdade, embora a achasse extremamente bela, não estava com a menor vontade de possuí-la.

Assim, enquanto seu valete levava para fora suas roupas de noite, o marquês deitara-se, sem, porém apagar as velas. Tinha o costume de ler um pouco antes de dormir.

Naquela noite, porém, o grande volume sobre antigüidades orientais ao lado da cama permaneceu fechado. Em lugar da leitura, intrigava-o mais os três quadros que acabara de adquirir.

Não sabia ainda ao certo se iria pendurá-los na nova galeria. Tinha a impressão de que ao menos *A Virgem no Jardim de Rosas* devia ser mantido em um local todo especial. Estava pensando se não deveria mantê-lo ali no quarto quando, para sua surpresa, viu a porta se abrir.

Era lady Sarah.

Ela estava muito bonita em um *négligé* rosa-escuro, tão transparente quanto a camisola. Com seus cabelos pretos caindo-lhe soltos sobre os ombros, qualquer homem a teria desejado naquele instante.

Mas o único pensamento que conseguiu ocupar a mente do marquês foi que ela estava formando um contraste gritante com *A Virgem no Jardim de Rosas*. Por isso, só o que conseguiu sentir foi um grande aborrecimento. Lady Sarah quebrara todas as regras ao visitá-lo em seu quarto, em vez de esperar que ele fosse procurá-la.

— Você esqueceu-se de ir me dizer boa-noite — disse ela, em voz bem baixa e sedutora.

— Julguei-a cansada, e que já tivesse se recolhido — desculpou-se o marquês.

— Ora, como poderia, se tudo o que eu mais queria era estar com você?

Ela se sentara sobre a cama e muito lentamente passara os braços ao redor do pescoço do marquês.

— Por que deveríamos perder tempo esperando um pelo outro? — cochichou ainda, e imediatamente seus lábios uniram-se aos dele.

Era bem mais tarde quando lady Sarah saiu, despedindo-se do marquês com um beijo apaixonado.

Fora então que ele decidira não levá-la consigo para a Grécia, mesmo que com isso contrariasse a vontade do primeiro-ministro, viajando sozinho.

Aborrecia-o, porém a idéia de indispor-se com seu amigo. E embora lamentasse não ter tido mais tempo para preparar-se, reconhecia a urgência daquela missão.

— Nem tudo está perdido. Tenho certeza de que ainda vou conseguir encontrar alguém — disse o marquês para si mesmo, sem grande entusiasmo.

A essa altura, porém, já estava absolutamente determinado a não levar lady Sarah.

E, de repente, decidira que Nikole o acompanharia. Agora, parabenizava-se por ter sido tão esperto. Ela era jovem e inocente. Nada exigiria dele.

Era também completamente alheia ao mundo social, portanto, não havia motivo para que seus nomes fossem relacionados por quem quer que fosse.

— Tudo se encaixa tão bem, como peças de um quebra-cabeça — pensou o marquês. — Parece até que foi o destino que preparou tudo.

Havia mais de um ano vinha planejando visitar Cuzco. Como seus compromissos sempre o impediam de fazê-lo, porém, decidira contratar um homem para fazer isso. Em certa ocasião ele já lhe comprara alguns quadros em Viena. Mas não tinha a sensibilidade e o instinto para a arte que descobrira em James Tancombe. Os dois juntos, sim, formariam uma equipe excelente.

Assim, com dois dos seus maiores problemas resolvidos, o marquês estava de ótimo humor quando James voltou ao seu escritório.

— Em que posso ajudá-lo, Tancombe? — perguntou. Jimmy explicou que precisava mandar alguém a King's Keep para buscar as roupas de Nikole.

— Além disso, tenho de instruir os criados a cuidar da casa enquanto estivermos fora.

O marquês concordou com tudo, e ainda assegurou:

— Se houver alguma dificuldade em sua casa antes que você retorne, sua irmã poderá comunicar-se comigo que imediatamente mandarei alguém da minha confiança pessoal resolver o problema.

— É muita gentileza sua — disse Jimmy. — Nikole estará de volta logo da Grécia?

— Sinceramente, espero que sim — respondeu o marquês, um tanto evasivo. — Seria muito inconveniente também para mim ficar fora por muito tempo. Tenho dois cavalos que vão correr em Newmarket no próximo sábado, e gostaria muito de estar aqui para ver como se saem.

O almoço foi anunciado, e o marquês e Jimmy foram juntos para a sala onde já estavam reunidos os convidados, incluindo Nikole. Antes de sentar-se, Jimmy pediu-lhe o bilhete endereçado a Bessie e entregou-o ao marquês.

Antes de o jantar ser servido, um veículo ligeiro partia em direção a King's Keep.

Partiram de Ridge às oito horas da manhã seguinte, antes que houvesse qualquer sinal de lady Cleveland ou lady Sarah.

Willie e lorde Cleveland, no entanto, lá estavam para vê-los partir. O marquês implorou-lhes para que ficassem até a segunda-feira, se assim lhes aprouvesse, lamentando profundamente ter de deixá-los tão cedo.

— Sir James encontra-se na mesma situação — explicou.

— Tem um importante negócio a tratar com uma pessoa que deverá deixar Londres, amanhã. Devem avistar-se ainda hoje, portanto.

— Aposto como o assunto que têm a discutir são quadros — observou Willie.

— E poderia ser outra coisa? — lorde Cleveland emendou.

Quando a carruagem os deixou junto à estação de trens particular do marquês, Nikole teve a impressão de estar vivendo um sonho. Também ali havia criados de libré para servi-los, e vários deles os acompanhariam até Londres.

Durante a viagem foi-lhes servido caviar e sanduíches do mais fino patê. Nikole sabia que seu irmão tudo aceitava pelo princípio de que jamais lhe seriam oferecidas tamanhas iguarias novamente.

Quando chegaram à Ridge House, em Park Lane, o homem que viajaria com Jimmy já os esperava. Para alívio de Nikole, os dois aparentemente se deram bem.

O marquês afastara-se para discutir os últimos detalhes de sua viagem para a Grécia com o sr. Grey.

Uma hora depois Nikole despedia-se de Jimmy.

A viagem até Tilbury transcorreu em silêncio. Uma cabine na balsa que cruza o canal até Ostend fora colocada à disposição do marquês, mas ele

preferiu caminhar pelo tombadilho durante todo o percurso, aproveitando melhor aquele belo dia ensolarado. Por sua vez, Nikole divertiu-se lendo jornais e revistas, sentada confortavelmente em uma espreguiçadeira.

Quando pisaram em terra firme novamente, em Ostend, os vagões de Sua Majestade já os esperava, prontos para partir.

Dessa vez Nikole não foi capaz de conter sua exaltação.

— Estes trens pertencem realmente... à rainha? — perguntou.

— Sua Majestade foi extremamente gentil em colocá-los à minha disposição — respondeu o marquês.

Nikole olhava abismada à sua volta, sem acreditar no que via. No interior de um dos vagões, as paredes da sala de estar eram revestidas de seda, nas cores azul em baixo e cinza perolado em cima, onde se espalhavam brocados em amarelo-claro, representando o trevo, o cardo e a rosa. As cortinas das janelas eram azuis e brancas.

Do teto acolchoado pendiam quatro belíssimos lustres, enquanto um tapete indiano recobria o chão. Às principais mobílias da sala eram um sofá e duas poltronas estilo Luís XVI, igualmente revestidos de azul. À frente de uma delas estava uma banqueta para os pés, debruada em tons de amarelo.

O carro-dormitório consistia em dois quartos. Aquele que seria ocupado por Nikole recebera uma decoração em estilo japonês, com cortinas de bambu dependuradas ao longo das paredes, e marroquins de couro vermelho-escuro a cobrir a pia e o local para se lavar. Os armários tinham lugar mais que suficiente para abrigar suas poucas roupas.

Quando o trem se pôs em marcha, Nikole voltou para a sala de estar, para ali encontrar-se com o marquês.

— Isto tudo é tão impressionante para mim — ela comentou — que chego a pensar que estou sonhando.

Como o marquês se limitasse a sorrir de seu comentário, ela continuou:

— Desculpe minha indiscrição, mas quando embarcávamos no trem, notei que os carregadores faziam subir uma mala onde estava escrito “LIVROS”.

— Quer dizer que você se interessa por leitura? — o marquês perguntou.

— Até hoje, as únicas viagens que empreendi foram através dos meus livros. Mas não me queixo: com eles, já visitei uma porção de países.

— O que me diz da Grécia, então?

— Teremos oportunidade de visitar Atenas? — Nikole perguntou.

— Creio que não. Meu iate estará à nossa espera, e teremos de embarcar imediatamente.

Não foi difícil para o marquês perceber o desapontamento nos olhos de Nikole. Mas nem por isso ela ficou pedindo que lhe fizesse a vontade, como qualquer outra mulher o faria.

Desde o início da viagem o marquês estabeleceu que, quando estivesse lendo os jornais, não queria ser interrompido. Prontamente atendido, às vezes sentia-se curioso e olhava furtivamente por sobre o jornal, para ver como Nikole se entretinha.

Geralmente ela sentava-se em uma cadeira próxima da janela e entretinha-se olhando a paisagem que corria lá fora. Recostada contra a janela, o marquês podia apreciar-lhe melhor o perfil, o sol transformando seus belos cabelos em pequeninas línguas de fogo. Ao vê-la assim tão quieta, mais uma vez ele se parabenizava pela excelente escolha que fizera.

Quando chegassem a Atenas pretendia explicar a Nikole o papel que ela teria de desempenhar, para o caso de alguém subir a bordo para lhes fazer perguntas. Só o que o preocupava era a possibilidade de as pessoas não acreditarem que ela fosse mesmo sua amante.

Mas ainda era cedo para pensar no assunto. Só voltaria a fazê-lo quando estivessem no mar. E, pensando assim, o marquês voltou a ler calmamente o seu jornal.

Na hora do jantar, Nikole não sabia o que iria vestir. Pedira a Bessie tudo o que julgara ser necessário, mas ainda assim continuava tendo somente um vestido para a noite. Tinha certeza absoluta de que o marquês se vestiria a rigor.

“Como poderia ele agir diferente”, ela pensava, sorrindo, “considerando-se que no momento somos a própria realeza?”

Embora não tivesse camareiras que a servissem naquela viagem, Dawkins, o valete do marquês, prontificara-se a desfazer sua bagagem. Nikole achara-o bastante simpático, e tinha certeza de que podia contar com ele.

Agora, olhando para dentro do armário, mais uma vez constatava quão pobres eram suas roupas, com exceção do vestido azul-turquesa.

— Mas não posso usá-lo todas as noites.

Decidiu-se afinal por um vestido branco de musselina, também feito por ela. Já vestida, olhou-se no espelho. Não podia comparar-se com lady Sarah e seus belíssimos vestidos da última moda.

Aliás, Nikole ainda não entendia por que o marquês não convidara

lady Sarah para acompanhá-lo. Ela faria uma bela figura, ainda que apenas decorativa, em uma sala de estar real.

Após uma tentativa frustrada de fazer um penteado nos próprios cabelos, Nikole escovou-os como de costume e, evitando mirar-se novamente no espelho, saiu para a sala de estar.

O marquês seguiu-a com os olhos, enquanto Nikole sentava-se à sua frente. “Acho que ele esperava algo bem melhor”, pensou Nikole.

Na sua opinião, porém, o marquês estava ainda mais belo, digno de um jantar com a rainha. Usava uma camisa branca deslumbrante, com um único botão no centro, na verdade uma grande pérola negra.

Um criado aproximou-se e serviu-lhes champanhe, que dessa vez Nikole aceitou, lembrando-se da teoria de Jimmy.

— O que aconteceu com o belo vestido turquesa que combinava tão bem com a minha sala de visitas? — o marquês perguntou de repente.

— E que... — Nikole começou a responder, embaraçada. — É o único vestido bonito que tenho. Pensei que o senhor... preferiria que eu o reservasse para alguma ocasião especial.

— E não considera jantar comigo uma dessas ocasiões?

— Sim, claro que sim — ela respondeu, enrubescendo. — Mas já o vi na noite passada... e também na noite anterior... Achei que acabaria se tornando um tanto... enfadonho.

— Não creio. Achei aquele vestido realmente muito bonito.

Nikole não se conteve mais e começou a rir baixinho.

— Eu disse algo engraçado?

— Não é isso, desculpe-me. Mas na verdade aquele vestido nada mais é do que um par de cortinas!

— Não estou entendendo o que quer dizer — confessou o marquês, olhando fixo para ela.

Nikole explicou-lhe então tudo o que acontecera. Ao final, o marquês exclamou:

— Mas você é uma moça muito talentosa! Fazer um vestido daquele, em tão pouco tempo...

Ainda se desculpando, Nikole continuou:

— Receio envergonhá-lo junto aos seus amigos, caso algum deles suba a bordo. Mas se isto se der à noite, poderei usar o vestido turquesa.

— E se for durante o dia?

Nikole fez um gesto delicado com as mãos, como que rendendo-se.

— Nesse caso, o senhor terá de explicar que me resgatou de uma

ilha deserta, onde fui dar agarrada a um pedaço de madeira, depois que meu navio naufragou. Ah, sim, e o baú com todos os meus vestidos caríssimos perdeu-se no mar.

O marquês riu.

— Vejo que também tem uma imaginação muito fértil, senhorita Tancombe.

Depois de uma pausa, ele acrescentou:

— Mas, se vamos ficar juntos durante toda esta viagem, é melhor diminuirmos um pouco as formalidades. Você me chamará pelo nome, e eu a chamarei de Nikole, que aliás é um nome muito bonito.

— Minha mãe o escolheu. Na verdade, várias Tancombe que viveram em King's Keep chamaram-se Nikole.

— Sua vida inteira gira em torno dessa casa? — perguntou o marquês.

— Claro! — Nikole retrucou. — Não temos mais nada de valor. Por isso, tudo o que fazemos precisa antes ser aprovado ou não por King's Keep!

A forma como ela se expressou fez o marquês rir novamente. —

Você é muito diferente do que eu esperava — ele confessou então.

— E o que os... você esperava?

— A resposta a esta pergunta pode parecer rude. Mas, de qualquer forma, acho muito interessante descobrir que eu estava enganado.

— Não se apresse a tirar conclusões a meu respeito — brincou ela.

— Caso contrário, vai estar tão aborrecido quando chegarmos a Atenas que vai querer me mandar de volta imediatamente... em um trem comum.

O marquês riu de novo.

Quando recolheu-se ao seu quarto, ele concluiu que há muito tempo não se divertia tanto durante um jantar. Nikole tinha um jeito divertido de se expressar. Estava acostumado com mulheres que flertavam o tempo todo, colocando propositadamente duplo sentido em tudo que diziam.

Nikole não tentara impressioná-lo. Mas o marquês percebera que ela tinha sempre uma opinião formada a respeito de todos os assuntos sobre os quais conversassem, e a expressava com grande inteligência.

Se tivesse trazido lady Sarah, toda a conversa giraria sobre um tema único: o amor.

Agora, deitado em sua cama, o marquês concluía que já nem mesmo sua inegável beleza o atraía.

Na manhã que se seguiu à visita de lady Sarah ao seu quarto, ela agira de forma tão possessiva em relação a ele que não só lhe causara um

grande embaraço, como também revelara a todos os demais convidados o que acontecera naquela noite. Sendo assim, no sábado, ao deitar-se, o marquês viu-se obrigado a fazer algo que jamais lhe passara pela cabeça: deixara seu próprio quarto e passara a noite em um dos quartos de hóspedes, do outro lado do corredor. Se lady Sarah o visitara, como é bem provável que tenha feito, ele jamais o saberia.

Na manhã do domingo apressara-se em partir bem cedo, para não ter de deparar-se com um daqueles terríveis olhares, que se pretendem reprovadores e sedutores ao mesmo tempo.

Era, pois com alívio que o marquês via-se livre, naquele momento, das insinuações de qualquer caça-dotes.

Nikole era jovem e inocente demais para saber como agir e conquistar um homem experiente como o marquês.

Ainda assim, havia um fato que o marquês não podia deixar de reconhecer: Nikole Tancombe preenchia perfeitamente os requisitos da mulher ideal que ele sempre desejara ter.

CAPÍTULO VI

— Xeque-mate! — exclamou Nikole. — Ganhei!

O marquês olhou um tanto tristemente para o tabuleiro de xadrez.

— Devo ter adormecido — foi a sua desculpa.

— Você não está sendo honesto comigo — reclamou. — Levou-me um bom tempo, mas afinal consegui batê-lo.

Mais uma vez Nikole parecia tão contente que o marquês pegou-se rindo. Era extraordinária a capacidade que ela tinha de fazê-lo rir. Não que fosse demasiado engraçada, mas havia jovialidade e entusiasmo em tudo que dizia ou fazia. Até os momentos que passava sozinha pareciam valiosos para ela. Representavam sua chance de parar e pensar em tudo que lhe estava acontecendo.

Era muito excitante para Nikole aquela viagem, principalmente por permitir-lhe arejar um pouco suas idéias. Além de que, embora não o dissesse, era uma experiência nova para ela ter quem a escutasse.

Seu pai conversava muito com ela, mas exclusivamente sobre quadros e outros assuntos relacionados à arte. Sua mãe adorava conversar com a filha, para dessa forma fazê-la ser doce, gentil, uma mulher piedosa e prendada como ela mesma. Fazia-lhe falta as longas conversas com a mãe.

Com Jimmy era impossível conversar. Ele respirava, pensava e vivia somente para King's Keep.

Para encanto de Nikole, encontrava-se agora com um homem extremamente inteligente, dotado de uma experiência inigualável, que suas muitas viagens lhe haviam proporcionado e, o que era ainda melhor, tendo a ela como sua única companhia.

Ao mesmo tempo, tinha muito medo de entediá-lo. Naquele dia, com muito tato, perguntara a Dawkins se por acaso seu patrão não gostava de jogar xadrez. Fora então que descobrira, para seu deleite, que o marquês era considerado um excelente jogador no clube que freqüentava.

Nikole aprendera a jogar com o pai. Lembrava-se ainda das noites de inverno que tinham passado jogando, em King's Keep, enquanto o vento frio açoitava o lado de fora das vidraças, e já nada mais havia para ser dito sobre quadros.

— Dawkins, como você foi esperto em ter se lembrado de incluir um tabuleiro na bagagem do marquês! — Nikole elogiara.

Seria uma forma de entretê-lo e evitar que ele se aborrecesse com ela. Na verdade, era sempre tão modesta como que fazia ou dizia a respeito de si mesma que nem lhe passou pela cabeça a idéia de que o marquês pudesse estar surpreendentemente intrigado com relação a ela.

Como o marquês já a advertira, ficaram em Atenas apenas o tempo de irem da estação para o porto, onde já os esperava o *Cavalo Marinho*, o luxuoso iate do marquês.

Acostumado a usá-lo em missões a serviço do Ministério das Relações Exteriores, o marquês mandara adaptar-lhe motores maiores e mais potentes do que costumavam ter embarcações daquele porte.

Nikole ignorava esse detalhe. Embora um tanto decepcionada por não poder ficar um pouco em Atenas, sua tristeza rapidamente desapareceu ao entrar no iate e constatar que também ali estava presente a mesma riqueza e luxo que vira em Ridge e em Ridge House. O iate contava, além de uma tripulação muito bem treinada, com alguns criados para servi-los e um mestre-cuca francês no comando da cozinha.

Enquanto as bagagens eram içadas a bordo do iate, o marquês mandou Dawkins à cidade, com a incumbência de comprar-lhe todos os jornais que pudesse conseguir, não importava em que língua estivesse escrito. Seu valete chegou ao *Cavalo Marinho* cinco minutos antes de partirem.

Alguns dos jornais que ele comprara, principalmente os da Inglaterra e outros países estrangeiros, estavam vários dias atrasados. De qualquer forma, serviram para informar ao marquês o andamento da guerra entre a Rússia e a Turquia.

Depois de uma rápida olhada por alguns jornais, não lhe foi difícil concluir que os russos estavam cada vez mais próximos. Tinha de descobrir o quanto antes o que exatamente pretendiam e enviar a informação ao primeiro-ministro. Caso contrário, qualquer reação da Inglaterra poderia chegar tarde demais.

O marquês procurara tomar todo cuidado possível para não revelar o sentido de sua missão naquelas paragens. E duvidava que Nikole soubesse o que se passava na região de Constantinopla.

Por isso, o marquês ficou atônito quando, naquela mesma tarde, ela comentou, casualmente:

— Não entendo como é que o conde Ignatiev, emissário do czar para firmar um novo tratado com a Turquia, teve a ingenuidade de propor à

Bulgária que avance até o mar Egeu!

Por um momento o marquês não conseguiu entender o que significavam aquelas palavras. Mas, afinal, perguntou, ainda admirado:

— Quem foi que lhe disse isso?

— Estive lendo a respeito nos jornais. Dizem até que praticamente todos os Bálcãs estão sob controle russo.

— Mostre-me o jornal — pediu o marquês.

Estavam todos empilhados sobre uma mesa na sala de estar. Nikole foi colocando-os de lado até encontrar o que queria. Passou-o então ao marquês que, depois de examiná-lo rapidamente, perguntou:

— Mas este jornal está escrito em grego! Quer dizer que conhece muito bem essa língua?

— Não muito bem — Nikole admitiu. — Papai dizia que meu sotaque era horrível! Mas para ler o grego não encontro grandes dificuldades.

— Você realmente me surpreende a cada dia! — exclamou o marquês.

E examinando melhor o artigo que ela lhe indicara naquele jornal, viu que tinha razão, e concluíra corretamente o que ali estava escrito. Ainda assim, preferiu não comentar sobre o assunto, e desafiou-a para um jogo de gamão.

Fazia muito calor. Nikole, usava um vestido fino que Bessie mandara.

Embora nada dissesse a respeito, o marquês percebera o quanto aquele vestido estava gasto e velho. Até mesmo Dawkins, sempre tão discreto, lhe confidenciara, em sua cabine:

— Nunca vi uma jovem mais encantadora a bordo deste iate, milorde. Mas, para ser sincero, dá pena olhar as roupas que ela tem. Nem um pedinte lhe diria um “muito obrigado” por elas!

— Já percebi isto — replicara o marquês, brevemente. Sabia, no entanto, pelo modo como Dawkins o olhara, que seu empregado na verdade pretendia insinuar que o marquês poderia fazer alguma coisa com relação a isso.

Mas Dawkins não convivia com Nikole como ele. Tinha certeza de que, se lhe oferecesse ajuda para comprar vestidos novos, ela recusaria. Nikole era uma mulher jovem e inocente, mas de um grande caráter.

É claro que entre as mulheres da sociedade era bastante comum receber presentes de um homem. Mesmo que esse homem não fosse seu marido. Mas Nikole com certeza ficaria no mínimo chocada se lhe fosse feita

tal proposta.

Esse comentário de Dawkins fizera o marquês lembrar-se do belo vestido azul de Nikole. De repente, veio-lhe a idéia de que gostaria de levá-la a Paris, e cobri-la dos pés à cabeça com tudo que a cidade-luz podia oferecer. O marquês tinha prática no assunto, tantas tinham sido as vezes em que cedera aos rogos de uma ou outra amante mais audaciosa. Mas, dessa vez, se Nikole aceitasse a idéia, o que já sabia de antemão ser impossível, tinha a impressão de que isso lhe daria prazer.

Entretanto assuntos mais importantes tomavam-lhe toda a atenção no momento. E, além do mais, Nikole viera naquela viagem apenas e tão-somente para fazer-lhe companhia, e ainda assim, por sua imposição. Não podia esperar dela o que ela não tinha obrigação de oferecer-lhe.

Ainda assim, antes de ir dormir, o marquês pegou-se novamente pensando em Nikole, e adormeceu com a imagem dela em meio a um jardim de rosas, com os belos cabelos esvoaçantes enfeitados com uma guirlanda de flores.

Para Nikole, cada dia revelava-se mais excitante que o anterior. Suspeitava de que o marquês tivesse uma razão muito importante para fazer uma viagem daquelas.

Jimmy dissera que o marquês era um homem muito interessado em quadros e cavalos, mas não mencionara nenhum envolvimento com a política. Agora, Nikole tinha quase certeza de que isso o fizera deixar a Inglaterra com tanta pressa. E mais: ou muito se enganava, ou a guerra entre a Turquia e a Rússia era o ponto central de toda aquela agitação.

Nikole sabia que a Inglaterra não se envolvera diretamente com a guerra, mas achava bem provável que pessoas como o primeiro-ministro ou a rainha se preocupassem com a forma como a Rússia pretendia apoderar-se de grandes extensões de terras na Europa.

Mas se o marquês preferia não tocar nesse tipo de assunto, não seria ela que o forçaria a fazê-lo.

Chegaram ao mar de Mármara tarde da noite. Ancoraram em uma baía na praia do lado norte.

— Creio que deveríamos nos deitar cedo esta noite — disse o marquês, logo depois do jantar.

Nikole olhou para ele rapidamente. Embora tentasse esconder, o marquês devia ter um bom motivo para fazer tal sugestão.

Estavam os dois no convés quando isso aconteceu. Sob a luz da lua, que ia alto no céu, Nikole percebeu que estava junto a uma bonita praia,

apesar de completamente deserta àquela hora. Além da areia viam-se algumas rochas não muito altas, aparentemente fáceis de serem escaladas.

O marquês olhava na mesma direção.

Estava tudo muito silencioso. Não se ouvia zunir de balas nem o ribombar de canhões, embora a guerra estivesse sendo travada bem perto dali.

Como o marquês ainda esperasse uma resposta ao seu comentário, Nikole concordou:

— Sim, vamos nos deitar. Chegaremos a Constantinopla amanhã?

— Ainda não decidi se iremos mesmo até lá — foi a resposta que lhe deu, de um modo bastante enigmático.

— Está bem, então. Boa noite — ela se despediu, como fizera todos aqueles dias. — Espero que durma bem.

— Boa noite, Nikole — respondeu o marquês.

Ele esperou alguns minutos ali no convés, para dar tempo a Nikole de chegar à cabine. Então, mais que depressa, dirigiu-se à sua própria cabine, evitando fazer barulho.

Dawkins lá o esperava para ajudá-lo a trocar-se, tirando o traje de noite e vestindo-se em roupas simples e discretas, do tipo que poderia ser usada por qualquer cidadão turco comum. Um revólver carregado e uma adaga muito bem afiada completaram-lhe a vestimenta, embora não ficassem visíveis.

— Por favor, não se exponha demais, milorde! — Dawkins pediu. — O senhor sabe muito bem que não se pode confiar nesses malditos russos!

— Se minhas informações estiverem corretas, não correrei risco algum. Simplesmente farei uma visita a um amigo.

— Eu não confiaria em ninguém que se dissesse “amigo” nesta parte do mundo!

— Não se preocupe, vai dar tudo certo. Mas, se por acaso acontecer algo de inesperado, quero que leve a senhorita Tancombe imediatamente para a embaixada britânica em Atenas.

— Não diga uma coisa dessas, milorde! — Dawkins repreendeu-o.

— Lembre-se, o senhor é mais útil, para seu país, vivo do que morto!

O marquês riu. Era o tipo de observação que Dawkins sempre fazia em tais ocasiões. Sem mais delongas, o marquês subiu correndo a escada que levava ao convés. Um barco, com dois remadores, e esperava para levá-lo à praia.

Nikole ouviu-o partir, ciente de que agora o marquês dirigia-se à

praia.

Admirava-lhe a coragem, mas ao mesmo tempo, julgava aquela atitude um tanto imprudente. Com certeza os russos estariam vigiando a costa para evitar que fossem surpreendidos. Nikole recusava-se a imaginá-lo prisioneiro.

Naquele momento, feixes de luz do luar inundavam-lhe a cabine, emprestando-lhe um tom prateado. Era tudo tão bonito. Parecia-lhe impossível que algo tão cruel e bestial como uma guerra acontecesse a uma distância tão curta. Naquele exato momento, homens matavam-se uns aos outros, apenas pela ambição de possuírem terras e exercerem poder sobre povos infelizes e desesperançados.

Lamentando que, enquanto os homens pegavam em armas e duelavam corpo-a-corpo, às mulheres coubesse apenas rezar, ansiosas. Nem por isso Nikole declinou do seu papel. E, em pensamento, invocou *A Virgem no Jardim de Rosas*.

O marquês entrara de forma totalmente inesperada em sua vida, e a transformara totalmente. Como poderia imaginar há apenas duas semanas, em King's Keep, que em pouquíssimo tempo estaria dentro de um iate, ancorado junto a uma praia do mar de Mármara, envolvida, ainda que indiretamente, com uma guerra?

Não se esquecera de que estava ali apenas para cumprir uma determinação do marquês, e assim salvar seu irmão Jimmy da prisão. Mas nem por isso lhe queria mal. Pelo contrário, desejava do fundo do coração que ele voltasse para o iate são e salvo.

— Por favor — ela pediu à Virgem —, faça com que esta guerra encontre logo o seu fim. E, acima de tudo, livre o marquês de qualquer perigo que ele possa estar correndo...

De repente, Nikole ouviu passos apressados descendo a escadinha que conduzia às cabines, e em seguida pelo corredor que levava aos aposentos do marquês. Para sua total surpresa, porém, sua porta abriu-se bruscamente, e o marquês entrou. Sem perda de tempo ele correu em direção à cama e, para espanto ainda maior de Nikole, tirou rapidamente o casaco e a camisa.

Deitada em sua cama, Nikole assistia perplexa a tudo que ele fazia. Então, o marquês chutou para longe os sapatos, escondeu as roupas sob a cama e, empurrando para o lado os lençóis, deitou-se na cama ao lado dela.

— Por favor, não diga nada. Eles estão atrás de mim! — disse ele, afinal.

Antes que tivesse tempo de pensar em lhe pedir maiores explicações, Nikole viu o marquês passar os braços ao redor de seu ombro e puxá-la para junto de si. Mal podia acreditar que aquilo estivesse realmente acontecendo.

Embora Nikole não pudesse ver nada senão o rosto do marquês e um pedaço da cabine, nesse momento ela ouviu que a porta se abria novamente, e dois homens entraram em seus aposentos.

Um deles carregava uma lanterna, com a qual iluminou a cabine, já tão clara pela luz da lua.

Por um momento o marquês não se moveu, mas logo levantou o olhar e perguntou, em tom de espanto:

— O que diabos vocês querem aqui?

Seus braços afrouxaram-se levemente, mas ainda segurava Nikole com firmeza junto de si.

Com certeza na posição em que estavam os dois homens podiam ver-lhe o torso nu, o resto do corpo estava escondido sob os lençóis.

— Perdão, excelência! — um dos homens respondeu, falando lentamente em inglês com um forte sotaque. — Vimos um homem subir a bordo deste iate e...

— Um homem? — interrompeu-o o marquês. — E que há de mais nisso? Se um dos meus marinheiros esteve na praia, posso assegurar-lhe que só pretendia relaxar nadando um pouco, nada mais.

— Não marinheiro, excelência — respondeu o russo.

— Então tratem de procurá-lo em outro lugar! — esbravejou o marquês, asperamente.

Indiferente à ordem dada, porém, o russo que havia falado aproximou-se um pouco mais.

Virando um pouco a cabeça, Nikole pôde vê-lo por sobre o ombro do marquês. Era um homem alto, muito imponente, com certeza um dos líderes do Exército russo. Tinha um revólver na mão, e de sua cintura sobressaía-se o punho de uma adaga. Embora não usasse uniforme, o boné de pele que tinha sobre a cabeça denunciava-lhe a nacionalidade.

— Eu lhe disse para sair! — repetiu o marquês. — Se quer alguma informação sobre meus homens, converse com o capitão.

— Sua excelência vem... terra comigo. Oficial no comando ter muitas perguntas para fazer...

À medida que o russo falava Nikole sentia o marquês retesar-se junto dela, seu coração acelerava-se cada vez mais. Afinal, ele tinha muitos

motivos para estar com medo.

Subitamente, Nikole decidiu o que deveria fazer, e não perdeu tempo dando ouvidos ao medo que se avolumava também em seu coração. Para surpresa do marquês, ela desvencilhou-se da proteção dos seus braços e sentou-se na cama, puxando rapidamente os lençóis por sobre o peito.

Agora podia ver o russo claramente. Examinando-o por um breve segundo, enquanto procurava coordenar os pensamentos, ela afinal exclamou, em russo, emprestando à sua voz o máximo de raiva que conseguiu:

— Como ousa interferir em um assunto que é só meu? Saiba que estou aqui em missão a mim confiada pela Terceira Divisão, e só recebo ordens do meu chefe, e de ninguém mais!

Com um gesto brusco de mão ela continuou:

— Este homem que aqui está felizmente não entende russo, mas vocês estão dificultando muito as coisas para mim! Devo alertá-lo que serei obrigada a comunicar sua incompetência! Se não quiser piorar ainda mais a sua situação, retire-se imediatamente. Mas, antes, peça desculpas, em inglês, por esse seu lamentável engano.

Enquanto Nikole ia falando, o russo a olhava completamente atônito.

— Eu não sabia, Senhora Graciosa, que a senhora estava aqui — ele desculpou-se. — Não fui informado deste fato.

— E desde quando a Terceira Divisão é obrigada a dar satisfação aos seus subalternos? — perguntou Nikole, furiosa. — Você está se intrometendo em algo que absolutamente não lhe diz respeito!

Ela fez uma pausa, para lançar-lhes um olhar bastante severo antes de continuar:

— O que foi planejado é importante demais para ser posto a perder por erros idiotas, cometidos por tolos incapazes de enxergar um palmo além dos próprios narizes!

Nikole usava palavras bastante rudes do russo, que Natasha lhe ensinara como parte de uma brincadeira. O homem com quem falava pareceu desintegrar-se.

— Perdoe-me — realmente eu sinto muito... Não tinha a menor idéia de que a senhora estava aqui!

— Mas é claro que não! — Nikole retrucou. — Agora, já chega. Sumam daqui!

O russo inclinou-se num humilde cumprimento e fez menção de

sair, quando a voz de Nikole o deteve:

— Está se esquecendo de pedir desculpas a este homem! — lembrou.

— Perdoe-me, excelência — ele apressou-se em dizer, em inglês. — Foi tudo um engano... vamos sair do barco imediatamente.

Sem esperar pela resposta do marquês, ele virou-se e saiu da cabine, acompanhado por seu subalterno que carregava a lanterna.

Nikole tremia dos pés à cabeça quando voltou-se novamente para o marquês. Estava muito assustada.

Por sua vez, o marquês percebeu que, embora os russos tivessem deixado a cabine, não haviam fechado a porta. Aquele era o truque mais velho do mundo, para dar a impressão de se ter ido embora, mas na verdade continuar à espreita, com os ouvidos atentos para alguma coisa que valesse a pena ser ouvida.

O marquês estava com medo de que Nikole falasse alguma coisa que a traísse. Assim, com a intenção de mantê-la calada, puxou-a para junto de si e uniu seus lábios aos dela. Nikole ficou ainda mais confusa, sem entender o que estava acontecendo. Tudo o que dissera fora num impulso, e suas próprias palavras a impeliram a continuar. A maior parte do tempo duvidara que fosse ser bem-sucedida, mas afinal conseguira livrar o marquês de um interrogatório do qual, ela tinha certeza, ele não se safaria com liberdade.

Agora, o marquês a beijava! Aqueles lábios tomavam posse de todo o seu ser. A sensação que experimentava naquele momento era a mais maravilhosa de sua vida.

Nunca imaginara que um homem tão extraordinário pudesse ter algum interesse nela como mulher. Mas ali estava ele, seus braços prendendo-a junto ao corpo, os lábios mantendo os dela cativos também. Era como se o luar invadissem agora não apenas a cabine, mas também seu próprio corpo, iluminando-a toda por dentro. Toda a beleza do céu, das flores, do universo enfim, pareciam ter se acumulado ali naquele momento, para proporcionar-lhe um êxtase indescritível.

Nikole não percebera que o marquês a beijava apenas para impedi-la de dizer alguma coisa que os russos pudessem ouvir.

Mas tampouco ele ficou imune à suavidade e inocência dos lábios dela. Aquele beijo que a princípio pretendia ser apenas um artifício transformara-se no carinho mais doce que jamais dera ou recebera de qualquer outra mulher.

Vagamente, como se tudo acontecesse em um mundo completamente distante daquele em que se encontrava no momento, o marquês ouviu os russos afastando-se pelo corredor. Nem por isso seus lábios deixaram os de Nikole.

De repente, percebeu que seu sangue batia-lhe freneticamente nas têmporas. As sensações que Nikole fazia brotar dentro dele eram tão maravilhosas que sobrepujavam qualquer sentimento que já tivesse experimentado. Ele a desejava com toda a força de seu corpo e mente.

Foi com um esforço sobre-humano que afinal ergueu a cabeça. Como se a cabine vazia de repente o trouxesse de volta à realidade, ele exclamou:

— Eles se foram!

Nikole não respondeu. Olhava ainda para o marquês com olhos que, ao luar, pareciam cheios de estrelas.

O marquês levantou-se da cama, agachou-se e apanhou suas roupas, procurando em seguida os sapatos.

Em uma voz que não lhe soou como a sua, ele disse então:

— Só o que posso fazer é agradecer-lhe, Nikole, por ter me salvado a vida!

— Tem certeza... de que eles se foram mesmo? — ela perguntou, ainda trêmula, a voz embargada pela emoção.

— Tenho sim. Agora você pode dormir. Não haverá mais cenas dramáticas, pelo menos, não esta noite!

Dizendo isso, o marquês saiu da cabine, fechando a porta atrás de si.

— Ele me beijou! — Nikole sussurrou para o luar. — Ele me beijou... E eu acho... que o amo!

CAPÍTULO VII

Nikole só foi sentir-se aliviada quando a aurora raiou. Até então mantivera-se com olhos e ouvidos bem abertos. Temia que no último momento alguma coisa pudesse sair errada e o marquês fosse capturado.

Quando ele a deixara, com certeza dera ordens expressas a Dawkins para que partisse imediatamente, pois logo os motores foram ligados e o iate pôs-se em movimento, levando-os para longe daquela baía.

Ela soltara um suspiro de alívio, ainda receosa porém de que os russos tivessem se escondido a bordo. Poderiam tentar matar o marquês enquanto ele dormia ou em algum momento de distração.

Nikole sempre temera os russos pelo que haviam feito com Natasha e seu pai. Agora que via o marquês às voltas com eles, estava aterrorizada. Conseguira salvá-lo uma vez, mas poderia repetir a façanha de novo?

Sua vontade era correr para a cabine dele e implorar-lhe, de joelhos se preciso fosse, para que voltassem sem demora para a Inglaterra. O que acontecia ali não era uma guerra inglesa e, portanto, não era assunto que lhe dissesse respeito.

Afinal, cansada ante o peso de tantas preocupações, Nikole adormeceu.

Quando despertou, a luz do sol entrava livremente pelas vigias. Os motores estavam novamente parados e a quietude lá de fora a fez saltar da cama para ver onde estavam.

Um rápido olhar para fora foi suficiente para que soubesse que o porto de Constantinopla não estava longe.

Vestindo-se rapidamente, Nikole correu escada acima até ao salão principal do iate. Não havia ninguém ali, exceto Dawkins, que cumprimentou-a alegremente:

— Bom dia, senhorita! Parabéns por seu excelente desempenho na noite passada!

Ciente de que ele já sabia tudo o que acontecera, Nikole perguntou:

— Como aqueles homens conseguiram subir a bordo?

— Eles estavam em seis. Os nossos dois guardas não conseguiram detê-los.

— Mas já foram todos embora?

A dúvida que a castigara a noite toda agora parecia ridícula diante da calma daquele belo dia.

— Ficaram todos lá para trás há muito tempo, e o mar-*quês disse que foi tudo graças à senhorita! — Dawkins replicou, com um largo sorriso.

Nikole prendeu a respiração.

— O marquês está bem? — perguntou. — Tenho medo que os russos...

— O marquês está muito bem — interrompeu-a Dawkins, procurando tranqüilizá-la. — Uma carruagem e uma guarda armada vieram buscá-lo, e também virão trazê-lo. Procure não se preocupar tanto agora.

Havia milhares de coisas que Nikole queria perguntar, mas sabia que não era apropriado conversar sobre tais assuntos com um criado do marquês.

Sua ansiedade impediu-a de alimentar-se direito. Depois de algum tempo e apenas uma ou duas mordidelas em uma fatia de pão, Nikole levantou-se e saiu para o convés, de onde se via algumas torres e a cúpula de um mosteiro.

Mas ela não tinha olhos para apreciar aquela vista. Pelo contrário, mais uma vez concentrava-se em rezar pelo marquês. E, enquanto assim o fazia, seu amor por ele voltou a percorrê-la como uma onda do mar, que toma de assalto a praia, apossando-se até do menor grão de areia.

O marquês também não dormira muito bem durante a noite. Preocupava-o o que ouvira quando descera a terra firme. Assim, logo cedo pôs-se em ação.

Mandara um mensageiro à embaixada britânica, que enviara uma carruagem e guardas para escoltá-lo.

O embaixador foi recebê-lo pessoalmente quando a carruagem chegou à embaixada. Sua excelência confidenciou-lhe tudo o que sabia sobre a atual situação da guerra. Em seguida, tendo formado uma opinião mais clara sobre o que deveria ser feito, foi levado até uma sala bem guardada, de onde transmitiu um cabograma especial para o primeiro-ministro.

O embaixador assegurou-lhe que, pelo menos por enquanto, os russos não haviam interrompido as linhas que permitiam o contato mais rápido entre Constantinopla e Londres.

A mensagem que o marquês enviou ao primeiro-ministro, em código secreto, dizia o seguinte:

Situação delicadíssima. A não ser que a Inglaterra faça um veemente gesto

de protesto, os russos tomarão Constantinopla. Imperativo agir imediatamente.

O marquês confiava em que o primeiro-ministro o entenderia. Agora só lhe restava esperar que, de posse daquela mensagem, lorde Beaconsfield e a rainha conseguissem convencer o Gabinete a agir.

Depois de agradecer o embaixador por sua preciosa ajuda, ele voltou para o barco. Ao descer da carruagem, viu que Nikole o esperava, uma enorme alegria estampada em seu rosto por vê-lo voltar a salvo. No entanto, agindo com deliberada intenção, preferiu evitá-la no momento e procurar o capitão.

Os motores foram ligados, e o *Cavalo Marinho* partiu, com inacreditável rapidez, em direção ao mar de Mármara.

O marquês continuou na ponte de comando até a hora do almoço, quando afinal juntou-se a Nikotcque, embora ansiosa para enchê-lo de perguntas, preferiu não arrancar-lhe confidências que talvez ele não quisesse fazer.

Somente depois que os criados deixaram o salão foi que o marquês comentou:

— Estou curioso em saber onde aprendeu a falar russo, e por que não me revelou antes essa sua habilidade.

Nikole sorriu, e respondeu:

— Você não me perguntou, e não me sinto exatamente orgulhosa por ter aprendido a língua deles.

— Por quê? Você os odeia? — quis saber o marquês. Nikole contou-lhe a respeito de Natasha e do modo vil como toda a família dela fora mandada para a Sibéria.

— Foi sua amiga também quem lhe contou sobre a existência da Terceira Divisão?

Ele ficara absolutamente atônito diante do que Nikole dissera para os russos. Nem mesmo no mais louco dos seus sonhos poderia ter imaginado tal atitude vinda de uma jovem inglesa tranqüila e tão pouco sofisticada.

A Terceira Divisão nada mais era que a polícia mais secreta do mundo, que só ao czar devia prestar contas dos seus atos. Natasha contara a Nikole como essa polícia se formara durante o reinado do czar Nicholas I, passando-a em seguida, estrategicamente, para o comando de um seu amigo, o conde Benokendorff.

Nikole explicou tudo isso ao marquês, que percebeu, pelos nomes e citações que ela fazia, que era tudo verdade.

— E foi exatamente essa Terceira Divisão — Nikole continuou —,

que fez o czar exilar o pai de Natasha, e só pode ter sido também ela que o fez voltar para a Rússia, para exilá-lo na Sibéria.

— Deve ter sido um choque para você descobrir tudo isso '— disse o marquês, sinceramente penalizado. — Mas devo confessar que fiquei estarecido quando ouvi você mandar aqueles homens embora com tanta esperteza e sabedoria.

— Nem eu mesma sei explicar o que aconteceu. Só sei que senti muito medo-que eles o levassem e eu... nunca mais pudesse vê-lo.

— E isso a entristeceria?

Nikole sentiu uma imensa vontade de dizer que o amava, e que preferia morrer a ter de se separar dele. Mas se assim fizesse, criaria um grande embaraço entre os dois, transformando o resto daquela viagem em um insuportável pesadelo.

Como o marquês não quisesse pressioná-la a responder rapidamente mudou a conversa para outros assuntos.

Logo depois do almoço, ele subiu outra vez para a torre de comando.

Jantaram praticamente em silêncio. Após a refeição, o marquês pegou um dos livros que trouxera e pôs-se a lê-lo, compenetrado.

Foi então que Nikole, achando-se a mais miserável de todas as criaturas, chegou à conclusão que o marquês entediara-se de sua presença. Por isso viajavam tão depressa de volta à Inglaterra.

A obrigação de manter-se em silêncio ao lado dele, dentro da mesma sala, tornou-se uma experiência por demais dolorosa. Naquela noite ela foi para a cama mais cedo. Embora cansada das tensões e amarguras do dia, demorou para dormir. E, quando afinal o fez, havia lágrimas em seus olhos.

O dia seguinte e o outro encontraram Nikole cada vez mais infeliz.

Estava perto do marquês, podia vê-lo, mas ressentia-se por encontrá-lo agora tão retraído, mesmo quando era ela quem lhe dirigia a palavra. Tentara descobrir a razão para essa mudança tão brusca de atitude, mas chegara apenas à conclusão de que o marquês arrependera-se de tê-la beijado naquela noite, e agora temia que Nikole tentasse tirar vantagem do fato.

Nikole passava a maior parte do tempo caminhando pelo convés, sob a luz do sol, a mente ocupada com um só pensamento: o marquês.

Desejava muito estar ao lado dele na ponte de comando, mas não se atrevia a ir procurá-lo. Tinha a impressão de que ele nem mesmo queria olhá-la.

— O que aconteceu? O que fiz de errado? — ela perguntava-se, desesperada.

Mas a razão a fazia lembrar-se constantemente de que o marquês fizera aquela viagem com um único fim: descobrir qual a real situação da guerra entre Rússia e Turquia. Isso feito, nada mais natural que ele ansiasse chegar logo à Inglaterra, longe de perigos e, melhor ainda, perto de lady Sarah.

— Sou apenas uma companhia provisória, já não tenho mais utilidade para ele. Tudo que o marquês quer fazer agora é livrar-se de mim... o mais depressa possível.

Seu travesseiro colhia as lágrimas sentidas que tais pensamentos faziam correr.

Mas de uma coisa estava certa: não ia tornar-se um empecilho para o marquês. Nem tentaria comprar Dawkins com promessas de dinheiro e coisas do tipo, se ele falasse bem a seu respeito junto ao marquês, como outras mulheres costumavam fazer. Fora o próprio Dawkins quem lhe confidenciara isso, em uma das vezes que conversaram.

— E você fazia o que elas pediam? — Nikole perguntara.

— Bem, eu apenas dizia ao marquês o que realmente pensava dessas mulheres — fora a resposta de Dawkins. — E, cá entre nós, nove em dez vezes ele concordava comigo!

Nikole sabia que nunca seria capaz de degradar-se a ponto de oferecer suborno a um criado para conseguir favores do marquês. Uma coisa era certa: fosse como fosse, o marquês teria de chegar sozinho às suas conclusões a respeito dela.

O *Cavalo Marinho* chegou a Atenas em um espaço de tempo que sem dúvida nenhuma constituía um recorde. Atracaram no porto às duas horas da manhã.

Nikole só se deu conta de que a viagem de iate terminara quando despertou, de manhã. O barulho e o tremor dos motores cessaram. Agora estava tudo muito quieto e sossegado.

Era mais uma etapa daquela aventura que findava, renovando o desespero em seu coração. Movida exatamente por esse desespero, Nikole rezou para que o marquês não resolvesse partir tão rapidamente quanto haviam chegado.

— Faça com que ele resolva ficar aqui pelo menos por alguns dias — ela implorou. — Seria tão maravilhoso estar com ele na Grécia...

Mas na verdade não lhe interessava mais estar em Atenas ou em

qualquer outra parte do mundo, mas sim adiar o momento em que teria de se separar.

Ainda era bem cedo quando Nikole se levantou. Por isso, estranhou quando, mal acabara de lavar-se, ouviu baterem à porta. Vestiu-se rapidamente e respondeu:

— Entre!

Dawkins entrou e, com um sorriso simpático, depois de cumprimentá-la, disse:

— O marquês manda avisá-la para preparar-se para descer à terra imediatamente após o café da manhã.

— Ele vai me levar consigo? — Nikole perguntou, excitada.

— Foi o que ele disse, senhorita. Uma carruagem já está a caminho para levá-los à embaixada britânica em Atenas.

Dado o recado, Dawkins saiu e fechou a porta.

Nikole ficou olhando para seu reflexo no espelho, não se vendo realmente, mas assustada com o que acabava de ouvir. Talvez o marquês fosse entregá-la aos cuidados do embaixador, incumbindo-o de mandá-la de volta sozinha para a Inglaterra, enquanto ele prosseguia viagem nos vagões reais. Pensando dessa forma, Nikole sentiu mais uma vez que o peso da dor e do medo crescia-lhe dentro do peito.

O vestido que escolhera para aquele dia estava bastante puído, mas isso não importava mais. De qualquer forma, o marquês não o notaria.

A impressão de que mesmo a Virgem do quadro a tinha abandonado só fazia aumentar-lhe a mágoa.

Ao subir para o salão encontrou-o vazio, exceto pelo marinheiro que a esperava para servir-lhe o café.

— Onde está o marquês? — ela perguntou.

— Ele já tomou seu café, senhorita, e a espera no cais. Imediatamente, com medo de aborrecê-lo ainda mais se o fizesse esperar, Nikole recusou o café e, apanhando suas luvas, saiu para o convés.

Bem à frente do iate, no cais, havia uma carruagem com a insígnia real nas portas.

Por um momento Nikole não conseguiu ver o marquês. Então o avistou, dando instruções para o segundo imediato e para Dawkins, ao lado da carruagem.

Tão logo Nikole desceu a prancha móvel e aproximou-se da carruagem o marquês despediu-se dos seus empregados e ajudou-a a subir no carro. Em seguida, partiram.

Haviam percorrido um trecho pequeno do caminho quando o marquês voltou-se para ela e disse:

— Tenho algo muito importante para lhe pedir, Nikole.

Ela olhou-o ansiosa, e viu que ele percebia seu nervosismo, cada vez maior. Seus lábios chegavam a tremer ligeiramente.

O marquês olhou-a por um longo tempo antes de perguntar:

— Nikole, você me ama?

Era uma pergunta tão inesperada que por um momento ela só conseguiu fitá-lo como a um fantasma. Tímida que era, a cor inundou-lhe as faces e suas pálpebras tremeram quando desviou o olhar.

O marquês estava esperando. Assim, reunindo suas forças numa voz que parecia vir de muito longe e que mal se podia ouvir, Nikole sussurrou:

— Sim.

— Creio então que não me enganei — foi tudo que o marquês comentou, desviando igualmente seu olhar.

Esse incidente só fez Nikole sentir-se pior, agora que o marquês lhe roubara até o orgulho próprio, dando a entender que tinha pena dela.

Seria melhor amá-lo sem que ele o soubesse.

Dentro em pouco chegavam diante dos portões da embaixada britânica. Nikole viu a bandeira da Grã-Bretanha tremulando no mastro enquanto o marquês lhe dizia:

— Não se surpreenda com coisa alguma que eu diga diante do embaixador. Apenas concorde comigo.

Ela não entendeu, mas não havia tempo para perguntas. A carruagem parou e um ajudante de campo veio ajudá-los a descer, conduzindo-os em seguida para dentro do prédio.

As sentinelas que guardavam a entrada da embaixada apresentaram armas, e o marquês saudou-as respeitosamente.

Foram então conduzidos para a sala onde o embaixador os esperava.

Tratava-se de um homem bonito, os cabelos começando a tornarem-se grisalhos, lembrando a Nikole, ainda que vagamente, seu pai.

— É um prazer enorme vê-lo, milorde — disse ele ao marquês. — Não fazia idéia de que se encontrava na região, a não ser quando me informaram, muito depois que o senhor partiu, que os vagões reais estavam na estação.

— Tive de ir a Constantinopla em missão secreta — replicou o marquês. — Mas deixe-me apresentar-lhe a senhorita Tancombe, a quem

descobri presa na cidade sitiada, sem ter como fugir de lá.

O embaixador apertou a mão de Nikole, dizendo:

— Deve ter sido uma experiência muito angustiante, senhorita Tancombe.

Nikole sorriu apenas, enquanto o marquês continuava:

— Agora que consegui trazê-la sã e salva até aqui, ficaria imensamente grato a sua excelência se pudesse cuidar dos preparativos para que nos casássemos imediatamente!

O embaixador olhou surpreso de um para o outro, enquanto Nikole sentia tamanho frio percorrer-lhe a espinha que teve medo até de desmaiar. Não era possível que tivesse ouvido o marquês dizer uma coisa dessas. Mas enquanto ainda pensava que seus ouvidos haviam lhe pregado uma peça, o marquês tomou-lhe a mão entre as suas e apertou-lhe carinhosamente os dedos, como que para dar-lhe confiança.

O coração de Nikole disparou, como se não pudesse suportar tanta alegria.

— É claro, milorde, que seu casamento pode ser arranjado — estava dizendo o embaixador. — Mandarei chamar imediatamente o meu capelão.

— Muito obrigado — agradeceu o marquês. — Tenho muito que conversar com o senhor. Enquanto isso, há algum lugar onde minha noiva possa descansar um pouco?

— Ela pode ficar com minha esposa. Tenho certeza que ela gostará muito de conhecer a senhorita Tancombe.

Ele sorriu para Nikole, e disse:

— Deixe-me levá-la até ela.

Nikole olhou para o marquês, e viu um sorriso largo em seu rosto e uma expressão de contentamento em seus olhos que não lhe foi difícil interpretar.

— Deixe tudo por minha conta — ele disse então, suavemente, de modo que só Nikole pudesse escutar.

O embaixador chegara até a porta e a estava abrindo. Nikole o alcançou, e foi introduzida na ala privada da embaixada.

A embaixatriz encontrava-se em uma sala de estar confortável e muito aconchegante.

O embaixador apresentou Nikole, dizendo:

— Esta pobre jovem estava encarcerada em Constantinopla. O marquês de Ridgmont acaba de libertá-la.

E, sorrindo, ele continuou:

— O marquês pediu-me para providenciar o casamento dos dois tão logo eu possa encontrar o capelão. Tenho certeza de que, enquanto o mando chamar, minha querida, você cuidará da senhorita Tancombe.

— Mas é claro! — replicou a embaixatriz. — Mas que excitante, um casamento aqui! Deve ter sido muito assustador estar em Constantinopla com todos aqueles russos horríveis aproximando-se mais e mais a cada dia!

— Foi... maravilhoso ter encontrado o marquês lá — Nikole respondeu.

— Deve ter sido mesmo, pois agora vocês vão até se casar, não é? Oh, mas que história mais romântica!

Então, percebendo o estado das roupas de Nikole, ela continuou:

— Suponho, minha querida, que você tenha vindo embora com uma bagagem muito pequena.

— Sim, muito pequena — replicou Nikole, sinceramente.

— Ora, ora, mas podemos dar um jeito nisso também. Agora deixe-me pensar... tenho duas filhas, e uma delas é do seu tamanho, creio eu.

Quando percebeu o que a embaixatriz pretendia fazer, Nikole apertou as mãos uma na outra. Mais do que qualquer coisa, gostaria de estar bem bonita para o marquês.

— Venha, suba comigo — estava dizendo a embaixatriz. A certeza de Nikole de que tudo aquilo não passava de um sonho crescia a cada minuto.

Quando o embaixador voltou para junto do marquês, comentou:

— Minha esposa cuidará da senhorita Tancombe. Mas deixe-me parabenizá-lo, milorde! É certamente uma das jovens mais belas que já vi na minha vida!

— É o que eu também acho — replicou o marquês.

— Agora, conte-me — continuou o embaixador. — O que está acontecendo em Constantinopla no momento?

— Pensei que talvez o senhor tivesse notícias mais recentes que as minhas — respondeu o marquês. — Navegamos até aqui com a maior rapidez possível. Quando partimos de lá, o destino de Constantinopla pendia por um fio!

O embaixador sorriu ao ouvi-lo dizer tal coisa.

— Então tenho boas notícias para você. Ainda esta manhã o almirante Thornby colocou seu exército na baía de Besika, vindo de Dardanelos.

O marquês recostou-se na cadeira, aliviado.

— Era exatamente o que eu esperava ouvir!

— Essa manobra servirá para alertar os russos de que a Inglaterra precisa ser considerada antes que o czar tome qualquer atitude mais drástica, e que nossos chefes de Estado aguardam ser consultados quanto aos termos de um armistício.

— Espero que o senhor esteja certo! — exclamou o marquês, bastante contente.

— Se quer saber minha opinião — continuou o embaixador —, o grão-duque Nicholas sabe que o Exército russo não está em condições de travar uma guerra contra a Inglaterra.

O marquês pensou, com satisfação, que afinal seu cabo-grama despertara o Gabinete para aquele problema. Vendo-o sorrir sozinho, o embaixador observou:

— Não vou lhe perguntar nada, milorde, mas tenho certeza de que foi grande a sua participação na tentativa de solucionar este caso. De qualquer forma, tenho agora dois motivos para comemorar: o fato de que a Rússia não mais tomará Constantinopla, e seu casamento, que não tarda a se realizar.

Uma hora e meia mais tarde Nikole desceu, acompanhada pela embaixatriz, depois de lhes terem comunicado duas vezes que o capelão já as esperava.

— Deixe-os esperar — dissera a embaixatriz quando foram chamadas pela segunda vez. — Não há noiva que não se atrase um pouco.

— Espero que o marquês não se zangue — dissera Nikole um tanto nervosa.

— Ora, ele também pode esperar mais um pouco — replicara a embaixatriz. — O marquês com certeza perceberá que valeu a pena, quando vir como você está adorável.

Seu reflexo no espelho mostrava a Nikole uma pessoa muito diferente daquela que havia pouco chegara à embaixada. Muito solícita, a embaixatriz arranjara-lhe um vestido de noite branco, que pertencera à segunda filha. Um alfinete na cintura foi todo o ajuste necessário para que o vestido lhe caísse perfeitamente. Era belíssimo, de *chiffon* macio, com a saia feita de babados que terminava numa pequena cauda. O tecido que adornava os ombros de Nikole estava salpicado de pequeninas lantejoulas, dando-lhe a aparência de uma flor, cujas pétalas abrigassem gotas do orvalho.

A criada da embaixatriz, muito habilidosa, fizera nos cabelos de Nikole um penteado muito bonito. Um pedaço de tule, usado originalmente

para enfeitar outro vestido, transformou-se rapidamente em véu.

A suavidade daquele tecido deu a Nikole uma aparência etérea.

Pequena tiara de diamantes, pertencente à embaixatriz, serviu para fixar o véu.

— Agora você se parece realmente com uma noiva! — dissera a boa senhora, deliciada.

A criada abriu-lhes a porta e elas desceram lentamente os degraus da escada.

O marquês e o embaixador levantaram-se quando Nikole entrou, caminhando timidamente em direção a eles. Quando aproximou-se mais do marquês, ele olhou-a por um longo momento, antes de dizer:

— Era assim mesmo que eu a queria agora!

— O capelão está esperando — lembrou-os o embaixador, muito discretamente.

Antes que fossem para a capela, o marquês caminhou até uma cadeira e pegou um buquê de flores. Só quando ele o estendeu em sua direção foi que Nikole percebeu que eram todas rosas tingidas especialmente de azul.

Sabia que ele as escolhera por causa do quadro *A Virgem no Jardim de Rosas*. Um simples olhar bastou para agradecer-lhe a lembrança.

O marquês ofereceu-lhe o braço, enquanto o embaixador e a esposa adiantavam-se para indicar-lhes o caminho até a capela.

O capelão lá se encontrava, com todos os seus paramentos, esperando-os para realizar a cerimônia. Ao fundo, alguém tocava órgão suavemente.

Ao ser conduzida pela passarela central da capela até o altar, Nikole sentiu a presença de seus pais ali dentro, alegres em ver-lhe a felicidade.

O capelão oficiou o casamento, dizendo belas palavras de aconselhamentos aos noivos. Em seguida, o marquês colocou no dedo de Nikole um anel com seu selo, o presente mais valioso do mundo para ela.

Quando se ajoelhou para receber a bênção final, Nikole teve a certeza de que haviam sido suas preces para *A Virgem no Jardim de Rosas* que os unira.

Inacreditavelmente, o marquês a amava!

Finda a cerimônia, Nikole pensou que preferia voltar imediatamente com o marquês para o iate, em lugar de ficar para o almoço na embaixada. Foi uma grande alegria, portanto, quando o marquês a levou direto à porta da frente da embaixada, onde a mesma carruagem os esperava.

— Que os nossos votos de felicidade os acompanhem para sempre!
— saudou-os o embaixador.

— Sou muito grato a vocês por tudo que fizeram — respondeu o marquês.

A embaixatriz, emocionada, deu um beijo de despedida em Nikole.

— Você é uma moça de muita sorte, e o mesmo posso dizer quanto ao marquês. Tenho certeza de que será uma das mais belas damas que a corte inglesa já conheceu!

— Assim espero — disse Nikole, agradecendo.

— Pode mandar-me a tiara de volta quando chegarem ao iate. Foi um presente do meu marido, por isso não posso me desfazer dela. Mas, por favor, aceite o vestido como um presente de casamento.

— Tem certeza de que é isto que a senhora quer? — Nikole perguntou, emocionada, diante da demonstração de bondade.

— Eu deveria dar-lhe um buquê de rosas de prata — riu a embaixatriz — mas acho que acabei lhe dando um presente muito mais útil. Minha criada providenciou uma pequena mala com alguns vestidos para você ir usando até chegar a Londres, bem como algumas camisolas e chinelos.

— Como posso agradecer tanta generosidade?! — exclamou Nikole, beijando a embaixatriz novamente, antes de subir na carruagem.

O marquês juntou-se a ela e partiram. Mal tinham se afastado da embaixada, ele tomou-lhe a mão entre as suas e levou-as até os lábios para beijá-la.

— Ainda não consigo acreditar que tudo isso seja verdade — confessou Nikole.

— É a mais pura verdade, minha querida — respondeu o marquês.

— E você terá a prova do que estou dizendo, assim que chegarmos ao *Cavalo Marinho*.

Toda a tripulação do iate estivera muito atarefada na ausência deles. Havia enfeitado todo o barco com flâmulas e bandeirolas, e prendido buquês de flores à prancha de embarque.

Um apito saudou-os alegremente quando subiram a bordo, onde todos os marinheiros e demais empregados, juntamente com o capitão, deram-lhes três vivas.

O marquês agradeceu a todos antes de levar Nikole para o salão.

Nikole arrumava o véu de tule quando o iate se pôs em movimento. Antes de deixarem definitivamente o porto, um camareiro trouxe-lhes um almoço leve, mas bastante apetitoso.

Para Nikole, no entanto, era impossível concentrar-se naquela refeição. Só o que via no momento era o marquês sentado a seu lado, contando-lhe animadamente sobre os navios de guerra britânicos que navegavam naquele instante pelo Dardanelos. E ela sabia que seu marido era o responsável por aquele grande feito.

— Ele é tão inteligente e tão... maravilhoso — disse para si mesma.

— Como é possível que me ame?

Quando terminaram de almoçar e ficaram a sós, o marquês disse:

— Tenho muito que conversar com você, minha querida. Mas não quero que nos perturbem. Acho melhor irmos lá para baixo.

Se tivesse lhe pedido para subir num arco-íris até o céu, a seu lado, Nikole também teria concordado.

O marquês levou-a para a cabine dele. Nikole entrou, mas imediatamente parou, atordoada pelo que viu.

Todo o lugar estava decorado com flores. E seu aroma inconfundível revelou-lhe que eram todas rosas, de todas as cores e matizes. Com exceção da cabeceira da cama, onde só havia rosas azuis.

— Mas como você pôde ter a idéia de fazer algo tão encantador! — ela exclamou.

— E eu seria capaz de pensar em outra coisa, tendo você por perto?

— perguntou o marquês, sorrindo. — Eu sei, meu amor, que você tem rezado para *A Virgem no Jardim de Rosas* desde que a conheço, e mais especialmente quando estive em perigo.

— Isto é verdade — Nikole concordou. — Mas... pensei que...

Ela desviou o olhar.

— Você pensou o quê? — o marquês quis saber.

— Que você estava aborrecido comigo — ela sussurrou.

— Aborrecido? Tem sido uma tortura indescritível não apertá-la junto a meu corpo e beijá-la, desde que saímos de Constantinopla.

— Então por que você esteve tão distante? Não entendo...

O marquês passou-lhe os braços ao redor dos ombros, e sentaram-se na beirada da cama.

— Minha querida, quando a beijei naquela noite, sabendo que os russos nos ouviam do lado de fora, percebi que a amava como eu jamais amara nenhuma mulher antes.

Ele a puxou mais para perto, seus lábios percorrendo a suavidade do rosto de Nikole antes de continuar:

— Tive então certeza quase que absoluta de que você sentia o

mesmo, e que havíamos sido feitos um para o outro.

— Mas... por que não me disse isso naquele momento?

— Porque, minha querida, eu a trouxe nesta viagem para minha própria conveniência, apenas como uma companhia. Nem por um momento imaginei apaixonar-me por você. Mas isso aconteceu porque percebi que você tinha todas as qualidades da mulher que eu sempre sonhara ter ao meu lado pelo resto dos meus dias.

Nikole escondeu o rosto contra o pescoço dele.

— Como minha futura esposa — o marquês continuou —, eu precisava de você exatamente como estava: pura, santa e intocada, até que tivesse a oportunidade de pôr um anel em seu dedo e saber que você é minha.

— Como eu poderia ter adivinhado quais eram os seus sentimentos?

— Nikole murmurou.

— Eu experimentava um desejo ardente e violento de beijá-la e despertá-la para a maravilha que é o amor. Mas eu sabia que você não se entregaria até que estivéssemos realmente casados.

Agora Nikole entendia. Nenhum homem poderia ter sido mais sensível ou mais intuitivo quanto aos seus sentimentos.

— Agora você é minha — disse o marquês, em sua voz grave —, e isto, meu amor, é tudo por que esperei durante muito tempo. Não mais terei de passar noites acordado, tentando acalmar a necessidade que sinto de você.

Ele fez uma pausa por um momento e então continuou:

— Não ousei olhar demais para você esses dias, com medo de não ser capaz de resistir aos seus encantos. Oh, Nikole, como eu amo você!

— Eu também te amo!

O marquês beijou-a com muita gentileza, como se ela fosse uma rosa, delicada e preciosa. Consciente porém da chama que lhe incendiava o peito, e certo de que Nikole sentia o mesmo, seus lábios procuraram os dela com mais ardor, as mãos rápidas, e abriu o vestido de *chiffon* que ela usara no casamento.

Afinal, o marquês deitou-a sobre a cama cercada de rosas. Foi então que Nikole percebeu sua nudez. Timidamente, puxou os lençóis sobre seus seios.

As rosas, como que se aproximavam, espalhando sobre ela aquele magnífico odor.

Quando o marquês tomou-a novamente nos braços, Nikole sentiu-lhe o coração batendo tão violentamente como quando os russos o haviam

ameaçado. Mas agora batia por amor, e não por medo.

— Eu... sou mesmo sua esposa?

— Isso é o que vou provar para você — ele respondeu. — Mas tenho medo de assustá-la, como da primeira vez em que a vi.

— Naquele dia eu estava com medo porque Jimmy e eu tínhamos feito algo de muito errado. Mas agora é diferente. Eu sei que fomos unidos por Deus, e pela Virgem, que o protegeu dos russos.

— Ela trouxe você para mim — emendou o marquês. — Quando pendurarmos o quadro em nosso quarto de dormir em Ridge, poderemos olhá-lo juntos, e nos lembraremos o quanto fomos abençoados. — Estreitando-a mais em seus braços, ele continuou: — Durante toda minha vida eu a procurei. Agora que a encontrei, jamais deixarei que você se vá. Você é minha, Nikole, minha, completa e absolutamente, e eu a amarei por toda a eternidade!

E ele beijou-a novamente, pondo nesse gesto de carinho todo o seu ardor e paixão.

Sentindo que um fogo começava a crescer-lhe dentro do peito, Nikole permitiu que aquela chama se juntasse à do marquês, e dessa forma se fizessem um, concretizando aquela união.

Agora eram como o sol, a lua, as estrelas, e também as rosas que vinham de Deus.

O sol perdera a força e logo a noite deitava seu véu sobre o mundo.

— Eu te amo! — Nikole murmurou.

Ela dissera aquelas palavras uma centena de vezes naquele dia, mas a cada vez elas lhe pareciam ainda mais novas.

— Você é perfeita! — retrucou o marquês, que nunca esperara encontrar tal qualidade em uma mulher.

Com um sorriso maroto no rosto, ele acrescentou:

— Tenho um presente para você, mas terá de esperar até chegarmos a Paris para que eu possa dá-lo por inteiro.

— Nós vamos para Paris? — Nikole perguntou.

— Para comprar um enxoval completo para você, minha querida. Prometo comprar vestidos maravilhosos para você, para deixá-la ainda mais bela!

Então ele riu, e disse:

— Na verdade, prefiro você sem nada.

Nikole corou.

— Você está me deixando vermelha — ela reclamou, timidamente.

— Adoro vê-la assim — e puxou-a mais para perto. Mas, lembrando-se do que começara a dizer, continuou: — Agora que você tem algumas roupas bonitas, que a embaixatriz lhe deu, vamos parar em Veneza.

— Oh, eu tenho tanta vontade de conhecer essa cidade! — Os vagões reais nos encontrarão lá. E, desta vez, não haverá vestibulo algum a.nos separar.

— Nós ficaremos juntos... na cama da rainha! — Nikole sussurrou.

— Desde que eu possa fazer amor com você, não me importa onde fiquemos. Mas agora deixe-me dar-lhe seu primeiro presente.

O marquês curvou-se e apanhou alguma coisa do chão.

Sem que Nikole percebesse, ele havia apanhado um jornal na sala de estar do iate. Era o *The Morning Post* de uma semana atrás.

O marquês virou as páginas rapidamente, até encontrar a notícia que queria que Nikole lesse.

Ela apanhou o jornal, tentando imaginar o que seria que pudesse interessá-la. Então ela leu:

A TRAGÉDIA DE UMA NOBRE SENHORA

Lady Hartley, viúva de lorde Hartley de Malcombe, faleceu em um trágico acidente ocorrido nas proximidades de sua casa, em Essex.

Durante um passeio em sua carruagem puxada por dois cavalos, o eixo entre as rodas partiu-se e feriu um dos animais, desgovernando-o. Os dois cavalos precipitaram-se por uma colina íngreme, sem que o cocheiro pudesse detê-los.

Junto a uma ponte estreita ao pé da colina, acabaram por virar a carruagem. O cocheiro sofreu apenas ferimentos leves e pequenas contusões.

Lady Hartley, no entanto, foi esmagada pelo veículo e morreu poucas horas depois, após ter sido recolhida em uma casa das redondezas.

Antes de falecer, lady Hartley fizera um novo testamento, deixando o gato “Floquinho de Neve”, a casa e tudo o que possuía para seu sobrinho sir James Tancombe, décimo baronete de King’s Keep, Herfordshire.

Sir James no momento encontra-se em viagem pelo exterior. Seus advogados não estão medindo esforços para localizá-lo o mais breve possível.

Nikole leu a história toda até o fim, e então soltou uma exclamação em voz alta. O marquês só a observava. De repente, ela riu.

— Floquinho de Neve! Foi Jimmy quem o deu para tia Alice, por

isso ela resolveu fazê-lo seu herdeiro!

E ela riu de novo.

— O que quero dizer — Nikole continuou —, é que afinal de contas, Jimmy não roubou *A Virgem no Jardim de Rosas*, porque agora o quadro é dele!

— Contra isso devo protestar veementemente! — replicou o marquês. — Este quadro é nosso, meu amor, e jamais permitiremos que ninguém o tire de nós.

— Sim, claro! Você tem razão.

Atirando o jornal no chão, Nikole voltou-se para seu marido.

— Agora não preciso mais sentir-me culpada quanto a Jimmy, e nem quanto ao destino de *A Virgem no Jardim de Rosas*. O odor dessas rosas encherão nossa casa de amor. E nossos filhos serão tão felizes como nós.

— Filhos? — repetiu o marquês, suavemente. Nikole encostou o rosto no dele e cochichou:

— Quero lhe dar um filho tão maravilhoso e tão bonito quanto você.

O marquês abraçou-a tão forte que Nikole mal pôde respirar.

— Quero ter filhas também — disse ele —, tão perfeitas quanto você. Mas, por enquanto, já me contento pelo fato de estarmos juntos, e de você ser minha!

E mais uma vez, sob as bênçãos de *A Virgem no Jardim de Rosas*, confirmaram na terra aquela união há muito realizada nos céus.

QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de 350 milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

A MAGIA DE PARIS

Lady Eva viu-se sozinha em Paris, sem dinheiro e sem ter a quem recorrer. Temerosa, com lágrimas nos olhos, ia sentar-se num banco de jardim, quando se aproximou dela uma mulher ricamente vestida, empoada como uma atriz de teatro e ofuscante como o sol do meio-dia, tal a quantidade de jóias que usava. Sem rodeios, esta foi logo lhe dizendo: “Venha comigo, jovem, em minha casa terá oportunidade de conhecer os mais ricos e poderosos homens. Vou transformá-la na cocotte mais requisitada de Paris!”

Edição Extra de Férias nº 18

OS PERIGOS DE PARIS

As velas dos candelabros de prata foram apagadas. Nenhum dos convidados do cardeal de Rohan ousava falar. Todos os olhares estavam fixos no temível conde de Cagliostro, o famoso adivinho da corte de Luís XVI, que a pedido do anfitrião iniciava o ritual cabalístico para descobrir o paradeiro da jovem noviça, fugitiva de um convento. Aimée, trêmula ao lado do belo duque de Melyncourt, apertando-lhe nervosamente a mão, acompanhava cada gesto daquele homem assustador. Seria descoberta? O mago teria poderes para revelar que ela se encontrava ali, no próprio palácio do odiado cardeal que a perseguia?